ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 427 ANO 51.º PREÇO 1$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág 20 pode encontrar uma ajuda...

TOTOBOLA

A poluição mata 10 000 pessoas por ano em Nova York

ATLANTIC CITY (New Jersey), 29 — (F. P.) — A poluição atmosférica seria responsável pela morte de dez mil pessoas, todos os anos, em Nova York, ou seja 12 por cento das mortes registadas naquela cidade.

Estes numeros, citados durante um colóquio organizado pela associação para o controlo da poluição do ar, resultam das investigções levadas a cabo durante um período de seis anos por membros do colégio de medicina Albert Einstein. Estes pensam que «aproximadamente 10 000 mortes não teriam ocorrido se não tivesse havido poluição do ar».

Os efeitos da poluição são especialmente perigosos para as pessoas que sofrem de doenças cardíacas ou respiratórias.

HOJE 40 PÁGS.

VISADO PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS NA PÁGINA 28

Aproxima-se o dia marcado para a eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas». As candidatas, entretanto, preparam-se para disputar o título, levando o seu cuidado ao ponto de aprenderem os segredos de uma conveniente apresentação em público, para o que recebem lições numa escola de manequins. A foto acima foi obtida durante uma dessas aulas, na qual participaram todas as finalistas do certame que é promovido por iniciativa do «Diário de Lisboa» **(Ler notícias na 2.ª página)**

A CANTORA NA PEDREIRA — Ann Howard, estrela da companhia de ópera do Sadler's Wells, acaba de passar uma experiência curiosíssima: tendo ido ensaiar para uma pedreira em Marsden, cujas condições de ressonância são invulgares, foi pouco depois impedida de continuar devido à iminência de aluimentos... É o que se chama uma voz de peso

POLÍTICA INDUSTRIAL E ASPIRAÇÕES DO POVO DEBATIDAS PELA SEDES

«Em que medida é que a nova política industrial vai ao encontro das aspirações da maioria da população portuguesa, nomeadamente nos aspectos que dizem respeito á repartição equilibrada de rendimentos e á melhoria das condições de trabalho»? Esta foi uma das interrogações em que se baseou o debate sobre «Política Industrial», realizado na sede da «SEDES».

O tema foi introduzido por uma mesa constituída pelos srs. dr. Domingues Megre, Manuel Bidarra e eng. Torres, servindo de moderador o eng. João Botequilha.

Abrindo a sessão, o eng. Botequilha começou por afirmar que a iniciativa da proposta

(Continua na 6.ª página)

TERMINA AMANHA O PRAZO PARA ENTREGA DOS CUPOES DE IDENTIFICACAO

Apenas mais um dia e deixará de ter hipótese de se habilitar a um dos valiosos prémios que o «Diário de Lisboa» oferece aos seus leitores na segunda fase da iniciaiva com que iniciámos o ciclo comemorativo dos cinquenta anos do nosso jornal.

Termina, pois, amanhã o prazo para a entrega dos cupões-duplos de identificação que, depois de preenchidos com letra bem legível, deverão ser enviados, juntamente com um selo de 1$00 aos nossos serviços na Rua Castilho, 185-1.º—Lisboa 1.

LEITOR DO Diário de Lisboa

Este é o primeiro passo a dar para se

(Continua na 10.ª página)

uma iniciativa do DL

MAIS PRÉMIOS NO CONCURSO DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

a 3.ª classificada irá passar um fim-de-semana a Ofir

As 12 finalistas do concurso das «Teen-Agers» visitam hoje à noite o «Apolo-70» onde jantarão, a convite da administração deste importante e modernissimo estabelecimento. Num dos intervalos da sessão de cinema as «Teen-Agers» serão apresentadas ao público e receberão inúmeros presentes pelas firmas com lojas naquele drugstore, e que são: um ramo de flores, oferta da administração do «drugstore» Apolo-70; um rádio da marca «National» oferta de Raio de Luz Lda., «hot-pauts» em camurça oferta de Penelope; «hot-pants» em malha de seda, oferta de «boutique» Linha 20; roupa interior «formfit», perfumes franceses, oferta da Perfumaria Apolo-70; Candeeiros J. G. oferta de Candeeiros J. G., peças de artesanato, oferta de «O Florão»; livros, oferta de Almeida & Leal, Lda.; discos, aferta de Valentim de Carvalho; «mise en plis», oferta do cabeleireiro de senhora do Apolo-70; desodorizantes, oferta de Fenícia; artigos de charcutaria, oferta da Charcutaria Garrafeira-900; artigos de sirgaria, oferta da sirgaria Casa Ribeiro; vales-cheques, oferta da Tinturaria Portugália.

Finalmente a Agência de Viagens Mercury Turismo, com o local de venda n.º 1 do «drugstore» decidiu oferecer á 3.ª classificada do concurso nacional e a uma acompanhante viagens de ida e volta a Ofir e estadia durante um fim-de-semana no Hotel de Ofir.

A lista de prémios das finalistas do concurso das «Teen-Agers» 1971 ficou assim consideràvelmente aumentada, graças à colaboração do «drugstore» Apolo-70, o maior da Europa.

Até há bem poucos anos só um reduzido número de lisboetas saberia o que era um «drugstore». Hoje, especialmnte depois da inauguração do «Apolo-70», toda a gente sabe e pode aproveitar agora do aparecimento de vários complexos que reunem num só local o maior número possível de actividades comerciais, com horário de dois turnos (16 horas por dia).

Projectado pelo engenheiro Augusto Silva e decorado por Paulo Guilherme, o «Apolo-70» é a última palavra no género quer pelo arrojo da concepção quer pelas soluções de funcionamento adoptadas. Foi construído em 14 meses e ocupa uma área de 8.000 m2 distribuída por dois pisos. Foi inaugurado há um mês e, sendo o mais jovem «drugstore» de Lisboa, o «Apolo-70» não quis alhear-se do concurso de juventude que o nosso jornal está a organizar, decidindo colaborar também.

O magnífico hotel Praia-Mar, vendo-se em primeiro plano a piscina privativa

Algumas das finalistas ao concurso de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» são iniciadas nos segredos de «passar» em publico. As lições foram ministradas na escola de manequins Juno e, certamente, serão proveitosas para as jovens que, no próximo dia 3, vão disputar, na Estufa Fria, o 1.º lugar do concurso e, consequentemente, o direito de representar Portugal na eleição da «Princesa Mundial das Teen-Agers 1971», que decorrerá no Casino Estoril

PRAIA-MAR DE CARCAVELOS: O HOTEL DAS «TEEN-AGERS»

Se não houvesse mais, havia o restaurante no 8.º piso, com a sua deslumbrante vista sobre o Tejo, com o seu notável panorama que tudo abrange desde a Ponte a Cascais e a Sintra, para indicar que as «Teen-Agers» vão ficar (permanecer, viver, durante os dias que precedem a eleição) no mais agradável Hotel da Costa do Sol: o **PRAIA-MAR** de Carcavelos.

Pois será assim. Nas belas «suites», na sua maior parte com terraços amplos e soalheiros todos voltados ao mar, é que as jovens (este ano pela primeira vez em Portugal e numa organização do «Diário de Lisboa») discutem o título mundial da «Teen-Agers-71».

Vão ser uns dias de prazer, com o Tejo em frente e aquela piscina de água clara, servida por um bar próprio, num ambiente espaçoso e discreto, sem o barulho dos grandes centros, nem a perturbação dos meios excessivamente frequentados.

«Teen-Agers» de todo o Mundo, desde a sua chegada no próximo dia 2 de Julho até á sua partida no dia 11, depois da eleição da mais «Teen-71» no dia 10, no Casino do Estoril, vão estar no Praia-Mar, ali, em Carcavelos, a 15 quilómetros de Lisboa — afinal a um salto de quem as queira ver antes do grande dia.

Não será o caso, pois, as «Teens» (podemos, desde já, divulgá-lo) têm um vasto programa social a cumprir, com recepções, visitas, deslocações e encontros, mas, no Praia-Mar, as concursitas têm tudo o que uma jovem pode desejar para fazer do seu dia-a-dia um motivo de interesse e atracção: salões de estar e de leitura, «boite» e bares com ar condicionado, não contando com a piscina e, a poucos metros do Hotel, as belas praias da Costa do Sol, incluindo Carcavelos, que lhe fica a dois passos.

PRAIA-MAR, uma residência a que já chamam o **HOTEL DAS «TEEN-AGERS»**.

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:
- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLON);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina — Academia Internacional de Estética);
- Gama completa de produtos Lyncée;
- Gama completa de produtos Revlon.

PARA A 2.ª:
- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:
- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);
- Um rádio GRUNDIG modelo «Elite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLON da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCÉE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);
- Produtos BRECK (oferta da Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.).
- Botas altas (oferta da Sapataria Bola de Prata).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.

TEEN-AGERS
PRINCESA MUNDIAL
Diário de Lisboa 1971
LISBOA-PORTUGAL

ELEIÇÃO NO CASINO ESTORIL E BAILE DE GALA NO RITZ

MANIFESTAÇÕES DE INTERESSE NO PROGRAMA DO «MUNDIAL»

A LENTE da memória

VIAGEM DE AURA A AURA

Aura! Reencontrei-te na novela de Carlos Fuentes. Mas não vivias acaso há muito em mim, sombra, mulher metamórfica, aparição nocturna repetida, obsessiva, suma perfeição e suma miséria, estátua feita de espinhos, feixe de caricias sufocadas, entre o ouro da imagem pia a desfazer-se e a rosa ligeira das valsas?!...

Sim, Aura, falsa memória, teus seios de mármore aquecido, teus lábios só de fumo avermelhado, vejo-te envelhecer agora num segundo, e é com amor que cravo no teu ventre a sonda da razão e recolho serradura de sonho na palma das minhas mãos secas. Eras assim, quase sem palavras, olhos de Junho maduro, girando no círculo da ilusão, há vinte, há quantos mais anos, no tempo da leviandade sincera, das juras salgadas, dos contornos tomados por corpos...

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Quando em Lisboa havia ruas cujo nome esqueci, ou que nunca mais soube encontrar, tão semelhantes à Rua Donceles da Cidade de México e casarões antigos com pátios de acessos escuros irrecuperáveis, esconderijos muito secretos, as mesmas plantas odorosas que não se distinguiam nem se palpavam. Aquele perfume adormecedor e espesso...

Uma noite achei, sem procurar. Havia tambem luzes débeis pestanejando, madeiras velhas rangendo. E outras coisas: um nevoeiro muito silencioso com diamantes esfaceladas pelas esquinas, presas aos candeeiros, que, às vezes, lentamente, voltecvam no ar morno e húmido. E vinha-me inspeccionar a chaveira, cingida no seu cinto de ferros chocalhantes. Ela, nunca mais a vi (não pude redescobrir aquela casa de uma só noite nas noites vulgares do bairro sujo). ela era a festa dos sorrisos inesperados, toda a face ensombreada pelas pestanas azuis, incestuosas e doces, conhecíamo-nos de há um minuto e de sempre e para sempre...

Cheirava o meu tronco adolescente molhado de suar, reluzente de êxtase. Beijava-me as orelhas frias, para as aquecer. É claro que não me surpreendeu naquele instante que ela nada quisesse aceitar de mim senão, direi?, a ponta de uma madeira castanha, encaracolada, que cortou meticulosamente com a sua tesoura de unhas. E nem lhe perguntei o nome, o verdadeiro, que o outro já o esquecera. O que é ridículo? o que é comovente?, o que é obsceno? Tudo questão de optica, de idade, lugar e condição...

E eis que o seu rosto moreno, o gosto a lírios do seu ombro mordido, a mudez estranha e deslumbrada, sem identidade, mãe, irmã, companheira mais velha de jogos lascivos, puríssimos, achada e logo perdida, no dedalo da névoa na Lisboc clandestina, no corredor longuissimo de uma nostalgia adormentada— tudo desperta nos gestos incertos de Aura, delgada como uma escultura medieval, agarrando o espaço vazio em sua ânsia de reter, pelo fulgor de mais uma alegria, o tecido corpóreo da juventude corroída, vivida, sorvida.

«FINANCIAMENTO DA EUROPA» TEMA DO SEMINÁRIO PROMOVIDO PELO BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Chegam amanhã a Lisboa importantes individualidades da banca internacional, entre as quais se salientam os srs. Eusébio Armada — Banco Espanhol de Crédito, Madrid; Hans J. Bidermann — Rahn & Bodnner Bankers, Zurich; Arnold Curtis — Midland Bank, Londres; R. R. Erbrich — National Wastminster Londres; Jean Frére — Banque Lambert, Bruxelas; Paul F. Genachte — Chase Manhattan Bank Madrid: Nicolas V Mc Clausland — Manufacturers Hanover Trust Company, N. York; Georg Oechler — Union Bank of Switzerland, Zurich; Eng.º Luís Vaz Pinto — Irving Trust Company, Londres; Joseph Rand — Export Import Bank, Viena; Dean Ross — First National City Bank, N. York; Timothy Boyd Wilson — Morgan Trust Co., Londres; E. Bindert — Deutsch Bank, Dusseldorf; M. Durand — Banque International de Paris; M. Simon-Bank of America, S. Francisco; Ph. Duvieusart — Kredietbank S. A., Luxemburgo; A. Mc Cullough — Export Import Bank, Washington e J. Sten Northwestern National Bank of Minniapolis, Minnosota, que participarão no Seminário sobre o tema «Financing in Europe».

Este Seminário, que é patrocinado pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, começa amanhã no Hotel Ritz, e finda no próximo dia 2.

Com a colaboração do Management Centre Europe de Bruxelas, o Seminário que está a despertar enorme interesse nos meios financeiros nacionais e estrangeiros, será presidido pelo sr. J. Adant, membro do Management Committee da Societé General de Banque S. A. de Bruxelas, sendo principais conferencistas os srs. D. J. Moore, director do Allied Irish Investement Bank de Dublin; dr. S. R. F. Plasschaert, director do Banco de Bruxelles S. A. de Antuérpia e J. C. Lemberger, director do Leopold Lazarus Ltd. de Londres e dr. Mário Amaral, director do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, constituindo mais uma importante realização deste Banco, sendo o tema a tratar de grande actualidade.

vocação animal

HERBERTO HELDER

«Poeta visionário, poeta órfico da estirpe de um Hölderlin ou de um Rilke»... Leitor, este é um dos grandes poetas portugueses. Conheça-o e não desista à primeira leitura. Tente penetrar com ele a pureza das palavras reinventadas. Um apogeu para os CADERNOS DE POESIA. Um objectivo que assim julgamos ter cumprir do modo mais incontroverso.

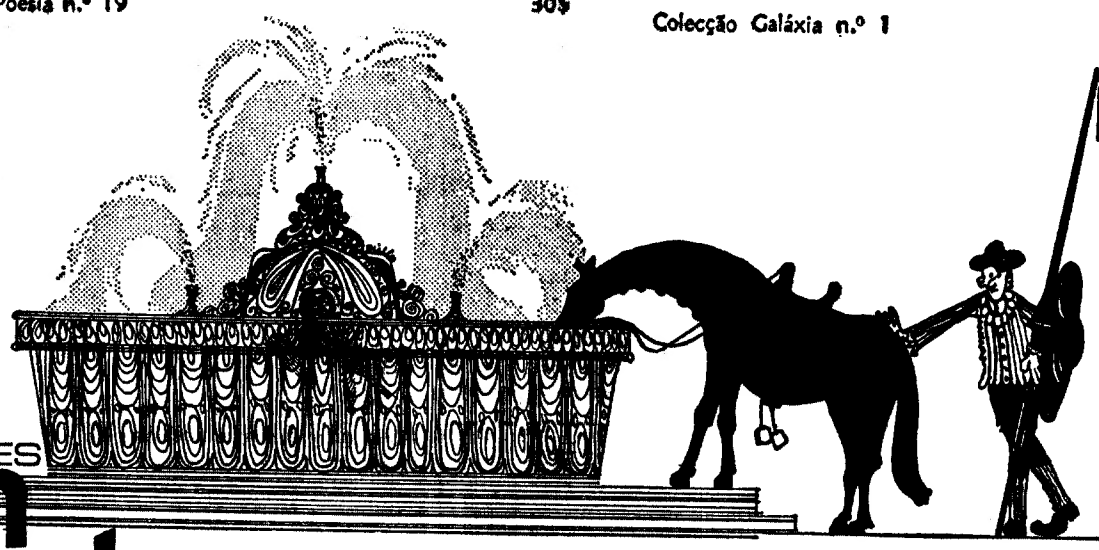
Colecção Cadernos de Poesia n.º 19 **30$**

o mundo alucinante

REYNALDO ARENAS

Um livro que inicia uma colecção especialmente destinada AOS QUE PENSAM NÃO DEVER PERDER TEMPO A LER ROMANCES.
Mil livros diferentes num só livro. Nele encontrará o leitor os objectivos, as «qualidades» e a exigência que tentaremos sejam medida desta nova colecção GALÁXIA: Estímulo para a imaginação, abrir de novos caminhos para o pensamento reflexivo, antídoto de «sonho» para um quotidiano programado. O MUNDO ALUCINANTE do jovem escritor cubano REYNALDO ARENAS é um imaginar refrescante e livre que convidamos vivamente os nossos leitores a partilhar.

Colecção Galáxia n.º 1 **55$**



PUBLICAÇÕES dom quixote

mulheres contra homens?

MARIA LAMAS, KATE MILLETT, VALERI SOLANAS, BETTY FRIEDAN

Os recentes movimentos de emancipação feminina, descontados alguns exageros, vieram formular inequivocamente a denúncia de uma situação injusta — a da mulher, reduzida em muitos casos, à condição de objecto, quer ao nível familiar quer à escala social.
NESTE CADERNO: O problema, as posições (os exageros também), os argumentos. Uma tentativa para fornecer ao leitor elementos para formar uma opinião COM CONHECIMENTO DE CAUSA.

Colecção Cadernos Dom Quixote, 37 **30$**

para uma contracultura

THEODORE ROSZAK

Um estudo sobre a **nova cultura** que os jovens estão a criar um pouco por toda a parte; uma análise dos principais teóricos dessa cultura: T. Leary, Marcuse, Paul Goodman.
THEODORE ROSZAK empenha-se em compreender uma juventude à qual se deve, indiscutivelmente, a maior parte do que de novo ocorre actualmente no mundo. Uma juventude que talvez esteja a abrir o que será a única saída para esta nossa civilização cada vez mais desumanizada.
Trabalho sério, isento de demagogia, equacionar dos grandes problemas humanos e sociais cuja evolução perturbadora perspectiva, esta obra de THEODORE ROSZAK é instrumento obrigatório de estudo exigindo leitura atenta e rigoroso exame crítico.

Colecção Vector n.º 5 **75$**

Teatro
ABC
T. 366745

OS BONS VELHOS TEMPOS RECORDADOS

HOJE
AS 21.45 H.
AMANHÃ
Descanso
da Companhia

★ NA SUA GRAÇA PICANTE
★ NUM FAUSTOSO FIGURINO
★ NA BELEZA DOS CENÁRIOS
★ NUMA FELIZ INTERPRETAÇÃO

A SENHORA MINHA TIA

COM
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
ANABELA LUÍS HORTA
VÍTOR MENDES ★ MARIA TAVARES
E AINDA
VÍTOR ESPADINHA
NINA FLORES, LINA MORGADO, FERNANDA PINTO, ANTÓNIO RIBAS e CARLOS FARIA

C — Não é permitida a assistência de menores de 14 anos

CML — Estufa Fria
HOJE, AS 21.30 HORAS
BARCA SEM PESCADOR
de ALEJANDRO CASONA
pela
COMPANHIA DE TEATRO POPULAR
Empresa
Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de
António Manuel Couto Viana
com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Franklim, Alberto Inácio, Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Bilhetes a 0$00, 5$00 e 20$00 — Venda na Praça dos Restauradores das 8 ás 20 horas, e na Estufa Fria á hora do espectáculo

(MAIORES DE 2 ANOS)

VIDA MUSICAL

CONCURSOS INTERNACIONAIS DE PIANO E VIOLINO

Decorrerão no Porto durante o mês de Outubro os Cursos Internacionais de Piano e Violino.

O primeiro espectáculo será no dia 11 e o segundo no dia 15, daquele mês dirigidos, respectivamente, pelos profs. Vlado Perlemuter e André

Concurso «Guilhermina Suggia»

Como em tempo anunciámos a Secretaria de Estado da Informação e Turismo vai realizar de novo, no corrente ano, o Concurso de Interpretação Musical «Guilhermina Suggia», para o qual o regulamento prevê a atribuição de três prémios (15 mil, dez mil e 5 mil escudos) e, ainda menções honrosas. O instrumento escolhido para o concurso deste ano foi a violeta.

A inscrição, destinada sómente a artistas nacionais, deverá ser feita em carta dirigida à Repartição de Teatro, Cinema e Etnografia até 31 de Julho

O programa das provas, elaborado pelo júri, consta das seguintes obras: «Suite em sol menor, op. 131 n.º 1,» de Max Reger; «Marchenbilder», op 113» de Schumann; «Khroma», de Cláudio Carneyro; e uma peça original para viola, de livre escolha do concorrente, com a duração máxima de dez minutos. A obra de Max Reger constitui prova eliminatória.

As provas terão lugar no decurso de Novembro próximo, em data a fixar oportunamente

«Uma aventura musical á sombra de Santiago»

No auditório n.º 2 da Fundação Gulbenkian, amanhã ás 18 e 30 horas, o embaixador Ruiz Morales pronuncia uma conferência sobre «Uma aventura musical á sombra de Santiago».

Paladino da restauração do «Caminho de Santiago», que durante séculos tem sido seguido por peregrinos desde os mais distantes pontos do mundo até Santiago de Compostela, o embaixador Ruiz Morales foi também o fundador, com o artista Andrés Segovia, no ano de 1958, dos cursos «Musica em Compostela», considerados da mais alta didáctica instrumental, vocal e polifónica.

Conferencista muito conhecido, tem-se ocupado, em inumeros centros culturais, como o Museu Victoria e Alberto, de Londres, Metropolitano de Nova York, Nacional de Estocolmo, École du Louvre, de Paris, Ermitage de Leninegrado e Pushkin de Moscovo, de temas de história, arte, literatura e economia, assim como em diversas universidades europeias, orientais e americanas.

III Concurso Internacional Maurice Eisenberg

O III Concurso Internacional, promovido no ambito dos Cursos Musicais da Costa do Sol, iniciativa e realização da Junta de Turismo da Costa do Sol, terá este ano como patrono o famoso mestre da Juilliard School de Nova Iorque e colaborador de Pablo Casals, Maurice Eisenberg.

O concurso, para violoncelo, realiza-se de 1 a 7 de Setembro. Serão atribuídos três prémios, respectivamente, de vinte, quinze e dez mil escudos. Além destes será atribuído o Prémio «Pró-Arte» de 5000$ para o português melhor classificado.

Quaisquer informações podem ser solicitadas na secretaria da Junta do Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque — Estoril) ou pelo telefone 26 01 13.

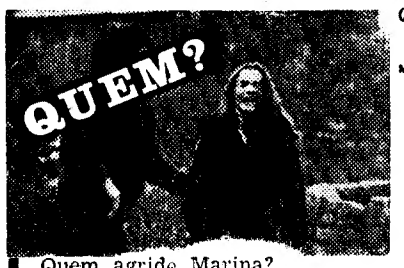
ROLLS-ROYCE TEMA DUM FILME

LONDRES, 29 — (A.N.I.3 — Uma nova produtora inglesa de filmes vai fazer uma película intitulada «Mr. Rolls and Mr. Royce», sobre os fundadores da conhecida casa automobilística. Os protagonistas ainda não foram escolhidos mas muitos actores conhecidos mostram-se interessados. O filme conta a história do início da Rolls-Royce até ás suas recentes dificuldades.

A MAIS POPULAR ACTRIZ DA ACTUALIDADE
ROMY SCHNEIDER
EM MAIS UM FILME APONTADO PARA O ÊXITO
QUEM?

Quem tenta matar Marina?...

Quem acaricia Marina?



Quem agride Marina?...

com MAURICE RONET e SIMONE BACH
prod. Raymond Danon real. Léonard Keigel

HOJE GRANDE ESTREIA
As 21 e 30 horas
MONUMENTAL

EM COMPLEMENTO:
Estreia do documentário MOVIEMANIA
real. e prod. de FRANCISCO SAALFELD

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
Hoje e Amanhã, ás 21.45 h.
2 ÚLTIMOS DIAS
Despedida de um espectáculo emocionante.

Jogos de Sociedade
de J. J. ALONSO MILLAN
M/ 17 anos

6.ª-FEIRA, 2 EM SENSACIONAL REAPARIÇÃO
A RELÍQUIA
de EÇA DE QUEIROZ

NOITE DE S. PEDRO
NA
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
UMA NOITE DE FESTA NO MAIOR DIVERTIMENTO DA CAPITAL
DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE — MÚSICA MELODIOSA E LUZ A JORROS
— ABERTURA AS 19 HORAS —

DE SICA E MIZOGUCHI NO CICLO DA CASA DA IMPRENSA

No Eden e no Alvalade continua, esta noite (21 horas) o Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, com a projecção de dois filmes antológicos: «Ladrões de Bicicletas», de Vittorio de Sica, e «Contos da Lua Vaga», de Kenji Mizoguchi

«Ladrões de Bicicletas», que Georges Sadoul considerou o mais importante filme do imediato pós-guerra é uma das obras mais significativas do período áureo do neo-realismo italiano e, juntamente com «Umberto D», a ie mais pura e ortodoxa aplicação das teorias de Zavattini, que pretendia aproximar o cinema do mais banal quotidiano e, por essa via, chegar aos importantes problemas sociais que afligiam a Itália saída de um período negro da sua história.

Com «Contos da Lua Vaga» oferece-se ao espectador uma das ultimas oportunidades de ver a unica obra que chegou a Portugal do maior criador da cinematografia japonesa hoje considerada uma das mais importantes do Mundo.

O ciclo prossegue amanhã ás 15 e 21 horas, com dois filmes de índole diversa, mas ambos extraordinariamente significativos, um da cinematografia italiana, «O Grito», de Antonioni e outro da cinematografia americana, «Johnny Guitar», de Nicholas Ray.

BOICOTADO UM FILME SOBRE A MAFIA

ROMA, 29 (F. P.) — Após o desaparecimento misterioso, na Sicília, duma cópia de «A pedra na boca», filme violento contra a Mafia do realizador comunista Giuseppe Ferrara, uma outra cópia acaba de ser apreendida pelos carabineiros em Catânia sem que tenha sido dada uma explicação oficial para este caso. Aliás, a projecção deste filme já tinha sido boicotada em Turim e em Roma.

Os produtores decidiram dirigir-se à Magistratura e a Comissão Parlamentar Anti-Mafia pedindo que seja aberto um inquérito acerca deste assunto.

A actriz finlandesa Kirsti Wallasuaara chegou a Londres para colaborar no lançamento de «Um retrato de mulher», comédia escandinava que a publicidade diz ser «o mais barato e grosseiro filme jamais feito pelo realizador John Donner»...

ATRIVM
PARA VOS SERVIR

Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião
SELF-SERVICE
CAFETERIA
RESTAURANTE DE LUXO - GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI-SNACK
Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno
Facilidade de parqueamento a partir das 20 horas

«CRIME NO BOSQUE»

TÍTULO ORIGINAL — «Assault».

REALIZAÇÃO — Sidney Hayers, 1970 (Inglaterra).

INTÉRPRETES — Susy Kendall, Frank Finlay, James Laurenson, Lesley Anne-Down, Freddie Jones, etc.

DISTRIBUIÇÃO—Rank Filmes.

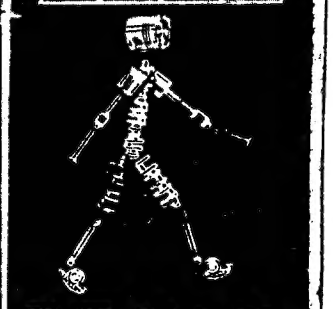
ESTREIA — Cinema S. Jorge (24.6.1971).

As meninas andam no colégio, onde aprendem as matérias tradicionais. Depois vão até ao bosque, onde um louco, um sádico, um venerando pai de família, um tarado sexual, um simpático médico psiquiatra, um amaneirado director de colégio, um agressivo director de hospital, um cão (felpudo e Labrador), um tímido amante ou qualquer outro suspeito as violam com requintes, ensinando-lhes então o que é a vida. As meninas, quando não morrem, ficam estupefactas para o resto do filme.

A professora, que tem certamente a nostalgia da violação, resolve então oferecer-se como cobaia. Pelo telefone combina o «rendez-vous» com o diabo. Que aparece, mas foge. A região vive em «suspense». O espectador é que não se rala. Se Sidney Hayers fosse o Chabrol de «O Carniceiro», então sim, a coisa seria falada. Mas «Crime no Bosque» é, seguramente, um dos filmes policiais mais inconsequentes e idiotas entre todos os vistos ultimamente Os erros de lógica são constantes, os disparates em torrente. Nada a fazer. Cada qual tem as violações que merece. Sidney Hayers fica-se pela fancaria. — L. A.

TRINDADE
F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, AS 21.15 — 5.ª Récita
(M/10 anos)
ANDRÉ CHENIER
de Giordano
Maestro. SILVA PEREIRA
Encenador. GINO BECHI
ELENCO
Teresa Barbieri Helena Claudio, Manuela Piçarra, Conceição Ramos, Carlos Fonseca, Luis França, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, Manuel Leitão, Mário Oliveira, João Pessanha, João Veloso
Orquestra de Ópera
Bailados pelo Grupo de Anna Mascolo
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Espectáculo Subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian
AMANHÃ, 1.ª Récita do «BARBEIRO DE SEVILHA»
6.ª-FEIRA, 2 — ÚLTIMA RÉCITA DO «ANDRÉ CHENIER»

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS TEL. 280919
HOJE: DESCANSO DA COMPANHIA
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
AVONTE
princesa de Borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ
Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol—Subsídios do Fundo de Teatro e da Fundação Calouste Gulbenkian

FIAT

FENIX
Rua Palmira, 62-A
Telefs. 54 41 69

DIVÓRCIO E FALÊNCIA PARA VIC DAMONE

LOS ANGELES, 29 (R.) — A actriz Judith Rawlins divorciou-se ontem do cantor Vic Damone com o fundamento em diferenças irreconciliáveis. Damone, de 43 anos, foi anteriormente casado com a actriz Pier Angeli. Consorciou-se com Judith Rawlins, de 35 anos, em 1963, e separaram-se em Agosto do ano passado.

Judith Rawlins e as três filhas do cantor receberão mensalmente uma pensão de alimentos de 2.100 dólares (cerca de 61 contos). Num requerimento sobre a solução dos bens do casal, apresentado ao tribunal, Vic Damone indicou que pensava em requerer falência numa data posterior.

MARLENE (65 ANOS) VOLTA A ACTUAR EM LONDRES

LONDRES, 29 (A.N.I.) — Marlene Dietrich aceitou voltar a actuar em Londres, num «One-Woman-Show», em 15 de Setembro próximo, a favor de uma obra de caridade — anunciou ontem o organizador do espectáculo. A vedeta de «O Anjo Azul» tem 65 anos e há cinco que não vinha a Londres.

posto de informações comerciais AGRO 71
IV exposição-feira agro-pecuária do norte
22 de Junho a 4 de Julho / BRAGA
Banco Borges & Irmão

SNACK-BAR APOLO 70
HOJE
JANTAR DE HOMENAGEM ÀS 12 CANDIDATAS A *MISS TEEN-AGER PORTUGUESA*

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Maraquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Não tendo a Assembleia Geral Extraordinária convocado para o dia 25 de Junho de 1971, para **Apreciação da situação do pessoal de diversas empresas em consequência de reformas antecipadas, supressão de regalias, etc.**, concluídos os seus trabalhos, decidiu-se que a mesma prosseguirá, em nova sessão, no próximo dia 2 de Julho de 1971, às 21 horas.

Lisboa, 26 de Junho de 1971.

O 2.º secretário da Mesa da Assembleia Geral,
(Hermínio de Ferreira Nunes)

— COLÉGIO —
COM INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO; COM ENSINO MASCULINO E FEMININO DOS GRAUS INFANTIL, PRIMÁRIO, PREPARATÓRIO E LICEAL GERAL E COMPLEMENTAR; COM SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, EM CIDADE DO CENTRO; BEM APETRECHADO E PRESTIGIADO: TRESPASSA-SE
CARTA A ESTE JORNAL, AO NÚMERO 847

Um aspecto da reunião internacional ferroviária que está a decorrer em Lisboa

Estão reunidos em Lisboa 80 directores comerciais de Administrações Ferroviárias

O presidente da Comissão Executiva da C. P., brigadeiro Almeida Fernandes, saudou, esta manhã, na Sociedade de Geografia, durante a sessão de abertura, os participantes à reunião anual dos directores comerciais das administrações ferroviárias membros da União Internacional dos Caminhos de Ferro (UIC), que, este ano, a convite da C. P. se realiza em Lisboa.

Esta reunião, que se prolongará até 2 de Julho próximo, é presidida pelo dr. Fernando Targia, director comercial dos Caminhos de Ferro Italianos.

Estão presentes cerca de 80 delegados, representando a Alemanha Federal, Áustria, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, França, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Itália, Jugoslávia, Noruega, Polónia, Portugal, República Democrática Alemã, Roménia, Suécia e Suíça e ainda organizações ligadas á actividade ferroviária tais como a O. S. I. D. (Organização dos países de Leste para a colaboração dos caminhos-de-ferro), Intercontainer (Sociedade internacional para o transporte de contentores), Interfrigo (Sociedade ferroviária internacional de transportes frigoríficos), C. I. T. (Comité internacional dos transportes por caminho-de-ferro), E. C. E. (Comissão económica para a Europa) e O. C. T. I. (Organização central de transportes internacionais por caminho-de-ferro).

Durante a reunião serão tratados, entre outros, os seguintes assuntos:

Estudo de mercado, prospecção comercial, publicidade, unificação de tarifas internacionais, concorrência e cooperação dos diversos meios de transporte, tráfego de contentores, mecanização das operações de venda de bilhetes, melhoria da qualidade do serviço ferroviário facultado ao publico, a exploração comercial ferroviária face ao futuro do caminho-de-ferro europeu e o cinquentenário da U. I. C.

DE ONTEM PARA HOJE

LISBOA-MONTREAL

O voo da TAP Lisboa-Montreal fica assinalado na evolução das relações entre Portugal e o Canadá como um marco importante. Virá contribuir sobremodo para o incremento das relações, tanto mais que são muitos os portugueses que no Canadá ganham a vida. O voo efectuado há semanas teve agora a sua contrapartida na visita de personalidades canadianas a Lisboa. Nada menos de 150 pessoas vieram de Montreal, incluindo o presidente da Câmara Municipal, o representante do ministro dos Transportes, bem como alguns dos cônsules portugueses no Canadá. Os voos continuarão depois destas ligações de lançadeira sobre o Atlântico. O grupo de canadianos foi recebido na Câmara Municipal, numa recepção a que presidiu o vice-presidente do município, tendo havido troca de saudações. Ainda nas actividades da TAP assinale-se que as novas instalações, no aeroporto, foram visitadas por 50 engenheiros, acompanhados dos directores de serviço de manutenção e obras. A companhia mantém-se dessa forma, na primeira fila das empresas transportadoras aéreas.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

A uns 5 quilómetros de Castelo Branco, perto da ponte da Ribeira da Líria, um automóvel, conduzido pelo sr. José de Almeida Lourenço, de 80 anos, despistou-se e foi chocar violentamente contra uma camioneta que seguia em sentido contrário. O condutor teve morte imediata. Feridos ficaram os srs. Joaquim Gomes, de 60 anos, Manuel Mendes Jerónimo, de 44 anos, serralheiro, e Jacinto Santiago da Conceição de 32 anos, tendo dado entrada no hospital de Castelo Branco.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República esteve ontem nas instalações do Monsanto do Clube Português de Tiro a Chumbo, tendo havido um almoço íntimo a que estiveram presentes diversas personalidades.

Recebeu o sr. Presidente da República, em Belém, os marqueses de Sabugosa e o comendador Stanley Ho, administrador-delegado da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, acompanhado do general Flávio dos Santos e do dr. Armando Hagaton, da direcção da Casa de Macau, em Lisboa.

VIAGEM À GUINÉ

Para a Guiné seguiu o general Venâncio Deslandes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, que ali vai em visita ao comando daquela província. É acompanhando dos srs. coronel Rui Santos e tenentes-coronéis Vieira de Araújo e Santos Reis.

«A MORTE DE INES DE CASTRO»

Na Sociedade de Geografia falou ontem à noite o redactor do nosso prezado colega «Diário de Notícias» sr. Armando de Aguiar sobre «A morte de Inês de Castro». Na presidência o prof. Adriano Moreira. Armando de Aguiar evocou as condições em que se desenvolveu a vida da «mísera e mesquinha» e «ditosa pátria» como foi condenada à morte e executada.

NA PISCINA DE VILA FRANCA

Morreu na piscina de Vila Franca de Xira, ao que se julga devido a congestão, o jovem José Luís Gonzaga Rama, operário fabril, morador na Póvoa de Santa Iria. Deve ter sido acometido de congestão, sem que ninguém se tenha apercebido do desaparecimento. Só quando fechou a piscina o corpo foi encontrado no fundo.

Nova política industrial

(Continuação da 1.ª página)

de uma nova linha de rumo para a industria nacional coube ao Governo, tendo este divulgado as primeiras imagens por intermédio do Secretário de Estado da Industria, no discurso de abertura do «Colóquio sobre Política Industrial» realizado em Fevereiro de 1970 e dado forma á definição da sua política industrial na proposta de projecto-lei sobre Fomento Industrial que submeteu á apreciação da Camara Corporativa, em Março deste ano. O moderador referiu, depois que a exiguidade de tempo da sessão impunha uma limitação da área de discussão pelo que, atentos os chamados domínios prioritários para a actuação da SEDES procuraria situar o problema central do debate formulando, desde logo, além da já referida, mais as seguintes interrogações:

«As soluções de desenvolvimento subjacentes ao texto do projecto de lei situam-se, sim ou não, nos limites das soluções técnicas alheando-se de objectivos humanos? Em que medida é que um esquema de base em que a função principal cabe á iniciativa privada e acção supletiva cabe ao Estado poderá, nas circunstancias actuais, compatibilizar os interesses da iniciativa privada com as aspirações dos trabalhadores?»

Industrialização e desenvolvimento

Intervieram, a seguir, os restantes membros da mesa. Dentro do tema debatido, foram produzidas diversas afirmações sintetisadas no seguinte:

O esquema industrial, prosseguido nos ultimos 20 anos, embora se realizasse com uma certa coerência na magra escala das suas ambições, deixou-nos quanto muito na situação que já tinhamos no contexto europeu. A própria lógica do esquema haveria de conduzi-lo ao esgotamento.

A situação de bloqueio económico surgiu por duas ordens de razões principais: a falta de recursos financeiros do Estado (prioridades da guerra em África) e o atraso da sua estrutura institucional. Entretanto, a nova política industrial nasce sob o signo da participação, embora não faça referência á organização corporativa. Uma interrogação a pôr aqui:

Esta política industrial conduzir-nos-á a um acentuado desenvolvimento social?

Analisado o modelo de desenvolvimento do período 1947-48 a 1967-68 foi este classificado de pouco ambicioso e até certo ponto ingénuo, e que terá conduzido á estagnação que se verificou. O impasse económico foi imputado a duas origens: á inércia dos empresários e á inoperante capacidade de intervenção da administração publica.

A posição do trabalhador

Seguidamente o sócio Manuel Bidarra referiu-se á posição do trabalhador face aos problemas de desenvolvimento económico-social. Assim, afirmou que o trabalhador português, na generalidade, não sabe não interessa saber das coordenadas que conduzem ao desenvolvimento industrial — que, segundo alguns, é ou será equivalente a promoção social; que o trabalhador português sabe, porque o sente na sua própria carne, é que tem uma vida de sacrifício sem recompensa quer em salários directos, quer em salários indirectos; acrescentou que, a muitos dos trabalhadores, a quem poderemos designar de promovidos, e que militam em organizações sindicais já o problema se põe com uma visão maior: comentam, debatem e criticam, as leis e os projectos que afectam ou virão a afectar a problemática do trabalho; propõem melhorias através de convenções colectivas; lutam por direitos de igualização no domínio de cultura, de habitação, da segurança social.

Referiu-se ainda que as instalações de unidades industriais é uma parte de um todo harmónico e no caso concreto português a desarmonia entre o económico e o social é cada vez maior:

falta de apoio á concentração sindical.

Generalizado o debate, foi dito que a proposta de lei refere uma série de medidas em favor do processo de industrialização, tais como, créditos selectivos, isenções de impostos, subsídios, avales do Estado, etc., medidas que se podem considerar como contribuições impostas á colectividade em favor da industria. No entanto, não é referido nessa proposta, em termos de reciprocidade, o que a colectividade poderá vir a receber em troca de tais sacrifícios.

Seguidamente, foi posta em duvida que para uma economia em situação de subdesenvolvimento, como a portuguesa, uma mera actuação de carácter supletivo por parte do Estado, possa conduzir a um desenvolvimento económico-social acelerado.

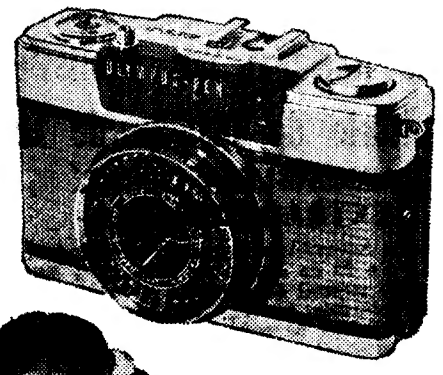
Foi apontado, ainda, que um esquema participado, em regime corporativo, devia, por definição, ser feito com a intervenção dos trabalhadores. Até hoje não houve a mínima participação efectiva dos trabalhadores na nossa política económica e social de desenvolvimento. Só quem conheça de perto o funcionamento das corporações e os aspectos de representação sindical poderá compreender quanto os esquemas de participação tem sido apenas teóricos, acrescentou-se.

Foi ainda posta em relevo a discordancia ao principio de que os salários só devem crescer na medida em que a produtividade o consinta, uma vez que se não aceita que a mão-de-obra seja a principal causa da baixa produtividade da industria portuguesa. Uma duvida ficou a pairar: «até que ponto é que o novo instrumento de política industrial será operacional face ás dificiências apontadas e ás conhecidas dependências interministeriais e á sua inserção na nossa política económica global?».

Psst... já está!

OLYMPUS

para toda a gente uma máquina de classe



...com a minha Olympus é tão fácil e divertido fotografar. Gosto muito da Olympus, pois o papá outro dia até me deixou tirar algumas fotografias... (cá em casa, tanto eu como o papá e a mamã tirámos fotografias uns aos outros). Olympus é uma máquina para toda a gente.

OLYMPUS

sonipol

LISBOA · PORTO

Directamente do Casino Estoril

Primeiro programa de TV para o Brasil (via satélite)

Chegou esta manhã a Lisboa o produtor e realizador da televisão brasileira Flávio Cavalcanti, que vem realizar, no Casino Estoril, o primeiro programa a transmitir directamente para o Brasil, via satélite.

O programa, que será transmitido amanhã, tem a colaboração da R. T. P. e está incluído nas comemorações do 1.º aniversário da sua série que Flávio Cavalcanti mantém diàriamente na TV Tupi. O tema principal será uma entrevista com a famosa artista Elsa Soares, ainda hoje uma das mais apreciadas sambistas do mundo.

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

BONECOS SEM ALMA NUM PROGRAMA SEM JEITO

Aquilo não se faz. Eram 23 horas e 18 minutos, começam a ler a ficha técnica do *Canal 13*, sinal que costuma ser para fecho de mais um episódio de família forsalve-se quem puder.

Ontem, não era ainda para fechar. Era para Madalena se ir embora com a sala vazia, pois tem o horror da multidão. Julgávamos que iria cantar mais, mais, MAIS. Não. Cantou só mais uma coisinhinha. Vamos lá, vamos lá, do mal o menos.

Ah, mas aquilo de anunciar o encerramento e depois faltar ao prometido, não se faz. É partida de mau gosto. Com tantos portugueses cardíacos..

•

Pois Madalena Iglésias voltou pela mão solícita do *Canal 13*. A altura para reaparecer aos seus fans que são em número incontável no país e em muitos outros *países estrangeiros*, como diz a Ana Lucas com aquele seu ar de quem decora tudo. Não foi boa a altura por se encontrar a diva em má forma. Está rouca, fatigada, quase afónica. A voz, embora chicoteada, não obedece. Nem lhe serviu de nada o italiano, que é fala com tanto açúcar.

•

Mas a substituição faz-se a todo o momento, como dizia o filósofo grego, ou oriental, não me lembro bem (ou seria da Califórnia?), pois como dizia o fiosofo, *a vida não pára*. Vão-se uns, vêm outros. Aí temos outro: Vitório Santos.

Quem é Vitório Santos? Pasmai de vossa ignorância, vós que entrais! Vitório Santos anda por esse mundo de Cristo a espalhar o nome do nosso querido Portugal e vós de nada sabeis!

A crer na Ana Lucas, trata-se de «*um artista famoso em toda a Europa, principalmente em França*».

Ai agora começo a relacionar! Agora compreendo por que se fala tão-pouco no Brassens, no Brel, no Regiani e noutros que tais! É que todos, todos tiveram de baixar bandeira diante do Vitoriô Santôsse, um dos tais que são *toujours gais* e, vivem de semicúpio no Atlântico! Os jornais só falam dele, de mais ninguém. Agora mesmo começo a compsender porque razão a Inglaterra teve tanta dificuldade em entrar para o Mercado Comum!

Os exageros são o diabo, «mademoiselle» «misse»! O Vitório Santos, embora com todos os tiques e rodriguinhos da canconeta francesa mais deslavada, vem fazer uma séria concorrência aos cançonetistas cá do sítio. Não tardarão a aparecer os clubes de «fans», a bordar lencinhos e a escolher camisinhas de renda. Romântico e a cantar francês? É dinheiro em caixa!

Mas... que dará aquilo quando o Vitório Santos começar a cantar em português?

•

Tem 23 anos, aprendeu a tocar violino em Portugal (tem graça! Sempre pensei que em Portugal só se *desaprendia* a tocar violino...) e agora vai ao congresso das Juventudes musicais internacionais, em Florença.

Tivemos de ouvir a sua história desde pequenina e decerto ainda a estás horas lá estávamos se o Durão não ganha coragem para lhe dizer que não havia tempo para mais

Anabela gosta muito de tocar violino e também gosta muito de conversar As palavras cansaram e quanto ao violino só desejo que a culpa de tudo quanto escutei seja do meu televisor que está com uma horrorosa reprodução sonora

Do Trio Boreal não vale a pena falar, embora Ana Lucas nos diga que nas suas malas de viagem há «*rótulos dos mais distantes países estrangeiros*» É isto, não passamos disto: nós, portugueses, somos sempre os ultimos a saber.

Pelo sim, pelo não, *Canal 13* ofereceu-nos apenas uma interpretação do *Trio Boreal*: um hino, cheio de inefável poesia, á Juventude de todos os países, mesmo os mais distantes, decerto apto a tirar o lugar ao hino á Juventude do maestro Joby:

Canta, Juventude, canta
Canta para o mundo ouvir.
Canta pra mostrar ao mundo
Como é bom brincar e rir.

É que se a gente não mostra isso ao mundo, sim, se a gente não mostra quem é que se vai encarregar disso?

•

Grupo de Teatro de Bonifrates: uma apresentação, nada mais do que isso. Iriarte e José Maria vieram dizer-nos como é que se faz. Esperemos venham um dia á televisão com repertório que valha a pena ver.

E parece que sim, parece que vale. Os jovens sonham já com *a Morte e Vida Severina*. Sonham bem. E fazem bem. Só vale a pena viver quando sonhamos cousas grandes.

•

Chama-se Luciano, é de Beja e dança com uma boneca A boneca não tem nome. Ainda não lhe deu *batizo* A boneca tem um ar tranquilo. Está amarrada ao homem, faz tudo quanto ele quer, nada lhe recusa. Luciano volteia, dobra, abraça-a ao coração, mete-lhe o joelho á boa maneira apache, a câmara aproxima-se num golpe de génio, aproxima-se quando o Luciano se julga esquecido: não se sabe bem qual é o boneco pintado: se ela, se ele. Participam da mesma condição de seres abandonados no cabo do fim do mundo da solidão: ela, não tem mais ninguém senão aquele homem e alma bailarina: ele, nada mais tem além daquela bailarina sem alma.

A angustia deita a mão aos gorgomilos do telespectador. Fechamos os olhos. Quantos de nós, neste tempo fundo tempo de tristeza, não andarão presos a bonecas que perderam todo o sentido, toda a verdade, toda a força e estarem vivas? Quantos de nós não farão isso exactamente para terem a ilusão de que estão vivos?

Luciano, bailarino desumano, tu mais a tua boneca tão... humana, foram mais do que aquilo que são. Foram uma fábula. Fábula dura de ver. E de entender.

•

Pois é verdade. Lá ouvimos Anselmo Duarte, realizador brasileiro e conversador cauteloso (cauteloso é o habitante do país Cautela), sempre com rédea curta na palavra. De maneira que o melhor de tudo ainda foram as imagens do «Pagador de Promessas». Porque a respeito do cinema do Brasil, do cinema de agora pouco ouvimos. E 1962, meu caro, já vai longe..

Curiosa aquela observação sobre a dificuldade da língua na comunicação cinematográfica. No seu entender, a fita sobre «As pupilas do sr. Reitor» foi fracasso no Brasil por causa da pronuncia: há palavras que para os brasileiros nada significam.

Será essa a unica razão? Bom:e a qualidade da fita que tal?

De qualquer modo, acredito na dificuldade que, em geral, a língua possa oferecer. Quem viu «Mucanaima» sabe como isso é possível, sendo no entanto certo que outros factores possam contrabalançar e ultrapassar aquele. Só que ás vezes não há. E quando não há, a pronuncia «ajuda»

•

Com tudo isto, são 23 horas e 30 minutos. A emissão acabou. Há muito tempo que não me lembro de um encerramento tão a boas horas. Obrigadinho, ó *Canal 13!*

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estante: As aventuras do sr. Pickwich», Programa por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: Adamo; 18 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Peter, Paul and Mary; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interludio: A Orquestra de Franck Pourcel; 20 e 30: 15.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — um Destino»; 20 e 53: Melodias pela Orquestra John Scott; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro; 22 e 10: Vamos Ouvir... Paco Bandeira; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A Vida e a Mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Uma obra... Duas interpretações — O bailado «Sagração da Primavera», de Stravinsky; 17 e 08: Preludio e fuga em dó maior (Bach), cravo, Susana Rusickova; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Parte de um recital pelo pianista Takahiro Sonada, preenchida com duas sonatas de Beethoven (gravações cedidas pela NHK, Radiodifusão Japonesa); 18 e 30: Gravações históricas; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Parte de um concerto pelo quarteto clássico da Radiotelevisão Espanhola; 21: Musica Coral; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital de canto e piano por Manuela Piçarra e Margarida Pereira de Almeida e Sousa — Os Amores do Poeta (Versos de Luís de Camões) — Ivo Cruz); 22 e 15: O Gosto pela Musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Musica de Smetana; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — Às 21: Melodias por orquestras; 21 e 35: Cançonetas; 22: Ritmo latino-americano, com Werner Müller; 22 e 20: Fados, por Maria Teresa de Noronha e Vicente da Câmara; 22 e 40: Conjuntos ligeiros; 23: As grandes sinfonias; 0 e 25: Musica electrónica — realizações electrónicas de Walter Carlos sobre obras de Bach e Scarlatti; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: A Orquestra de...; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde, 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19: Missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página 1; No final — Continuação do programa «Página 1»; 20 e 58: Meditando; 21: Parâmetro; 21 e 30: Cartaz musical da América Latina; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande piano; 19 e 30: Página um; 21: Modo de ler; 21 e 15: Musica portuguesa; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17, **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino Singular, magazine para a mulher; 13 e 15: Filme de série, «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo á Noite, cartaz dos programas da noite; 14 e 20: — Fecho.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: «Caligrafia» — Arte tradicional japonesa»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil, coordenação de Maria do Sameiro Souto. «Tempos Livres», um programa de Carlos Tudela e Santos Careto. (Judo); 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Convergência: programa de actualidades literárias; 20 e 55: Segredos da Vida Animal; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5· António Duarte: um documentário de José Elyseu e António Botelho; 22 e 35: «A Família Forsyte»; 23 e 45: Marcha do mundo; 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série, «Julia»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão: Volta á França em Bicicleta; 23: Concerto para jovens; 23 e 50: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

Prosseguem investigações para completo esclarecimento do assalto na Avenida de Roma

Como já tivemos ocasião de aqui afirmar — após conversa com o dr. Araujo e Sá, subdirector da Polícia Judiciária — prosseguem as diligências daquela corporação tendentes á captura de presumíveis implicados no assalto á dependência bancária da Avenida de Roma.

Efectivamente, a despeito de estarem já presos nos calabouços daquela corporação os cinco principais participantes no roubo, «*a P. J. não considera, de forma alguma, o assunto encerrado com essas prisões*».

Ao que consta, algum ou alguns deles, estão implicados em diversos outros casos.

As armas estavam carregadas

Entretanto, investigações efectuadas pela Secção de Justiça da P. S. P. levaram á recuperação da arma sacada ao agente em serviço na dependência bancária.

A arma referida foi encontrada com o carregador completo. Estava embrulhada juntamente com o revólver niquelado que Pio (um dos assaltantes) empunhara durante o assalto.

Com as duas armas, foram também encontradas várias munições apropriadas para as armas utilizadas.

Esta descoberta desmente as declarações de Fernando Pio da Cunha, o qual, ao ser preso, disse que as armas tinham sido lançadas ao rio.

Além disso, a descoberta também contraria as afirmações dos assaltantes, que pretenderam fazer acreditar que tinham atemorizado o pessoal da dependência bancária com armas descarregadas.

A metralhadora de ar comprimido (própria para tiro ao alvo) «*parece ter sido utilizada com o propósito de levar as autoridades a acreditarem num assalto que nunca meteria balas*». — Segundo a opinião da Polícia Judiciária.

«Se soubesse o dinheiro no prédio comunicava o facto à Polícia»

— disse-nos o marido da orientadora da limpeza

Falámos esta manhã com o sr. António Gonçalves Nunes, marido da orientadora da limpeza do prédio da Rua Actor Isidoro (*«E não porteira...»*, segundo ele).

Disse-nos que, caso soubesse da existência do dinheiro no prédio, teria comunicado á Polícia imediatamente.

— *Mas* — sublinhou — *não foi minha mulher, Encestina da Conceição Nunes, que teve a ideia de telefonar á Polícia.*

Como dissemos domingo, D. Zuzette, sem saber do roubo, e com 25 contos nas mãos, falou com uma vizinha, de nome Leonor, que habita no rés-do-chão, «*tendo as coisas seguido depois até ao telefonemo recebido na Secção de Justiça da P. S. P.*».

Durante o IV Encontro de Vendedores Volkswagen

IV ENCONTRO NACIONAL DE VENDEDORES VOLKSWAGEN

Realizou-se, com a presença de dezenas de participantes o IV Encontro de Vendedores Wolksw̃agen, organizado pela Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L., representante do famoso carro alemão para Portugal continental, insular e ultramarino.

Nas sessões de trabalho, realizadas num dos salões do Hotel Tivoli com a presença de membros do Conselho de Administração da firma, foram tratados assuntos de maior interesse para uma ainda mais lacta projecção da Volkswagem, tais como as vantagens oferecidas aos clientes pelo serviço Após-Venda, que inclui Diagnóstico VW, assistência, peças, etc., e, ainda, a revisão de aspectos fundamentais do ciclo Produto-Vendedor-Cliente, técnica de vendas e relações humanas.

A noite, no Restaurante Fateixa, em Carcavelos, foi oferecido um jantar aos participantes da reunião ao qual presidiu o sr. José da Silveira Machado, presidente do conselho de administração da Guérin, ladeado pelo vice-presidente sr. Heinz Ehlert, e pelos administradores srs. Pedro da Silveira Machado e César da Silveira Machado.

Aos brindes, o sr. José da Silveira Machado referiu-se a alguns dos problemas que afectam a industria automóvel no nosso País, mas teve palavras de fé e de confiança no futuro.

No final, o presidente da Guérin anunciou a criação do Clube Nacional de Vendedores VW que, á semelhança do que já se encontra em prática em grande parte dos países com representação VW, visa incrementar ainda mais o nível de motivação de toda a Força de Vendas VW, num clima la mais estreita colaboração entre todos os seus componentes.

A P. J. procura o assassino do desenhador da TAP

A Polícia Judiciária julga estar na boa pista para o esclarecimento do caso da Rua D. Pedro V: homem anavalhado que, transportado num táxi ao Hospital de S. José ali veio a falecer.

Trata-se, como foi averiguado, de João Augusto Caldas, desenhador da TAP, residente que foi num quarto alugado na Rua D. Carlos de Mascarenhas, 85, 1.º, Dto.

Frequentador do Bairro Alto, João Caldas era um noctívago. Clientes de bares locais conheciam-no há muito tempo.

FESTA DOS NOVOS CABELEIREIROS

Hoje, ás 21 e 30, decorrerá, na Escola Profissional de Barbeiros, Cabeleireiros e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa, uma festa dee alunos finalistas do curso de cabeleireiro de homens.

«FRATERNO ENTENDIMENTO» NA VIAGEM AO BRASIL DO MINISTRO REBELO DE SOUSA

Regressou da sua viagem ao Brasil, aonde foi a convite do seu colega ministro Rocha Lagoa, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, titular das pastas das Corporações e da Saúde e Assistência. No Aeroporto aguardavam-no hoje diversas individualidades, entre as quais o ministro da Educação e os secretários e subsecretários de Estado do Trabalho e da Saúde; representantes dos titulares das pastas do Interior e das Obras Publicas e dos secretários de Estado da Informação e Turismo e da Aeronáutica; embaixador do Brasil; chefe do Estado Maior do Exército, etc.

O dr. Rebelo de Sousa proferiu algumas palavras, salientando o «*ambiente de fraterno entendimento*» que marcou toda a sua estada no Brasil. Este ambiente, segundo afirmou, permitiu a formulação no âmbito dos acordos vigentes, do significativo acordo de intercambio no domínio da Saude e, também, a fixação das normas regulamentares do acordo de Previdência Social, firmado anteriormente pelos governos dos dois países, conferindo-lhes agora, plena eficácia.

ATRASOS NA LINHA DE SINTRA

Esta manhã, os comboios da linha de Sintra registaram atrasos da ordem dos 30 e 40 minutos, que prejudicaram quem se dirigia para os empregos em Lisboa.

A causa directa desta anomalia residiu no descarrilhamento duma pequena locomotiva-tractor na estação de Campolide.

A meio da manhã, embora os atrasos tivessem diminuído, não se atingira inda a normalidade, em virtude de a circulação se realizar por via única.

Em três linhas

Hoje, ás 21 e 30, no Casa da Madeira (Rua do Século, 85), o sr. Rui Mimoso Aragão Figueira de Freitas faz uma conferência sobre «Os madeirenses na Venezuela — sua acção em prol da civilização, do comércio e da promoção social». Assiste o embaixador venezuelano, D. Nicolas Perazzo.

///

Foi exonerado de juiz-adjunto dos Tribunais Militares Territoriais, a seu pedido, o dr. José Henriques Ferreira.

///

A dr.ª D. Maria Teresa Águas da Silva foi nomeada técnica investigadora da Universidade da Luanda. Era assistente do Instituto Superior Técnico.

///

Foi contratado para auxiliar de investigação além do quadro da Universidade de Lourenço Madrues o sr. Fernando Jorge Rodrigues Neves.

///

Amanhã, ás 18 horas, no Instituo de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, realizar-se-á mais uma sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o prof. Santos Júnior fará uma comunicação sobre «As gravuras rupestres de Tchitundo-Nulo (deserto de Moçâmedes-Angola)».

Manhã na praça

O FRANGO ESTÁ MAIS BARATO

Trazemos hoje do mercado do Rato uma boa notícia: o frango está mais barato.

Ainda há duas semanas, neste mesmo mercado, o frango limpo se vendia a 28$00. Na semana passada já o vimos a 25$00. Esta semana o seu preço de venda voltou a descer, desta vez para 24$00.

Consideramos que esta é uma boa notícia, já que os preços dos géneros alimentares têm subido excessivamente, de forma incomportável para o orçamento da dona de casa média.

Seria óptimo, porém, que a descida de preços se não verificasse só ao nível do frango. Era indispensável que descessem também os preços do peixe, da hortaliça, da fruta. Para que as pessoas passem a comer aquilo de que necessitam e não só aquilo que podem comprar.

PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o molho das nabiças a 7$00; dos grelos, a 5$00; dos espinafres, a 7$00; dos agriões, a 1$50; e dos rabanetes, a 2$50.

O quilo do tomate estava a 5$00 e 7$00; da batata, a 1$70; do feijão verde, a 4$00; do tremoço, a 3$20; das azeitonas, a 8$00 e 9$00; dos pepinos, a 9$00; dos pimentos a 35$00; das favas, a 3$00; das cebolas, a 2$00; das ervilhas, a 6$50; e das cenouras, a 3$90.

O alho francês vendia-se a 2$50; o coração, a 2$50, 3$00 e 3$50; o nabo, a 1$00 e $50; a couve portuguesa, a 1$50; a couve-flor, a 4$00 e a alface, a 1$00.

PEIXE

O quilo da sarda vendia-se a 9$00; do goraz, a 16$00, 20$00, 25$00 e 26$00; da pescada, a 36$00, 36$50, 37$00, 38$00 e 39$60; do camarão, a 40$00; do carapau, a 10$00 e 18$00; da lula, a 28$00 e 40$00; do tamboril, a 12$00; dos rabos de dourada, a 17$00; da bica, a 18$00; da pescada congelada, 13$00 e 14$00; dos chocos, a 22$00; do nero, a 15$00; do pargo, 22$80 e 36$00; dos linguados, a 68$00; dos robalinhos, a 54$00; dos linguados de areia, a 56$00; do cherne, a 28$80; do peixe espada, a 2$00; da xaputa, a 16$00; da marmota, a 39$00; da pescadinha, a 26$00; das cartas, a 36$00; do chicharro, a 8$00; da truta, a 18$00; da garoupa, a 37$00; e da tainha, a 8$90

FRUTA

Vimos o quilo das laranjas a 11$50 e 13$00; das bananas, a 13$00; da pêra, a 10$40, 11$70, 12$00 e 13$00; do pêssego, a 17$50; da maçã reineta, a 25$00; dos alperces, a 13$00; do pêro «golden», a 22$00; das nêsperas, a 8$50 e 15$00; da cereja, a 17$50; e da ameixa, a 9$10 e 10$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos apresentava as seguintes tabelas: 12$00, 13$60, 14$60 e 15$40.

O quilo da criação viva vendia-se: a galinha do aviário, a 21$00; do campo, a 28$00. Da criação limpa: o quilo da galinha do campo, a 31$00; da galinha do aviário, a 29$00. Por sua vez, o quilo do frango limpo estava a 24$00 e do coelho vivo, a 26$00.

DONA DE CASA

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

restaurante armazém
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.
RIA

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

(Sala na cave)
Restaurante breque
A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónico.
Domingo: PERNA DE CABRITO À PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D —— Telefs.: 677006 - 679993

A «morte» da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional

Assinado pelo dr. Clemente Rogeiro, presidente da direcção da Emissora Nacional de Radiodifusão, recebemos o seguinte ofício sobre a colaboração prestada ao Teatro da Trindade pela Orquestra de Ópera da E. N. e posterior (recente) dissolução deste agrupamento:

«Ao anunciar nos jornais do passado dia 18 a estreia da ópera «*André Chénier*», entendeu por bem a direcção do Teatro da Trindade tornar público o seguinte «aviso»:

«A partir de hoje e por impossibilidade da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional, passa a actuar na temporada lírica popular deste teatro uma Orquestra de Ópera constituída à base de elementos da Orquestra Filarmónica de Lisboa, por especial deferência da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Artística da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

A Direcção do Teatro manifesta o seu público reconhecimento ás Entidades acima referidas, pois que a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Artística constituem a única forma possível do prosseguimento da presente temporada».

A falta de indicação dos motivos determinantes da impossibilidade de colaboração da nossa Orquestra e a manifestação de público reconhecimento às duas outras entidades que, «por especial deferência» para com o Teatro da Trindade lhe propiciaram a «única forma possível do prosseguimento da presente temporada», podem deixar na opinião pública algumas dúvidas quanto à atitude da Emissora Nacional. Isto me leva a solicitar de V. Ex.ª a publicação dos seguintes esclarecimentos, que ajudarão a um mais perfeito entendimento dos factos:

1.º A colaboração dada pela E. N. aos espectáculos de ópera do Teatro da Trindade processou-se sem qualquer interrupção, e no mais perfeito entendimento, desde 1963;

2.º Prontamente acedeu a E. N. à colaboração solicitada para a presente temporada e neste sentido a sua «Orquestra de Ópera» assegurou a parte musical das óperas «Orfeu», «Lucia de Lamermoor» e «Elixir de Amor»;

3.º Nos últimos dias do passado mês de Maio, trinta e cinco instrumentistas das orquestras da E. N. pediram a sua exoneração, com efeitos a partir de 1 de Junho, por haverem sido contratados para a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Este facto determinou, entre outras consequências graves que silenciosamente procurámos resolver, a morte da «Orquestra de Ópera» da Emissora Nacional e, consequentemente, a impossibilidade de a mesma continuar a prestar ao Teatro da Trindade a sua colaboração;

4.º Do que foi a actuação da orquestra nestes anos de trabalho no Teatro da Trindade fala o seu ilustre Director em ofício que nos dirigiu com data de 12 de Fevereiro do ano corrente:

«A óptima colaboração dada pela Emissora Nacional aos espectáculos de ópera deste teatro tem sido, sem contestação possível, um dos pilares em que assenta a obra que se vem processando sem interrupção, desde 1963.

Só com tão frutuosa colaboração se puderam realizar as temporadas populares de ópera com artistas portugueses, destinadas ás classes sociais menos favorecidas económicamente, o que representa uma actividade não só social mas também nacional».

Lília da Fonseca candidata ao Prémio Andersen

Em memória do célebre escritor para crianças Hans Christian Andersen, foram instituídos dois prémios mundiais que são concedidos bienalmente pelo International Board on Books for Young People (IBBY), organismo internacional com secções nacionais espalhadas pelos cinco continentes — desde 1956, ao autor cuja obra tenha contribuído de forma persistente e predominante para a literatura infantil, e, desde 1966, também a um ilustrador.

Pela atribuição daqueles prémios é responsável um juri internacional que selecciona os premiados entre os candidatos que cada secção nacional proponha.

Portugal vai concorrer, pela primeira vez, ao Prémio Andersen, encontrando-se já indicado o autor que será o nosso candidato. Trata-se da escritora Lília da Fonseca, figura de incontestável prestígio e notoriedade da literatura infantil portuguesa. A selecção do autor português esteve a cargo de um juri nacional de que fizeram parte o prof. Calvet de Magalhães, D. Maria da Luz de Deus, a dr.ª Maria Helena Lucas, o dr. Alfredo Guisado e D. Maria do Sameiro Souto.

NOVOS DISCOS

Katja Ebstein (cançonetista alemã de renome firmado) aparece em nova gravação comercial: interpretando «Wunder gibt es immer wieder» e «Ich will ihn». Disco «Liberty».

●

«Vou embora e vou sumir» (Natan), «Células mortas» («Fábio), «Não vou mais chorar» (Roberto Corrêa-Sylvio Son) e «Renascer» (Natan) surgem em desempenhos de Wanderley Cardoso para a marca «Copacabana»

O brasileiro Francisco Petrónio canta «La prima cosa bella» (Mogol-Di Bari) e «L'arca di Noé» (Sérgio Endrigo) num E. P. da «Continental»

Arrastam-se há longos meses as obras de implantação de um cano para escoamento das águas, na Parede. Devido á morosidade dos trabalhos, a situação de incomodidade e perigo para os moradores da zona parece não mais ter fim. O aspecto das obras, que a foto ilustra, situa-se na Rua Gil Vicente, ao Bairro das Caixas. Por detrás do elevado monte de terra existem três estabelecimentos comerciais cujo acesso é desta forma dificultado e que passam completamente despercebidos. Os montes de terra encontram-se ali há um mês e já foram mais altos. A chuva provocou o abaixamento dos montes que, mesmo assim, medem mais de 2,5 metros. As crianças brincam por ali de dia, com risco de se magoarem; á noite, as pessoas que passam (e por o local ser mal iluminado) ficam expostas a acidentes graves. No entanto, se as escavações são necessárias para um fim util, o certo é que talvez fosse desnecessário serem tão morosas. Não poderá a Camara tomar providências para que a terra seja removida o mais rápido possível?

«AUTO-ESTRADAS: NECESSIDADE PREMENTE PARA O ACTUAL VOLUME DE CIRCULAÇÃO»

A propósito do artigo com o título em epígrafe, recebemos do Grupo Internacional Brisa, a seguinte carta que é assinada pelo sr. dr. Mário de Castro Arez e dirigido ao nosso director:

«No seu prezado jornal, com data de 23 do corrente, a páginas 10, vem publicado um artigo sob o título «Auto-Estradas: necessidade premente para o actual volume de circulação».

«Nesse artigo refere-se um dado que não é exacto, mas devemos dizer que o mesmo lapso tem sido largamente cometido a propósito do concurso para a concessão da construção, conservação e exploração da rede nacional de auto-estradas

«Com efeito, diz-se que as tarifas propostas pelo Grupo Internacional Brisa «seriam de $44 por km e não $40 como estava estipulado no Caderno de Encargos.

«Ora, a verdade é que o Grupo Internacional Brisa aceitou rigorosamente as tarifas propostas pelo Governo no Caderno de Encargos ou seja a de $40 para veículos ligeiros e $60 para veículos pesados.

«A razão do equívoco consiste unicamente em que, para efeitos dos cálculos financeiros, se adoptou uma tarifa média de $44. Esta tarifa média é determinada em virtude da composição normal do tráfego ligeiro e pesado que tradicionalmente se computa em 80% de veículos ligeiros e 20% de veículos pesados. Deste modo se obtém a tarifa média de $44, mas, como é evidente sem prejuízo de aos veículos ligeiros se aplicar efectivamente a tarifa de $40 e aos pesados a de $60.

«Vimos, por isso, rogar a V. Ex.ª o subido obséquio de se dignar publicar no seu conceituado jornal a presente carta.

«Com os nossos antecipados agradecimentos, aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Ex.ª os protestos da nossa mais alta consideração, subscrevendo-nos, etc.»

OS ARRAIAIS FECHAM AMANHÃ

Os arraiais dos Santos Populares nos bairros típicos da cidade serão encerrados amanhã á noite. Entretanto, ontem á noite os presidente. vice-presidente, vereadores e membros da comissitaram os arraias de Campolide. Campo de Ourique, Benfica e Carnide. Da esplanada do Castelo de S. Jorge foram lançados centenas de balões, com ascensão iluminada por projectores

o fado e o folclore — restaurantes típicos

...IEL.

Cantam: Sérgio, Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas 14 ✲ Tel 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Curtumes. 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

Cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Argutos. Fandango pelo Grupo de Vila Franco de Xira ✲ **Cons. Mín., 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop—Soul e Undergraung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e jantares e serviço de Bar permanente, **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
534466 661949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto «Leader» ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

BATACLAM
BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

candidatar aos prémios. Oportunamente receberá, em sua casa, um cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa», do qual constará o número que o habilitará ao sorteio. A sua participação activa no concurso tem ainda uma outra fase, simples sem dúvida, pois se resume a recortar e guardar os «cabeçalhos» (título e data da primeira página) dos jornais publicados entre 7 de Abril passado e 7 de Julho próximo. No caso de vir a ser contemplado a colecção dos «cabeçalhos» provará que é, na verdade, leitor assíduo do «Diário de Lisboa». Mas, se for contemplado quais os prémios que o podem aguardar?

Em primeiro lugar, um magnífico e confortável apartamento mobilado e um automóvel «Morris 1300», de quatro portas e cinco lugares. Outros dois apartamentos também mobilados, e situados como o anterior num dos imponentes edifícios que constituem o grandioso centro urbano que Empreendimentos J. Pimenta S.A.R.L. está a concluir no Bairro Comendador Joaquim Matias, em Paço de Arcos, são mais dois excelentes prémios que o «Diário de Lisboa» oferece aos seus leitores mais dedicados.

Os três apartamentos têm uma localização execelente, a escassas centenas de metros do areal da praia e excelentes panorâmicas sobre o oceano, numa zona de desanuviados horizontes e liberta dos efeitos perniciosos da poluição atmosférica.

Estes são os primeiros prémios de uma lista bastante aliciante, da qual se destacam ainda viagens às principais cidades da Europa e da América, instituídas com a colaboração das companhias de aviação Varig, Canadian Pacific e S. A. S.

Na Europa, os premiados (aos quais é dada a oportunidade de se fazerem acompanhar por um familiar ou amigo, durante os oito dias da viagem), poderão não só visitar Paris, Londres, Roma ou Franckfurt, mas também, mais ao norte, travarem conhecimento com os costumes e povo escandinavos, nas suas escalas de Estocolmo, Copenhague e Oslo. Na América do Norte, os participantes desta iniciativa do nosso jornal terão ocasião de conhecer as cidades de Toronto e Montreal e assistirem ao fabuloso espectáculo natural proporcionado pelas Cataratas do Niagara.

Descendo alguns graus em latitude, a paisagem muda e os costumes também. O Rio de Janeiro com a cosmopolita praia de Copacabana e o Cristo do Corcovado, lá no alto do morro, é um prémio não menos aliciante que os anteriores.

Tudo isto está ao alcance dos nossos leitores, apenas pelo simples facto de o serem. Recordemos, contudo, mais uma vez que termina amanhã o prazo para a entrega dos cupões de identificação e que existe um ditado bem português que reza: «não guardes para amanhã o que podes fazer hoje».

A famosa praia de Copacabana é uma das zonas atractivas que o leitor poderá visitar durante a sua estada na «cidade maravilhosa»

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome, a morada, a localidade onde reside e facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão duplo.

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir *na sua residência* o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente do cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo) recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos» o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes.

O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente) assim se procedendo sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal, de onde conste o título deste e a data de publicação.

JORNAIS ATRASADOS

● Os leitores, residentes em Lisboa, que pretendam jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem adquiri-los na Rua Castilho, 185, 1.º e na Rua Luz Soriano, 17, das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 18 e 30, excepto aos sábados, em queohorário é só das 9 e 30 às 13.

● Os leitores que morem fora de Lisboa podem dirigir-se por carta à Rua Castilho, 185, 1.º, enviando o valor dos jornais desejados, em que o horário é das 9 e 30 às 13.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

«DOSSIER» TRANSPLANTAÇÃO RENAL

Uma carta do dr. Rodrigues Pena e uma entrevista com o dr. Jacinto Simões

Há alguns dias o sr. Ângelo Marques da Silva, que recebera um rim doado pelo pai, teve alta do Hospital Curry Cabral, onde esteve entregue aos cuidados da equipa chefiada pelo dr. Jacinto Simões, director dos Serviços de Reanimação daquele estabelecimento hospitalar. Passado o período mais perigoso da rejeição, o doente pôde regressar a casa depois de seis meses de hospitalização, considerando-se a transplantação um êxito.

O dr. Jacinto Simões, na altura, emitiu algumas opiniões, relativas ao caso e à transplantação renal no nosso País, de que nos fizemos eco. Pouco depois, recebemos a seguinte carta do dr. Rodrigues Pena, médico interno dos Hospitais Civis, morador na Rua Actriz Virgínia, 16, r/c direito, em Lisboa.

«Ex.mo Senhor Director:

Tive hoje a oportunidade de ler, no Jornal da mui ilustre direcção de V. Ex.ª, algumas considerações referentes a uma política de transplantação renal, atribuídas ao Sr. Dr. Jacinto Simões, em relação a quem me apraz afirmar a muita consideração que me merece.

«Alguns pontos nessas considerações são, pelo menos, controversos, e afigura-se-me urgente contestá-los, ainda quando o tom é de casualidade, de informalidade, como simples comentário a um acontecimento do momento.

«Refiro-me ao problema da doação de órgãos. Não me parecem correctos nem justos os termos em que pretende impor-se uma obrigação moral relativa á doação aos familiares dum doente que espera um transplante de rim. A atitude corrente nos meios onde se vivem estes problemas, nomeadamente nos grandes centros de transplantação, é bem diversa da posição assumida pelo Dr. Jacinto Simões que, sendo, sem duvida, original, não parece suficientemente sólida do ponto de vista deontológico. Assim:

DAVID HUME (Richmond, Virgínia, Estados Unidos), o pioneiro da transplantação renal cadavérica escreve sobre o assunto:

«Importancia particular assume a avaliação do dador, do ponto de vista da sua motivação para doar um rim. Se parecer existir a mínima relutancia, deve encontrar-se uma razão médica para excluir essa pessoa como um dador aceitável, para aliviar a sua consciência, e protegê-lo do desgosto ou da hostilidade, quer do receptor, quer doutros membros da família». *Advances in Surgery, Vol. 2 Year-Book Med. Publ. 1966* (pág. 426).

ROY YORKE CALNE, de Cambridge, Inglaterra, com quem trabalhei dois anos: «Penso ser da maior importancia tentar excluir toda e qualquer possibilidade duma pressão exercida sobre o dador por outros membros da família, ou que a sua motivação resida apenas num sentimento de dever ou de culpa no caso de recusar. Deve haver um desejo óbvio e genuino de doar um rim, de facto um sentimento de privação se tal desejo for recusado». *A Gift of Life, Medical and Technical Publ. 1970* (pág. 54)

Atribui o «Diário de Lisboa» ao Sr. Dr. Jacinto Simões:

« muitas pessoas são extraordinàriamente egoístas e não são capazes de dar um rim a um filho ou a um irmão... É duro, mas é verdade (...)».

Receio que, no seu entusiasmo pelo progresso do trabalho na sua Unidade, ele tenha ido mais longe na veemência do seu apelo do que se afigura admissível, do ponto de vista deontológico.

Quanto á transplantação renal cadavérica, também não é justa a apreciação relativa que dela se faz na programação duma política de transplantação, pois se verifica, em todos os centros, uma tendência para a utilização de órgãos cadavéricos, com resultados cada vez melhores, e inteiramente comparáveis aos que se obtêm com dadores vivos não aparentados. Parece-me que um programa que pretenda aproximar-se das necessidades duma população em matéria de transplantação renal terá que basear-se essencialmente neste tipo de transplantes. Não podemos esquecer-nos, por outro lado, que a doação dum rim representa um sacrifício importante, e um risco que, embora muito pequeno, existe, como é inerente a qualquer intervenção cirurgica.

Para terminar estas breves considerações importa sublinhar que a transplantação implica decisões melindrosas do ponto de vista deontológico, e é precisamente por isso que convém ser rigoroso e prudente nas tomadas de posição, sem o que todo o futuro da transplantação — e a vida dos doentes que dela carecem, 250 a 300 por ano, em Portugal — estarão gravemente comprometidos.

Lisboa, 19 de Junho de 1971.

J. Rodrigues Pena, Médico. Cirurgia Geral. Ex-bolseiro da Fundação Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura. Ex-Senior Surgical Registrar, Renal Transplantation Unit, Addenbrooke's Hospital, Cambridge, Inglaterra. Ex-Research Fellow, Department of Surgery, University of Cambridge.

Nota: Esta carta refere-se á local com o título «Êxito da transplantação renal feita em Lisboa», publicada na oitava página do «Diário de Lisboa» de hoje, 19 de Junho de 1971».

«Citações de pessoas altamente cotadas...»

Porque não ignoramos o esforço que tem sido levado a efeito pelo dr. Jacinto Simões, ou melhor, pela equipa de que aquele clínico é chefe, achámos que teria interesse para o publico ouvi-lo, no que respeita á matéria contida na carta do dr. Rodrigues Pena.

Recebeu-nos o dr. Jacinto Simões no seu gabinete no Serviço de Reanimação do Hospital Curry Cabral e, depois de ler a carta em questão, começou por nos afirmar:

— *Todas as citações que o dr. Rodrigues Pena inclui na carta provêm de pessoas altamente cotadas e sobre elas nada tenho a dizer. São afirmações respeitáveis, mas em nada colidem com as declarações que fiz na altura em que o Angelo Marques da Silva teve alta. Isto porque eu nunca defendi, nem podia defender, que fossem exercidas pressões individuais, no sentido de serem doados orgãos, tanto no que respeita a dadores vivos como no caso de familiares de falecidos. Pressões individuais, nunca! Falei, sim, e reafirmo, que a doação de um orgão é um acto moral desejável, e, portanto, deve-se estabelecer entre a população esse desejo. Há que se encetar um processo geral de educação do publico no que toca ás transplantações. Somos por natureza individualistas, continua a ser verdade que há pessoas que não desejam dar órgãos, mas também continua a ser verdade que quem dá é altruista. Existem tabús religiosos, por outro lado, que estão ainda muito arreigados no espírito de larga camada da população. Isto embora a própria Igreja não se oponha ao avanço da ciência. Uma campanha de esclarecimento dessas pessoas, fazendo-lhes ver o altruismo que existe em doar um orgão. E nisto não vejo que haja quebra de quaisquer princípios deontológicos. Coacções individuais, sim, quebrariam princípios deontológicos, mas, recorrer a processos desses, de modo nenhum! Trata-se de coisa absolutamente condenável.*

— O dr. Rodrigues Pena fala no risco que corre o dador...

— *Mas se não houvesse risco, onde estaria o altruísmo?!*

«É preciso educar o nosso público»

E o dr. Jacinto Simões prossegue:

— *É preciso educar o nosso publico, que, como lhe disse, é muito individualista. Não se preocupa com o destino dos outros, tem falta de espírito colectivo. Em muitos países existem associações beneméritas, gente que sem qualquer interesse directo, sem parentes em risco de vida, dedica tempo a esses problemas, apenas por espírito de auxílio. Preocupam-se com as pessoas em hemodiálise, estão educadas para a benemerência publica. Não parece novidade dizer-se que precisamos de educar o publico no sentido de se criar um espírito colectivo. Isto no caso das transplantações torna-se sobremaneira importante.*

A utilização de órgãos cadavéricos

— E no que respeita á parte da carta do dr. Rodrigues Pena em que este fala de que, em todos os grandes centros, se verifica uma tendência para a utilização de órgãos cadavéricos?

— *Em muitos países fazem-se hoje mais transplantações a partir de orgãos cadavéricos, mas as primeiras, e muitas foram, fizeram-se com dadores vivos. Quando fiz as declarações que motivaram a carta do dr. Rodrigues Pena, não estava a falar com técnicos, nem a fazer um relatório sobre o estado actual das transplantações na Europa. Estava a falar, sim, de um clima espiritual existente e da necessidade de se criar um clima propício ás transplantações.*

«Nunca defendi, nem podia defender, que fossem exercidas pressões individuais para doação de órgãos»

Uma portaria muito recente

Antes de prosseguirmos a nossa conversa com o dr. Jacinto Simões, temos de recordar que apenas uma portaria muito recente (apareceu há cerca de dois meses) veio permitir o aproveitamento de órgãos de cadáveres para fins de transplantação. Mesmo assim, esse aproveitamento não é um jacto automático, tem de haver licença dos familiares do falecido ou autorização dada em vida. Todos sabemos como as pessoas ainda reagem á morte, como muitas pessoas ainda se prendem a conceitos atávicos, entravando o avanço da ciência, não permitindo, no caso es-

(Continua na pág. seguinte)

AS BODAS DE PRATA DA S.N.F.I.

A Sociedade Nacional de Fomento Imobiliário, S. C. A. R. L. (S. N. F. I.) vai comemorar, com uma sessão solene, o 25.º aniversário da sua fundação.

A sessão, a que presidirá o secretário de Estado das Obras Públicas, eng.º José Adolfo Pinto Eliseu, realiza-se no dia 1, às 18 horas, no salão da sede da sociedade, à Av. António Augusto de Aguiar, 136-9.º

OS 32 ANOS DOS MARIALVAS DE SÃO CRISTÓVÃO

«Os Marialvas de São Cristóvão» festejam o seu 32.º aniversário no dia 18 de Julho. Por tal motivo, vestirão e calçarão, nesse dia, 33 crianças pobres.

«DOSSIER» TRANSPLANTAÇÃO RENAL

(Continuação da pág. anterior)

pecífico das transplantações, a cedência dos orgãos de um cadáver.

O dr. Jacinto Simões foi um dos clínicos que se bateram para que surgisse a portaria em causa, um documento que pode salvar vidas, mas, como vamos ver, não resolve todos os problemas.

— *Bati-me directamente para que pudessem ser aproveitados os orgãos cadavéricos* — afirma-nos o dr. Jacinto Simões.

— *Mas dadores vivos e dadores mortos representam métodos complementares. E uma coisa é verdade: os resultados com dadores vivos são superiores aos obtidos com transplantações a partir de dadores mortos. Em alguns centros, também é verdade, os resultados tendem a aproximar-se. Mas não se aceita um dador vivo desde que não haja parentesco, não se aceita um dador não consanguíneo. Com os dadores mortos... os órgãos nunca são em número suficiente! Por isso eu falei que seria desejável que os orgãos dos cadáveres fossem destinados às pessoas que não têm quaisquer possibilidades de contar com dadores vivos.*

Também em tal afirmação não me parece estar contida qualquer quebra de deontologia... Se existissem bancos de orgãos, onde os mesmos fossem classificados e pudessem aguardar possibilidades de transplantação, bancos onde fossem conservados rins, corações e outros orgãos; se existisse riqueza de orgãos para doação, mas estamos muito longe do desiderato. E, depois, o tempo de conservação é relativamente curto... Vou-lhe dar um exemplo: para uma escolha adequada, com maiores probabilidades de êxito numa transplantação a partir de cadáver, é conveniente que a escolha do receptor seja feita entre um grupo de eventuais receptores que atinge cerca de 130 casos.

Isto implica 128 indivíduos em hemodiálise. Com o objectivo de se poder efectuar troca de orgãos entre países tem havido reuniões, prevendo-se os tempos úteis de transporte. O número de doentes portugueses em hemodiálise, no nosso serviço, não excede os 12. Geralmente, são em número de oito. Necessitávamos de expandir a nossa sala de hemodiálises. Encara-se a possibilidade de uma organização com a Espanha, por outro lado, para obtermos mais resultados. Vou-lhe dar outro exemplo: temos uma doente hemodialisada há três anos, neste serviço. Não tinha possibilidades de transplantação a partir de dadora vivo, não se podia encarar a hipótese de transplantação a partir de cadáver, porque ainda não existia a portaria que permite agora aproveitar os orgãos cadavéricos, foi necessário encontrar um centro onde a aceitassem. A doente partiu para Lyon, aguardou que aparecesse um orgão adequado para transplantação. Este apareceu finalmente, fez-se o enxerto, mas o corpo não aceitou o novo orgão, que acabou por ter de ser removido. A doente voltou à hemodiálise e continua a aguardar dador. É um exemplo entre muitos. Há todo um trabalho de pesquisa de compatibilidades, de procura de determinados grupos. Interessava que o publico tivesse uma ideia geral destes problemas, para que fosse fomentado o espírito colectivo de que já falámos. É preciso combater o fatalismo do nosso povo, que aceita como coisa do destino a morte.

«Do ponto de vista cirúrgico, transplantar é uma técnica»

E continuamos a nossa conversa com o dr. Jacinto Simões, que, entretanto, já atendeu dezenas de telefonemas. A dada altura, entra no gabinete o cirurgião dr. Viana Barreto, que fica a assistir e a participar no diálogo.

— É natural, dr. Jacinto Simões, que o publico seja fatalista por falta de esclarecimento, preso ainda a tabus religiosos, a superstições e face a uma ciência que progride num ritmo cada vez maior... — dizemos.

— *Pois, é natural, embora desde Pio XII que a Igreja tenha definido claramente que não se opõe ao avanço da ciência, mas a incompreensão surge como natural, por falta de esclarecimento. Estamos perante uma nova concepção de morte. A paragem cardíaca não mais é sinónimo de morte. O coração pode estar parado quatro minutos e ser reanimado, isso constitui hoje prática corrente. A morte é hoje determinada, e isso aceita-se internacionalmente, pela irreversibilidade das lesões causadas no cérebro. A morte é cerebral, portanto, dado que o homem se diferencia dos outros animais, precisamente, pela sua actividade intelectual. Um homem pode estar morto e a circulação a fazer-se. É uma nova concepção de morte, portanto, e isso causa estranheza ao publico.*

— Já foi feita, no nosso País qualquer transplantação a partir de um cadáver?

— *Ainda não fizemos qualquer transplantação desse tipo porque tudo tem de ser organizado. Mas os maiores êxitos em transplantações foram os feitos com irmãos gémeos, do mesmo óvulo. Os orgãos têm de ser o mais parecidos possível, porque o nosso corpo é muito individualista. Há todo um conjunto de circunstancias... Bem vê, transplantações fazem-se há dezenas de anos; em si, a técnica cirurgica da transplantação nada tem de especial... Os progressos fazem-se nos laboratórios.*

Lembramo-nos do «êxito publicitário» do dr. Christian Barnard e não podemos deixar de reproduzir as palavras do dr. Viana Barreto, do cirurgião experimentado que é o dr. Viana Barreto:

— *Fazer uma transplantação, do ponto de vista cirurgico, não constitui qualquer proeza. É uma técnica. Uma técnica que se aprende como qualquer outra. No que me diz respeito, acho bem mais fácil fazer uma transplantação do que praticar certas intervenções no Banco do Hospital... O difícil é manter o doente vivo e isso deve-se aos homens da medicina, não a nós, cirurgiões. Difícil, repito, é toda a preparação prévia, a hemodiálise, a escolha do dador e do receptor, e, uma vez o orgão transplantado, manter o doente vivo. É para isso que todos os médicos trabalham: para manter homens vivos!*

O dr. Jacinto Simões intervém:

— *Todos, neste serviço, fazemos uma missão de conjunto. Somos uma equipa, uma equipa com o único objectivo de progredir. Olhe, de tal modo somos uma equipa que, quando o Angelo Marques da Silva teve alta, começou por querer agradecer e, a dada altura, acabou por dizer que agradecia a todos: médicos, enfermeiras, serventes... Ele via bem que o trabalho tinha sido de todos, sem haver «vedetas», que éramos uma equipa. Há uma coisa que eu queria precisar, em relação ao dr. Rodrigues Pena: este serviço está, como sempre esteve, aberto para ele. Pode vir trabalhar connosco quando quiser. E posso garantir-lhe que terá nesta equipa, o lugar equivalente à sua capacidade técnica. Repito: a porta está, como sempre esteve, aberta para o dr. Rodrigues Pena.*

A FESTA DA RAINHA SANTA

COIMBRA, 29 — Estão a decorrer na Igreja do Convento de Santa Clara as novenas preparatórias da festa religiosa à Rainha Santa Isabel, que decorrerá em 4 de Julho,

DIRIJA O SEU OLHAR

E O SEU GOSTO PARA O PRONTO-A-VESTIR

TUDO PARA HOMEM E TUDO PARA RAPAZ

ADÃO, CAMISEIROS
ADÃO JUVENIL

RUA AUGUSTA, 240

«COISAS QUE ESTÃO MAL NA VILA DE NELAS»

«Coisas que estão mal na vila de Nelas»: assim foi intitulada, nesta mesma secção, uma carta do nosso leitor sr. Albino Pais Monteiro, a que a Câmara Municipal respondeu em documento por nós publicado no passado dia 15. Ao mesmo tema volta agora a sr.ª D. Elvira Henriques, também nossa leitora, residente em Lisboa, à Rua Raquel Roque Gameiro, 6, 6.º direito, com a carta que a seguir transcrevemos:

«Li com surpresa a resposta pouco elegante da Câmara Municipal de Nelas, publicada em 15 do corrente no vosso jornal, a uma carta em que se apontavam alguns dos muitos problemas que afligem aquela vila.

Gostaria de fazer alguns comentários à resposta da Câmara. A casa do «Fundo do Povo» é muito linda e antiga, e, mesmo «pseudo-renascença» que seja, é digna de restauro para uso da comunidade. Uma vila paupérrima em arte como é a de Nelas deveria cuidar do seu património e não, irónicamente, desfazer do alvitre judicioso do sr. Albino Pais Monteiro.

O concelho pode, na verdade, possuir algumas dezenas de construções de «grande interesse arquitectónico-arqueológico», mas em que estado, se «nem sequer são consideradas de interesse público» (sic)? Contradição! Basta recordar aqui o caso do Pelourinho de Vilar Seco, derrubado há anos por um carro, e que foi «restaurado», ou «substituído»... e de que maneira!

Também não admira, tendo em conta o «plano de urbanização» do chamado «bairro residencial», no cimo da Rua D. Afonso Henriques. Se é que se pode chamar «residencial» a um conjunto de algumas moradias, bonitas mas desalinhadas, e cercadas de barracões de todos tamanhos e feitios, construídos com licença camarária, e onde se criam galinhas, patos, perus, coelhos, porcos... e onde até se fazem montureiras de estrume, com o consequente mau cheiro e mosquedo para toda a vizinhança.

A Câmara de Nelas não nega, na sua resposta, a existência do problema da água. Mas há também o das lixeiras: muitos caminhos vicinais onde só se pode passar com o dedo no nariz, e com dificuldade, pois estão obstruídos com lixo em putrefacção, para aí deitado por algumas moradoras. Casos concretos: no caminho de acesso às fazendas conhecidas por «Chão do Esterco», logo acima do portão das Teixas, no caminho da Borraceira, junto ao da Regada, e até no Fundo do Povo, junto á ponte. Não poderia a Câmara preocupar-se também com esses problemas? Tal como sugere o sr. Pais Monteiro, a obra «grandiosa» do Largo do Município poderia talvez esperar melhores dias.

Não pede, tão insistentemente, o Presidente do Conselho que *todos* os portugueses colaborem na obra de Progresso Social e Económico do País? E criticar objectivamente não é colaborar? E não serão os problemas de água e lixo importantes na vida social e económica duma povoação?

E será que a carta do sr. Albino Pais Monteiro merece uma resposta tão pouco airosa e deselegante da Câmara Municipal de Nelas?

Há ainda outras coisas que estão muito mal na Vila de Nelas. O problema do emprego, por exemplo: empregados que não estão inscritos nas Instituições de Previdência, escondendo-se quando «passa o fiscal». Embora a Câmara nada tenha a ver com este assunto, seria bom tentar encontrar uma solução».

Presença Ford na festa da Escola Agrícola D. Dinís (Paiã)

No decurso da festa de encerramento do ano lectivo da Escola Agrícola D. Dinís (Paiã), a Ford Lusitana ofereceu àquele estabelecimento de ensino um tractor da vasta gama Ford. Integrado no programa das festas, houve ainda demonstrações da utilização de diversas máquinas agrícolas Ford

MG 1300 MK II

fulgurantemente rápido e desportivo, desenhado para quem sabe e gosta de guiar

Não podia deixar de o ser. Tem uma tradição a cumprir. Mais: nunca se viu MG (de 5 lugares) tão requintado, nem com tanta vontade de despachar estrada. E como ele se agarra! E o agradável que é com o tal volante de competição nas mãos, meter aquela magnífica terceira e deixar a longa fila de carros para trás! O MG 1300 MK II é de facto o carro para si. Mas terá de facto você unhas para ele?

A. M. ALMEIDA, LDA.
Av. Guerra Junqueiro, 16 A e 16 D - Lisboa
(Com parque privativo para os nossos clientes)
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

nas férias os seus filhos podem aprender inglês
num colégio católico da Irlanda

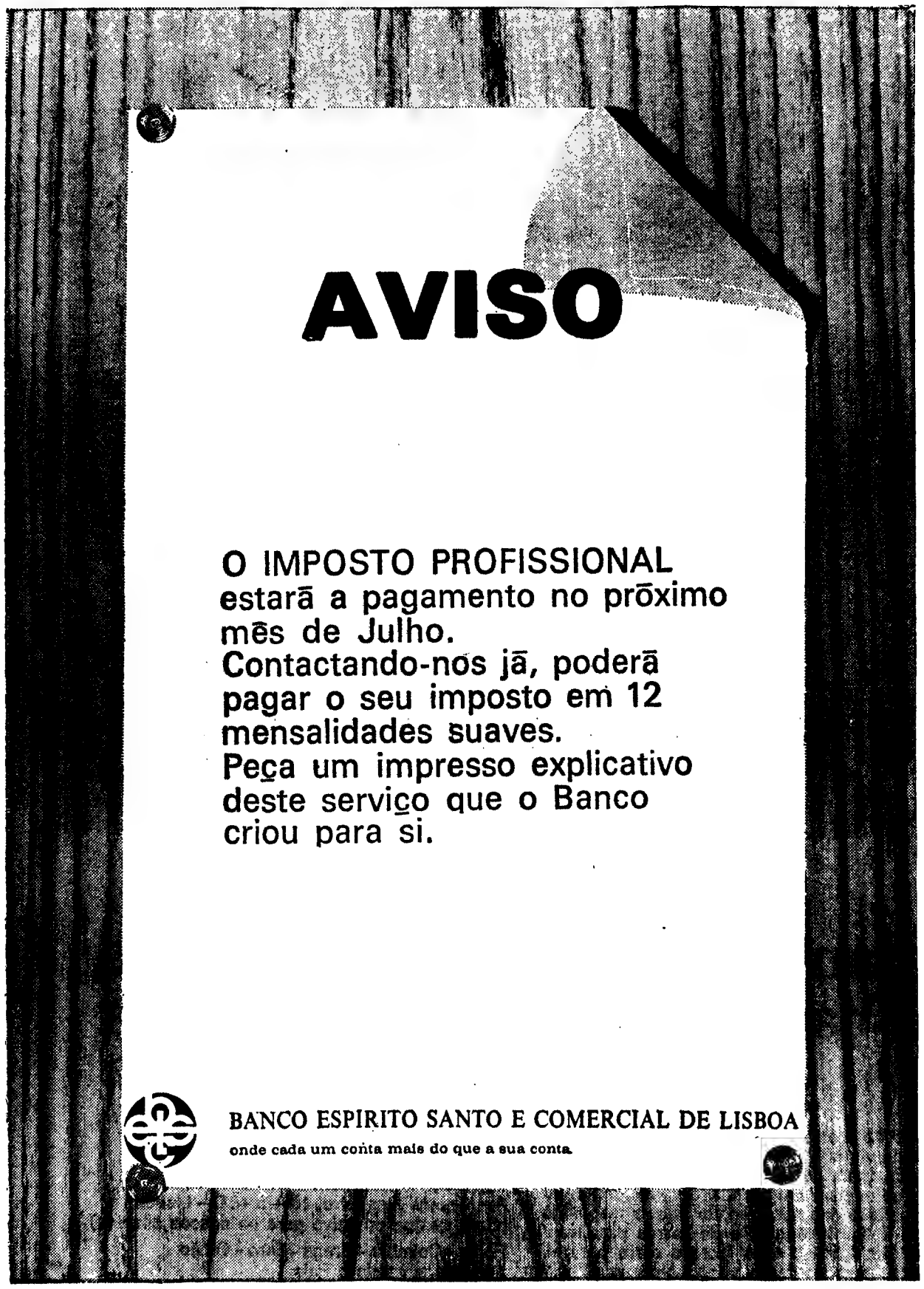
Peça ao seu Agente de Viagens o programa do curso de férias Multitur no Marian College, em Dublin. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a língua internacional de hoje — o inglês.

- Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos
- Duração — 4 ou 8 semanas
- Partidas — 4 Julho e 1 Agosto
- Preços (tudo incluído) desde 9.400$ *

* *Aproveite as facilidades do sistema Multicrédito*

Cursos de férias
multitur

A ÁGUIA AGRADECE ao tratador e dono depois dele ter obtido uma vitória em face de uma ordem de despejo. Ken Dawson, o dono, recebeu a ordem de um antigo patrão. Com ele e a família teriam de sair da quinta onde viviam mais 100 pássaros dos trópicos. Finalmente, um tribunal deixou que a «família» ficasse, desde que não aumente muito



CURIOSOS E DESGRAÇAS DO MUNDO – 3

CHÁ DE TÍLIA A EXPLORAÇ

— Se o senhor soubesse a minha vida até ia roubar para me dar algum!

Arco de S. Vicente, à Feira da Ladra, manhã de chuva miudinha. Olho esquerdo espetado no repórter (o direito é uma névoa azulada), Francisco, ervanário dos poisos da rua, não quer mais conversa. Ele ali a ganhar o pão, o caldo, o copo de vinho — e vem um tipo, «com ordenado e barba feita», a querer saber como é, como não é, isto e mais aquilo... «Falta de respeito por quem trabalha!».

Não, ele não diria nada, que uma vez uns estrangeiros filmaram-no, fizeram-no cruzar a rua não sabe quantas vezes, ponha-se assim, ponha-se assado e, no fim, deram-lhe a miséria de 50 escudos. E agora, era, seria a mesma coisa. exploravam-no mais uma vez, tim-tim por tim-tim, e toma lá cinco c'roas...

— Mas...

— Ponha-se a andar!

Desça ao contra q versa!

...aso ... toda a g voz alta irritado - sidade de o repórte favas da ...coeira d sem ter c a compr que lhe f

Coro (... vozes no te:

— Resp

Reportagem de PEDRO

Já o «flash» tinha relampejado na barba por fazer do ervanário. Vai, não vai, o repórter ficou encostado na pedra de S. Vicente, os olhos nas plantas que a zanga de Francisco não conseguia arrumar bem na laje do passeio. Que idade teria aquele homem, donde viera, o que fizera na vida? Sempre pelos campos e serras á cata das ervas...? Outro ofício...? Mulher e filhos...? Enfim — coisas e loisas que toda a gente tem para contar.

Mas o homem do Arco de S. Vicente era teimoso no resmungo e afiado na ira:

— Aí especado como um polícia! Pois olhe que tenho a licença paga...

— Ah, paga licença...?

— Claro que sim! Então o senhor julga que... Mas que estupidez a minha! Cala-te, boca! O senhor quer é que eu fale, conte coisas, isto e mais aquilo... O malandro a querer ganhar dinheiro á minha custa!

— Deix em paz!

— Entã vai para serve de

— Ora gueses. P no papel!

Fransci poiado, d «M» de M

— Tom atira, apr riga.

Novo contrato colectivo para profissionais de construção

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, sr. dr. Silva Pinto, homologou o contrato colectivo de trabalho firmado entre o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Materiais de Construção e o Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa.

O contrato foi já enviado para o Boletim do I. N. T. P., entrando em vigor cinco dias depois da respectiva publicação, que se espera venha a verificar-se ainda este mês.

VOI
A
*SER... haver depois interru festa d ro dos tor dos A fe um gr os seu que p vila to faro e tando

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.

DA MODA
RUA DA PRATA, 257
GRANDE OURIVESARIA

VIAGENS IT
CITIRAMA

AMESTERDÃO	4 550$00
BASILEIA	5 300$00
BELFAST	5 250$00
BERLIM	6 300$00
BERNA	5 300$00
BRUXELAS	5 200$00
CASABLANCA	3 600$00
COPENHAGA	8 750$00
DUBLIN	5 510$00
EDIMBURGO	5 450$00
FLORENÇA	5 670$00
FRANKFURT	5 550$00
GENEBRA	4 700$00
HAMBURGO	6 000$00
HANOVER	5 950$00
LONDRES	4 400$00
MADRID	2 280$00
MILÃO	5 000$00
MUNIQUE	6 050$00
NICE	4 500$00
PARIS	4 950$00
ROMA	5 250$00
VIENA	6 750$00
ZURIQUE	5 460$00

E OUTRAS CIDADES

PEÇA-NOS PROGRAMA
CITIRAMA
Viagens e Turismo, SARL
LISBOA
Av. Praia da Vitória, 12-B
Telef. 560668-561607
CASCAIS
Rua Dr.º Iracy Doyle, 6-A
Telef. 283456

SALÃO AUT
Hotel Ritz-26 de Jun

* TAMBÉM EM VERSÃO DESCAPO

IA NÃO ACALMA ÇÃO DO HOMEM

ça ao Rossio que lá en-tra quem lhe dê con-ta!

aso difícil na rua de a a gente. Palavras em alta, Francisco todo tado — e logo a curio-ade de quem passa sobre epórter, ali a pagar as as da **«filmagem trai-ira dos estrangeiros»**, n ter culpa de nada, mas compreender o homem lhe fugia á fala.

oro (desencontrado) de es no Arco de S. Vicen-

— Responda lá, tiozinho!

DRO ALVIM

— Deixe o homem vender paz!

— Então não vê que isto para o jornal e até lhe ve de reclame?

— Ora! Ele já tem fre-ses. Precisa lá da cara papel!

ransciso, apoiado, desa-ado, desabafa com um de Maria.

— Tome chá de tília! — a, apressada, uma rapa-.

Cigarro aceso para comprar um homem

Exactamente: lá está a tília nas pedras do passeio. Linda para os olhos e boa para os nervos. Só que Francisco vê na tília únicamente a rotina, o molho a 15 tostões, e beber daquilo é que ele não bebe.

Bebeu o insulto da vida e agora vomita-o todo:

— Ai, ai, ai, ai! Desamparem-me o tasco, deixem-me aviar os fregueses, saiam, desapareçam daqui, que as pessoas até se assustam com tanta gente á minha volta! E você, seu fotógrafo, sem fotógrafo das dúzias, não me tire mais o retrato! Não explore a minha tristeza... Tal e qual como aqueles estrangeiros do «catano» que me fizeram andar ai numa fona, rua acima rua abaixo, para me darem a miséria de 50 escudos! Fora, fora, gente sem vergonha!

As pessoas vão-se afastando — e o repórter, discretamente, decide-se a pagar as palavras de Francisco.

Uma nota de cinquenta? Cinquenta com vinte...? Verdade, é que a verdade de um homem não tem preço. Bem — um cigarro aceso atira com a proposta do repórter:

— Tá btm...?

Nome roubado debaixo de chuva

Acontece, então, que o orgulho do homem o põe todo de pé.

Ele, agora, não podia aceitar o dinheiro que lhe era oferecido. Pois se tinha condenado a exploração dos estrangeiros, **«aquela miséria de 50 escudos»**, ia agora estender a mão a um tipo **«com ordenado e barba feita»** que lhe queria sugar a história da sua vida...?

— Guarde o dinheiro, o dinheirinho, que lhe não dou nem uma palavrinha! O senhor é tão explorador como os outros... Vá á sua vida e deixe-me na minha!

— Mas, sr. Francisco...

— Ai, ai, ai! Bem se vê que o senhor não conhece os homens da Beira Baixa! Eu sou de lá, sabe...? Pode ficar todo o dia aí parado, que de mim não leva mais nada! Raça de exploradores... E não lhe perdoo a maneira como me arrancou o nome! Que vigário hem...? Chega-se aqui e pergunta se me chamo António. Eu, de boa fé, digo que não, que me chamo Francisco... Depois, claro, sr. Francisco isto, sr. Francisco aquilo... Raio de habilidade que não lhe renderá mais nada cá do homem!

— Desculpe, mas...

Francisco não deu mais palavra. A freguesia começou a parar por ali, e era um molho de loureiro, outro de ervas de S. Roberto, outro ainda de erva cidreira... E também molhos de lúcia-lima, que é uma erva que tem um nome que merece um poema e faz muito bem aos males do fígado.

Francisco ervanário do Arco de S. Vicente (Feira da Ladra). Ali sempre nas terças-feiras e sábados. Nos outros dias (disse uma sua cliente habitual) anda pelos campos e serras á cata das ervas e plantas que curam os males do corpo

Enfim — de Francisco ervanário oferece-se ao leitor o resmungo contra a exploração no borborinho da Feira de Ladra em manhã de chuva miudinha.

VOLTA A HAVER EM SERPA A FESTA DOS PASTORES

SERPA, 29 — Volta a haver hoje nesta vila, depois de muitos anos de interrupção, a tradicional festa de S. Pedro, padroeiro dos pastores e protector dos seus rebanhos.

A festa é animada por um grupo de pastores com os seus trajes regionais, que percorre as ruas da vila tocando tambores, pífaro e tamboril e executando uma melodia harmoniosa.

As despesas são cobertas com o produto das ofertas que são feitas ao padroeiro e que se vendem em leilão junto á ermida do Bairro Municipal, designadamente fogaças (bolos caseiros em forma de roda), que por vezes atingem cerca de 50 centímetros de diâmetro e são enfeitadas com miolo de amendoa.

NOVO CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PORTO, 29 — Na sexta-feira, ás 9 horas, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência presidirá á inauguração das instalações do Centro de Formação Profissional para as Industrias de Madeira, na Rua Eng.º Ezequiel de Campos.

Na mesma altura, aquele membro do Governo conferirá posse aos novos dirigentes do Grémio Nacional das Industrias de Madeira.

O ÊXITO COMEÇA DE MANHÃ

Você sabe, tão bem como nós, como o êxito na vida começa de manhã... a alegria de viver, a confiança em nós próprios, o bem estar físico, tudo é importante! E tudo é preciso para o êxito do homem! Com a sua máquina de barbear "calor", e logo pela manhã, com a barba impecàvelmente feita, você (será) o êxito dum novo dia!

CALOR

um exclusivo IBEREX

DIM 2

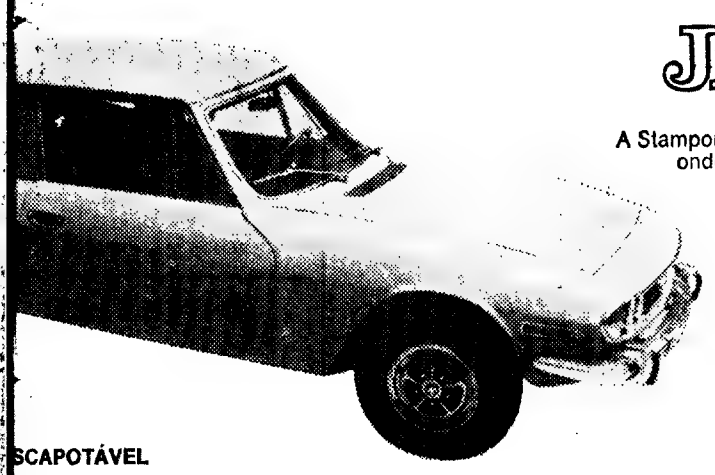
UTOMÓVEL DE VERÃO-71

morrison

Junho a 4 de Julho

Apresentando o novo e luxuoso TRIUMPH STAG

e o novo e espectacular JAGUAR 'E' V-12



SCAPOTÁVEL

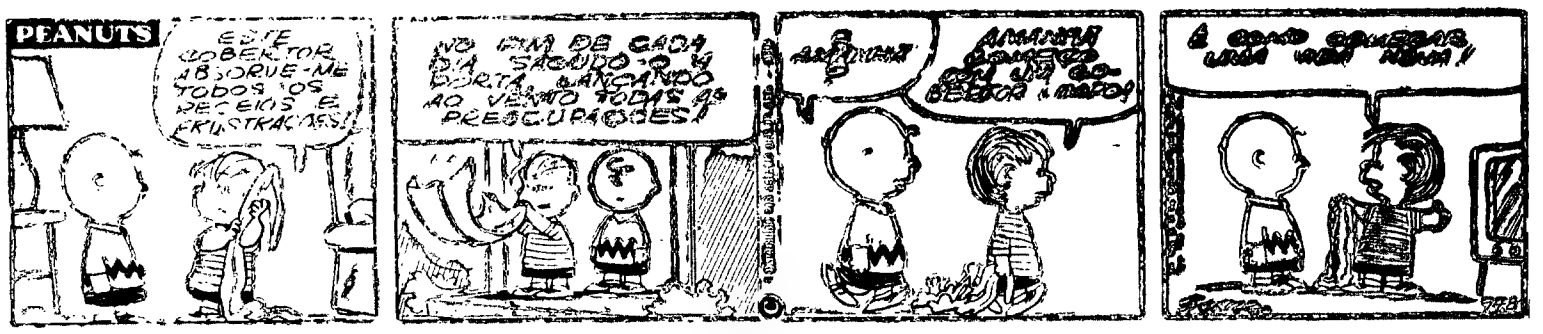
A Stampor convida-o a visitar o «Salão Automóvel de Verão-71», onde poderá admirar estes e todos os outros modelos das famosas linhas Triumph e Jaguar/Daimler, grandes vencedores do Concurso de Elegância e Conforto Automóvel do Estoril, onde foram distinguidos com onze importantes prémios.

Sorteio diário de magníficos acessórios de automóvel

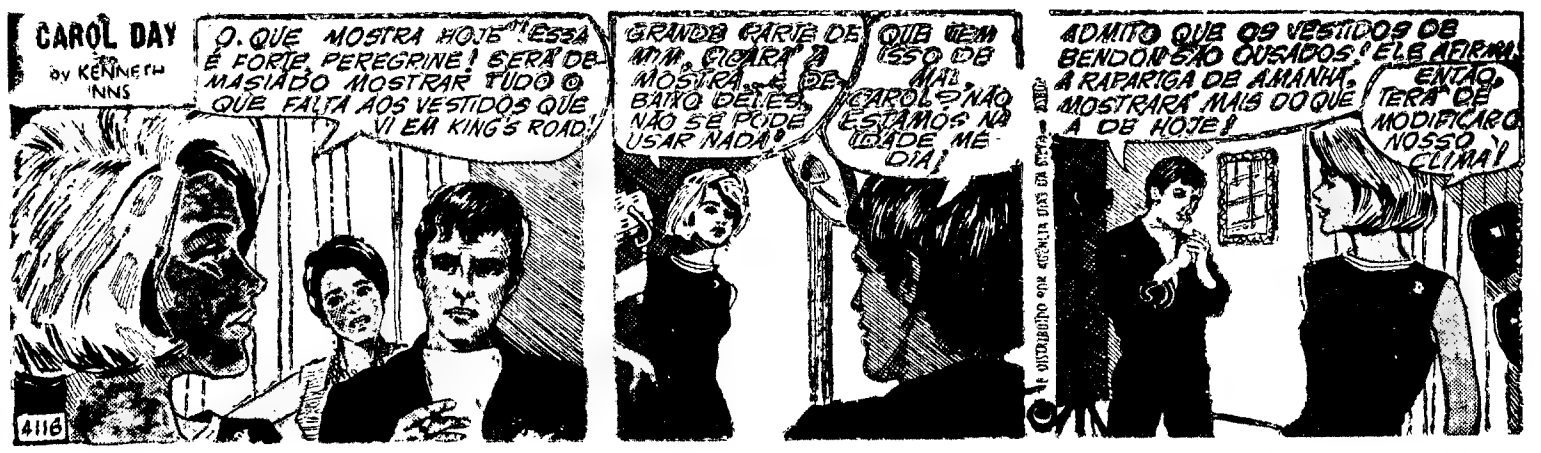
stampor, SARL

BRITISH LEYLAND TRIUMPH JAGUAR

OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Junho de 1941 publicava:

«O Reich volta a agrupar á sua volta as potências que combatem o comunismo, as que assinaram o pacto anti-Komintern, especialmente. Já a seu lado combatem a Hungria e a Roménia, a Finlandia em menor escala, pois as consequências do recente conflito com os sovietes se fazem sentir em larga escala, neste país, e a Eslováquia, cujo apoio militar é de pouca importancia. A Itália, apesar de empenhada noutras tarefas no Mediterraneo e no continente, prepara tropas para irem combater na Russia, em Espanha organizam-se contingentes de voluntários.»

TRANVIAS

LISBOA-AZAMBUJA

Previne-se o Público de que, **a partir do dia 1 de Julho de 1971,** são feitas as seguintes alterações ao HORÁRIO em vigor:

Comboio n.º 110 — Passa a efectuar paragem em **Braço de Prata** ás **9,36 h.** e retardada para as **9,42 h.** a sua hora de chegada a Lisboa (Santa Apolónia).

Comboios n.os 22913 e 22914 — Suprimidos.

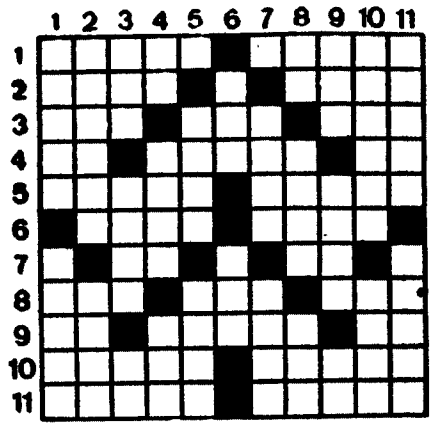
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5937

HORIZONTAIS: 1 — Veneráve.. Instrumento de tortura. 2 — Contigo. Costumar. 3 — Boi selvagem. Tritura. Pega. 4 — Preposição. Natureza animal. Antes do meio dia. 5 — Devorador. A flor, o que há de melhor na sociedade. 6 — Planta umbelífera. Remedeia. 7 — Nesse lugar Idem. 8 — Aqui está. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Espaço de doze meses. 9 — Ruim. Retesa. Érbio (s. q.). 10 — Mete em atoleiro. Terceiro estômago das aves. 11 — Murchai. Tostei.

VERTICAIS: 1 — Robustez (fig.). Divisas. 2 — Fora (Interj.). Pequeno barco de recreio. 3 — Ninho. Nome científico do pato. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 4 — Basta. Duzentos e dois em romano. Renque. 5 — Madres. Estimai. 6 — Pesar. Cidade de França. 7 — Aquela que depois de morta foi rainha. Classe de tropa. 8 — Artigo definido. Prende com elos. Preposição e artigo definido (pl.). 9 — Rate. O mesmo que ainda. Pertences. 10 — Desprende. Variedade de arroz, com casca, da Índia Portuguesa. 11 — Fio de latão, Branqueai ao sol.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5936

HORIZONTAIS: 1 — Paus. Criva. 2 — O. Trapear. 3 — Si. Airas. AC. 4 — BOM. Boi. AMO. 5 — Acabas. Breu. 6 — Atas. Cies. 7 — Aldir. Pranta. 8 — FAZ. III. Aro. 9 — Rs. Orlas. At. 10 — Arredai. O. 11 — Seroa. Olmo.

VERTICAIS: 1 — Abió. Afros. 2 — Socadas. 3 — At. Matiz. Ar. 4 — Ura. Bar. Oro. 5 — Saibas. Inra. 6 — Prós. Pile. 7 — Ceai. CRIADO. 8 — Ras. Biá. Sal. 9 — Ir. Areno. Im. 10 — Amestra. 11 — Arcou. Aoto.

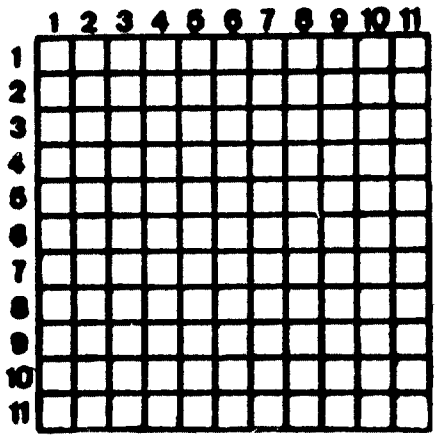
Provérbio: O BOM AMO FAZ O CRIADO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9780

HORIZONTAIS: 1 — Arrefecidos. Voltar. 2 — Molestar. Charrua. 3 — Panelas. Patrões. 4 — Raer. Dá mios. Agora. 5 — Viração. Remaro para trás. Níquel (s. q.). 6 — Conduzida á força. 7 — Prefixo que designa ar. Altar. Cristão. 8 — Vila e concelho do distrito de Portalgere. Rezar. 9 — O mesmo que linha (de geração) (Ant.). Colocar. Estava. 10 — Limpe com a vassoura. Exclusivo. 11 — Guarneceis de asas. Bancas.

VERTICAIS: 1 — Vegetação. Livro. 2 — Tornara a ler. Caminhos. 3 — Rio da Alemanha. Surgira. 4 — Duna na Suécia. Acreditas. Troça. 5 — Senhor. Dar mios. Utensílios domésticos. 6 — Vendes a crédito. Pedra de moinho. 7 — Futil. Cidade das ilhas Baleares. Álcool de melaço. 8 — Tempo do verbo ir. Ilha do Pequeno Belt. Neon (s. q.). 9 — Braço. Oferecereis. 10 — Arma. Baú. 11 — Corais (Fig.). Glóbulos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9779

HORIZONTAIS: 1 — Agora. Costa. 2 — Trio. Pior. 3 — Res. Fim. Ore. 4 — Al. Peres. Na. 5 — Sair. Sacar. 6 — Ruar. Ciar. 7 — Ará. Lãs. 8 — El. Dia. Pá. 9 — Sarau. Rosas. 10 — Avi ar. Alara. 11 — Soara. Mamai.

VERTICAIS: 1 — Afrás. Pesos. 2 — Gretar. Lavo. 3 — Ois. Lua. Ria. 4 — Ro. Piar. Aar. 5 — Ferradura. 6 — Vir. 7 — Mesclaram. 8 — Op. Saia. Olá. 9 — Sio. Cós. Sam. 10 — Tomar. Pará. 11 — Arear. Casa.

CRONOGRAFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Incabloc Resistente

100% impermeável

se passa por AVEIRO

pare no

CENTENÁRIO SNACK BAR 100 AVEIRO

LARGO DO MERCADO 8

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas: fazem lares lindos. Fábrica, Av 5 de Outubro, 208, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

DINHEIRO

S/AUTOMÓVEIS

Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751

GUARDE ESTE ANÚNCIO

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CRÓNICA CINEGÉTICA

COPIOSA CHUVA DE PROJECTOS SÓ FINDARÁ QUANDO TERMINAR O MONOPÓLIO DA CAÇA

Já anteriormente apontámos as principais alterações introduzidas pelo Decreto n.º 37 983, de 26 de Setembro de 1950, no regulamento da caça então vigente pelo disposto no decreto n.º 23 461, de 17 de Janeiro de 1934, motivo que nos leva a ocupar-nos agora da chuva, verdadeiramente copiosa, de projectos de lei tendentes a modificar a legislação em vigor.

Antes, porém, entendemos dever salientar, por ser verdade, que qualquer diploma que viesse defender, protegendo-a do seu extermínio, a riqueza venatória da Nação só poderia ser recebido entusiásticamente pelos verdadeiros adeptos do salutar desporto que não são os que deambulam pelas regiões onde haja relativa abundância de espécies para chacinar. Não, estes, muitos dos quais se apresentam como defensores da caça só pensam exterminar esta riqueza. Chamando saudosistas àqueles que na caça não vêem modo de ser açougueiro, pois, a praticam moderadamente, esquecem que açambarcando-a, passam a ser eles os saudosistas dos tempos de 1400... em que a caça era regabofe de uns tantos senhores apenas.

E alguns destes projectos, como adiante se verificará, atingiam e superavam até a necessidade, já então ampla e plenamente reconhecida como necessária, de evitar a perda de tão valioso património da Nação, a todos os títulos precioso. E tanto mais, quanto é certo que essa protecção podia alcançar-se como ainda hoje é viável, sem necessidade de recorrer ao seu açambarcamento. Isto, claro, em detrimento, manifesta e exuberantemente comprovado por actos e feitos, dos usos e costumes já seculares, que outorgaram à maioria esmagadora dos interessados o usufruto desta riqueza nacional com a prática desta modalidade desportiva. E esforçam-se por alardear o sagrado direito de propriedade como se alguém contra ele atentasse só porque de harmonia com os preceitos do Direito Romano, em vigor entre nós há séculos e de que eles mesmos se aproveitaram durante muitos anos, e ainda aproveitam talando campos livres que não são seus, matam um animal selvagem mesmo vindo, ás vezes, de milhares de quilómetros de distância. Que não resultou qualquer benefício geral para a fauna está à vista, pois, ao contrário do que se ardeia, de que tal sistema, o do açambarcamento da caça, viria a aumentar a escassez, nalgumas zonas com a proliferação de coutos e aramados e caçadores profissionais, tanto ricos como pobres está constatada insofismavelmente, não ilude quem quer que seja a despeito de todos os manter uma situação de flagrante injustiça social. Serviram-se opiperamente algumas centenas de pessoas de fartos proventos que já há anos defendiam acérrimamente o direito de coutar à imitação da Idade Média, já tão distante mas com a qual ainda há quem sonhe, muitos deles depois de terem, durante anos consecutivos, contribuído poderosamente para acelerar o caos venatório. Mas ainda preconizar protecção à fauna venatória através, por exemplo, do encurtamento dos dias de caça, de racionamento do número de peças que cada um pode abater já que a caça não deve ser mo-

do de vida de quem quer que seja, proibição do uso de certas armas, como as automáticas (nós também possuímos uma automática), repovoamento de espécies vindas das reservas a esse fim destinadas que não para a prática de «recordites», fiscalização nos campos para atenuar a actividade nefasta dos furtivos, etc., Por outro lado, porém, criou o regulamento situações altamente anómalas como, além dos coutos medievais, coutadas e aramados, o da permissão e oficialização do caçador profissional mediante uma licença de custo irrisório como o é a taxa paga ao Estado pelos coutos, indivíduo que nos terrenos livres, uns nos coutados, os outros praticam diáriamente — diáriamente num país onde as espécies cinegéticas escasseiam — chacinas de animais, de cuja comercialização vive nalgumas regiões, durante meses consecutivos, os primeiros, fazem milhares de escudos na venda de caça assim sacrificada, os restantes.

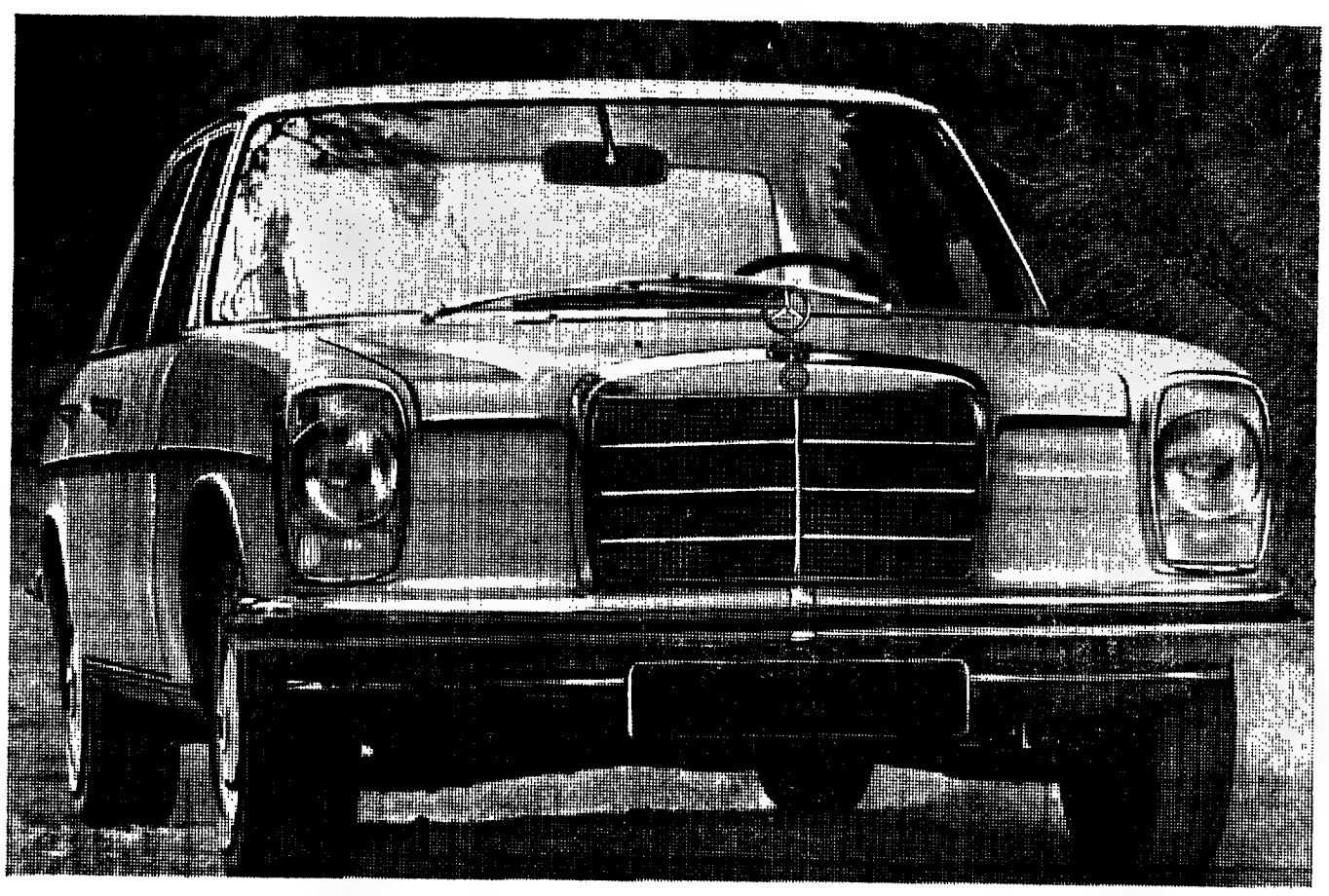
Vejamos, resumidamente como não pode deixar de ser, os projectos de lei apresentados na vigência do decreto n.º 23 461, de 17 de Janeiro de 1934, e os propósitos dos seus autores alguns dos quais, diga-se desde já em abono da verdade respeitavam honestamente a tradição venatória portuguesa, já secular, que ao povo conferia o direito de continuar a usufruir este bem comum nacional em igualdade de condições com todos os portugueses. Mas tudo leva a crer que o alvo a atingir não era o fomento cinegético por parte de alguns autores desses projectos, como depois se havia de verificar, mas o açambarcamento da caça, que desde o início do presente século se ensaiava como já anteriormente dissemos. A prova insofismável e irrefragável desta afirmação patenteia-se iniludìvelmente com o estado de escassez de animais da fauna nos terrenos livres, por manifesta falta de protecção que nunca deixou de ser implorada, tendo embora o custo das licenças de caçar aumentado substancialmente. A licença geral, por exemplo, passou de 28$00 para 300$00. Há, é certo, outras espécies de licenças como a concelhia e a regional que custam no Sul, onde os coutos se contam ás centenas, 90$00 e 200$00.

Voltaremos ao assunto.

NABAIS DA CUNHA

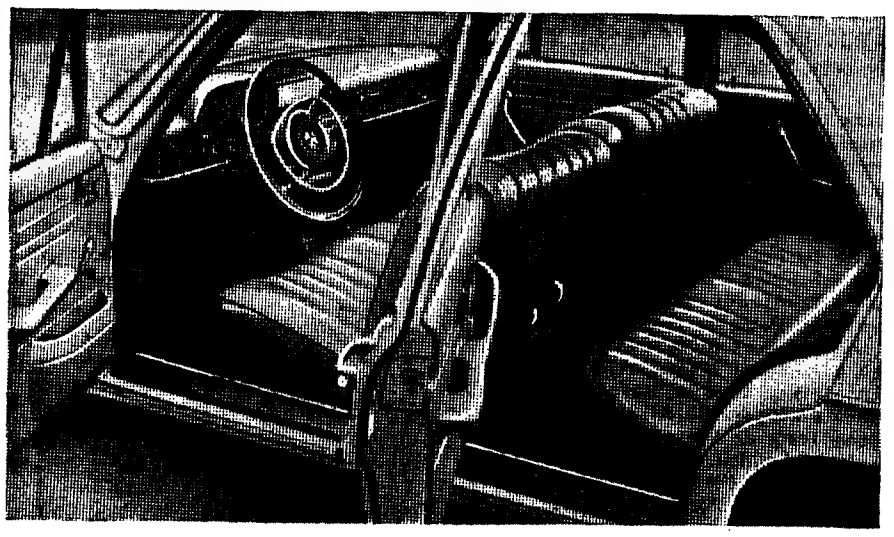
FERNANDO SYLVAN

O escritor Fernando Sylvan foi nomeado director da Secção de Estudos das Navegações e do Extremo Oriente da Sociedade de Língua Portuguesa.



Mercedes Benz 220 D (diesel) economia com classe, robustez com elegância.

O automóvel Mercedes-Benz concretiza, melhor do que qualquer outro, o desejo de quem pretende um carro económico sem abdicar de um carro de grande classe.
E o Mercedes-Benz 220 D (Diesel) não é só económico pelo seu consumo de gasóleo mas porque, concebido e executado pela mais alta qualidade técnica Mercedes-Benz, além de uma linha de elegância requintada é um carro de uma robustez a toda a prova — o que significa uma assistência de oficina muito reduzida. Não é de admirar, pois, que o Mercedes-Benz 220 D (Diesel) em qualquer momento, seja também o carro de maior valorização comercial. Por tudo isto ao dizermos que o Mercedes-Benz 220 D (Diesel) simboliza a economia com classe e a robustez com elegância, sabemos o que afirmamos e orgulhamo-nos disso. Certos de que V. também virá a orgulhar-se dele.



Mercedes-Benz

C. SANTOS SARL
Av. da Liberdade, 29, 41 - Lisboa
Filiais em: Porto - Coimbra
Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

nova agência
PHILIPS
Casa Júnior
(AO CAIS DO SODRÉ)
RUA DO ALECRIM, 19 A-21 A • TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO, 29, 1.º • TEL. 32 86 63
LISBOA
RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
ELECTROFONES
GRAVADORES
ELECTRODOMÉSTICOS

HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

RUA DO DR. ALVES DA VEIGA, 57, 1.º

PORTO

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições das respectivas emissões, estarão em pagamento a partir de 2 de Julho próximo, os juros das obrigações abaixo indicadas:

Emissões	*Cupões*	*Obrigações*	*Importancia líquida a pagar*
3.ª — 5% — 1951/97	40	Portador	16$04,8
		Port. Reg.	21$51
		Nominativas	21$33.5
		Inst. Prev.ª	24$82.5
4.ª — 5% — 1955/85	33	Portador	16$01.8
		Port. Reg.	21$51
		Nominativas	21$26
		Inst. Prev.ª	21$75
5.ª — 5% — 1960/89	24		

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme anúncio oportunamente publicado nos jornais, procedeu-se ao sorteio, em 3 do corrente mês, para efeito de amortização, a partir de 2-7-1971, de 826 obrigações, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

3.ª EMISSÃO — 5 %
1951 — 97
22.º SORTEIO
84 obrigações
Último cupão pagável — 40

Títulos de 1

131	133	140	566	604
663	704	709	856	877
884	957	1162	1243	1334
1412	1673	1852	2070	2128
2140	2173	2238	2256	

Títulos de 5

2851	3616	4591	4741	

Títulos de 10

6641	6101	7781	8661	

4.ª EMISSÃO — 5 %
1955 — 85
23.º SORTEIO
89 obrigações
Último cupão pagável — 33

Títulos de 1

88	141	176	211	229
238	277	279	317	322
369	389	461	561	708
720	759	766	791	798
920	1008	1087	1104	1152
1273	1315	1330	1382	

Títulos de 5

1771	1946	2151	2251	2651
2971	3171	3686		

Títulos de 10

4901	4911

5.ª EMISSÃO — 5 %
1960 — 89
15.º SORTEIO
653 obrigações
Último cupão pagável — 24

Títulos de 1

32504	32732	32742	32782	32790
32969	33184	33297	33373	33391
33434	33437	33528	33542	33662
33687	33756	33766	33888	33917
33924	34005	34025	34158	34174
34404	34414	34501	34502	34557
34618	34638	34911	34931	35099
35120	35132	35289	35316	35373
35383	35429	35439	35440	35587
35859	35867	35879	35888	35905
35936	35956	35965	36016	36036
36056	36106	36116		

Títulos de 5

24261	24276	24576	25056	25251
25581	25686	25876	27016	27316
27471	27611	28131	28136	28201
28231	28236	28331	28336	28431
28871	30081	30296	31611	31796
31931	32191			

Títulos de 10

15471	15731	15921	19151	19201
19221	19251	19301	20961	21061
21161	21211	21311	23291	37001
37481				

Títulos de 100

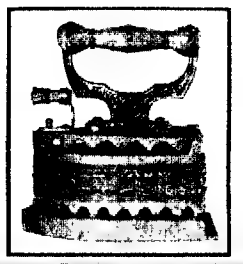
08601	10701	13901

O pagamento do valor dos juros correspondentes aos cupões acima indicados e o reembolso das obrigações sorteadas serão efectuadas na Sede da Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE, S.A.R.L., no Porto, ou no seu Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine Reis & C.ª
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank Of London & South América
Crédit Franco Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral

Porto, 25 de Junho de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



LEVEZA
E ROUPA
BEM PASSADA

- Luz avisadora
- Controlo automático, com selector de tecidos
- Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV

O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestígio: MORPHY-RICHARDS:

morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA. * RUA DE S. NICOLAU 41-4º - LISBOA

PUBLIARTE

LUSO BUÇACO
GRANDE ESTÂNCIA
de
CURA
REPOUSO
TURISMO

Tratamento de litíase renal, uricemia, gota, hipertensão e doenças alérgicas do aparelho respiratório.

1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

ADMIRÁVEL CONJUNTO DE BELEZAS NATURAIS

HOTÉIS E PENSÕES
DE
TODAS AS CLASSES

Informações: JUNTA DE TURISMO
Telefone: 93133

APEADEIRO DE FAZENDA

(LINHA DO LESTE)

Previne-se o Público de que, a partir do do **dia 27 de Junho de 1971**, passam a efectuar paragem no novo apeadeiro de FAZENDA, na linha do Leste, entre as estações de Ponte de Sor e Torre das Vargens, os combóios abaixo indicados:

Ascendentes		Descedentes	
Número	**Hora**	**Número**	**Hora**
2321	2-23	2322	7-31
2323	10-11	2220	10-33
2221	18-33	2324	16-39
2325	22-17	2326	20-56

A primeira circulação a efectuar paragem é a n.º 2 323 do dia 27.

Lisboa, 25 de Junho de 1971

O MUNICÍPIO DA MURTOSA GASTA DINHEIRO COM ESTRADAS

MURTOSA, 29 — É grande a actividade que se nota na vida municipal. Algumas obras estão em curso, com a comparticipação do Estado, destacando-se as seguintes: reconstruções das Rua de Santo Estêvão, Presidente Sidónio Pais, Professor Alípio Portugal e da Saudade, e a construção de uma nova estrada na praia da Torreira.

São obras cujo valor deve orçar por importancia superior a 2.000 contos e que se tornavam bastante necessárias, pois o estado das vias que estão a ser reconstruídas era muito mau.

Vedação de propriedades

A Câmara Municipal deliberou há meses eliminar todos os cômoros de tamargueiras que confinassem com a via pública, para melhor estética; esta deliberação agravava extraordinàriamente a situação económica dos munícipes, especialmente lavradores, que todos sabemos atravessam grave crise económica.

Os munícipes protestaram e, em massa, apresentaram o seu protesto em sessão camarária. A Câmara reconheceu a justiça e a razão que lhes assistia, deliberando suspender a execução dessa deliberação até melhor oportunidade. Não seria de facto mau, mas também temos de reconhecer que tal medida não era prudente nem oportuna e, por outro lado, não podemos condenar os cômoros de tamargueiras, desde que estejam sempre bem podados e enleados com madressilvas ou outros arbustos.

Estão a chegar os emigrantes

Começam a chegar muitas famílias, daqui naturais, que se encontram nos Estados Unidos e vêm visitar os seus parentes e a terra natal. Espera-se que no ano corrente o número de famílias que aqui vêm passar a época estival seja superior ao de 1970, aproveitando as deslocações económicas que as companhias de transportes aéreos americanas oferecem nesta quadra.

Carimbos especiais dos C. T. T.

COIMBRA, 28 — Os C.T.T. concederam dois carimbos comemorativos, para serem apostos, nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto, quando da Exposição e Colóquio Filumenístico que a secção respectiva do Grupo dos Modestos promove.

Aquela exposição inclui-se no plano de homenagem a José Maria Santiago, grande impulsionador do filumenismo nacional.

— Será aposto, igualmente, nos dias 1, 2 e 3 de Julho, na correspondência apresentada no posto dos C.T.T., a instalar na sede dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, um carimbo especial, comemorativo do 25.º aniversário daqueles serviços.

COMÉRCIO POR GROSSO

Regressaram de Amsterdão os delegados da Corporação do Comércio que ali se deslocaram para tomar parte na assembleia geral do Centro Internacional do Comércio por Grosso.

Da Delegação fizeram parte os srs. Manuel Andrade e Sousa, Sérgio Teixeira de Queirós e dr. Vasco Santiago Neves, respectivamente, presidente, vice-presidente, e secretário geral da Corporação do Comércio.

Em Lisboa de 11 a 18 de Outubro próximo reunirá o Conselho de Administração do Centro e nos dias 19 e 20 do mesmo mês as sessões do Conselho de Administração e da Assembleia Geral da Organização Internacional do Comércio (C. I. C.).

Reuniões de cursos de Medicina e Direito

COIMBRA, 29 — Reuniu-se aqui o curso de Medicina de 1941, do qual fizeram parte, entre outros, os srs. drs. Figueiredo Leite, de Aveiro; Esteves Correia, de Viseu; Parada Leitão, de Lisboa; Montezuma de Carvalho e Justino Girão, de Coimbra.

Os componentes do curso concentraram-se na Universidade em cuja capela assistiram a missa por alma de antigos professores e condiscípulos. Depois apresentaram cumprimentos ao reitor e vice-reitor da respectiva Faculdade; visitaram a Obra Materno-Infantil «Doutor Bissaia Barreto» e seguiram, depois, para a Figueira da Foz, onde decorreu o almoço de confraternização.

Reuniram-se, também, os componentes do curso jurídico de 1956, que estiveram na Universidade, onde assistiram, igualmente, a uma missa. Recebidos, depois, na reitoria pelo reitor, sr. prof. dr. Gouveia Monteiro, a quem o sr. dr. Jorge Ilharco saudou, reuniram-se, a seguir, num almoço de confraternização.

APARELHAGEM
Electro-domésitcos
TUDO PARA V/ CASA
— S/ FIADOR
NA NOSSA CASA
COMPRA COM MENOS
DINHEIRO
CASA MAX

Em Julho poderá voar sobre as ondas de Setúbal a Troia em menos de cinco minutos num dos «hovercrafts» das carreiras regulares Sesimbra-Setúbal-Troia.
Visite Troia, conheça o empreendimento turístico que a TORRALTA aí vai promover e utilize o restaurante Troiamar.

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Só mais duas «chaves» na 10.ª época do Totobola

1x2 totoBOLA

O próximo concurso

PENÚLTIMA OPORTUNIDADE

Trata-se do penultimo concurso da décima temporada das Apostas Mutuas Desportivas, temporada em que prosseguiu a acção de grande interesse nacional a favor do Desporto e da Assistência, ao mesmo tempo que muitos concorrentes se viam premiados com chorudas quantias.

Este penultimo concurso engloba, como se sabe, treze jogos da Taça Ribeiro dos Reis. Passemos, em revista, essas treze partidas:

1.ª SÉRIE

1. *Varzim-Famalicão* — Na 1.ª volta, em V. N. Famalicão, os locais ganharam por 2-1. Agora, aquela equipa está no 4.º lugar com 9 pontos enquanto o Varzim se situa no 5.º, com 6.

2. *Guimarães-Braga* — Encontro prometedor, pois envolve duas das três equipas que comandam, com 10 pontos. Na 1.ª volta: Braga, 3-Guimarães, 2.

2.ª SÉRIE

3. *Espinho-Salgueiros* — Ambos têm 10 pontos — o Espinho está no 4.º lugar, o Salgueiros no 3.º ganharam os salgueiristas na 1.ª volta, por 3-2.

4. *Boavista-Leixões* — Outro belo jogo em perspectiva, pois o Boavista está no 2.º lugar, a 1 ponto do Leixões, que é o «leader». Lembremos que, na 1.ª volta, o Boavista ganhou em Matosinhos por 2-1

5. *Tirsense-Penafiel* — Batido em Penafiel por 0-5, o Tirsense tentará desforrar-se. A equipa de Santo Tirso está no ultimo lugar com 2 pontos, logo antecedida pelos penafidelenses, com 5.

3.ª SÉRIE

6. *U. Lamas-U. Coimbra* — A turma de Coimbra (que na 1.ª volta, em casa, venceu o Lamas por 2-0) está no 3.º lugar com 9 pontos — mais 4 que os lamaenses (5.º lugar).

4.ª SÉRIE

7. *Torres Novas-Tramagal* — O Torres Novas, no ultimo lugar, só tem derrotas. O Tramagal, no penultimo, tem 2 pontos, justamente provenientes da sua vitória na 1.ª volta sobre o Torres Novas: 4-0.

8. *Marinhense-U. Leiria* — O Marinhense conta por vitórias os jogos disputados e comanda a série, com 12 pontos. O U. Leiria está no 3.º lugar com 8 pontos. Na 1.ª volta o Marinhense ganhou por 4-0.

5.ª SÉRIE

9. *Torriense - Atlético* — O Atlético, que tem o dobro dos pontos do Torriense (12 contra 6) ganhou na Tapadinha por 5-1.

10. *Peniche-Sintrense* — são os dois ultimos da série, o Peniche no 5.º lugar com 6 pontos e o Sintrense no 6.º, com 5. Vitória do Peniche — 5-1 — na 1.ª volta.

6.ª SÉRIE

11. *Montijo-Luso* — O Montijo é o 5.º, com 8 pontos, o Luso é o 3.º, com 6. Na 1.ª volta: Luso, 1-Montijo, 0.

12. *Barreirense - Belenenses* — No Restelo empataram por 1-1, mas agora o Barreirense é o «leader» destacado (12 pontos) enquanto os «azuis» estão no 4.º lugar, com 4.

7.ª SÉRIE

13. *Olhanense-Seixal* — O 2.º, com 7 pontos, recebe a visita do 4.º, com 5. Na primeira volta o Seixal (em casa, claro) ganhou por 4-2.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Um «grupo totobolístico», de Braga, pede o desdobramento de 13 DUPLAS «condicionadas ao 12», mas com mais probabilidades de obter o treze do que o sistema chamado italiano.

O sistema que apresentamos garante o doze desde que se acertem todas as **duplas**. A percentagem para ober o **treze** é de cerca de 18,7.

O preço do sistema é de 3072$ e o seu desdobramento faz-se em 12 boletins de 128 apostas.

1	x	1	x	1	x	1	x	1	x	1	x
1	x	1	x	1	x	x	1	x	1	x	1
1	x	x	1	x	1	1	x	x	1	1	x
x	1	1	x	x	1	1	x	x	1	x	1
x	1	1	x	1	x	x	1	x	1	1	x
x	1	x	1	1	x	1	x	x	1	x	1
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x

As **duplas** são todas apresentadas para 1-X mas podem ser alteradas para 1-2 ou X-2 conforme o palpite do apostador.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos Concursos n.º 43 das épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

64/65 — 121	121	11x	21x1
65/66 — 1x1	x11	111	1111
66/67 — x21	121	212	x21x
67/68 — 2x1	212	111	12x2
68/69 — x1x	1x1	xx2	1x22
69/70 — 221	121	121	1x11

a) Na época 68/69 houve apenas dois totolistas que receberam, cada um, 893 389$50. De notar que esta «chave» foi a que apresentou mais símbolos «x»;

b) Nos jogos n.os 3 e 6 apenas uma vez não se verificou a saída do símbolo «1».

A ÉPOCA FECHA ASSIM...

São os seguintes os treze jogos (da Taça Ribeiro dos Reis) escolhidos para o concurso do dia 11 de Julho, data em que se encerra a 10.ª época do Totobola:

1 — Famalicão-Guimarães
2 — Vizela-Varzim
3 — Braga-Riopele
4 — Leixões-Espinho
5 — Penafiel-Boavista
6 — U. Coimbra-Beira-Mar
7 — Gouveia-U. Lamas
8 — Sanjoanense-Académica
9 — U. Tomar-Marinhense
10 — Oriental-Torriense
11 — Sintrense-Benfica (R.)
12 — Luso-C. U. F.
13 — Seixal-Sesimbra

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 2 de Julho ás 12 horas — Com escala pelo Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega até 30 de Junho. **Chamamos a atenção dos Senhores Passageiros de que a bagagem para este navio á recebida no Cais da Rocha durante o dia 30 e no dia 1 de Julho, até ás 12 horas.**

«UIGE» a sair em 7 de Julho ás 12 horas — Com escala por Las Palmas para: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 1 a 5 de Julho.

«LOBITO» a sair em 9 de Julho — Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega em Lisboa de 2 a 7 de Julho

«AMBOIM» a sair em 20 de Julho — Com escala prévia por Leixões para: CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, NOVO REDONDO (se necessário).

«IMPÉRIO» a sair em 23 de Julho ás 12 horas — Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 16 a 21 de Julho

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 10 de Julho às 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU

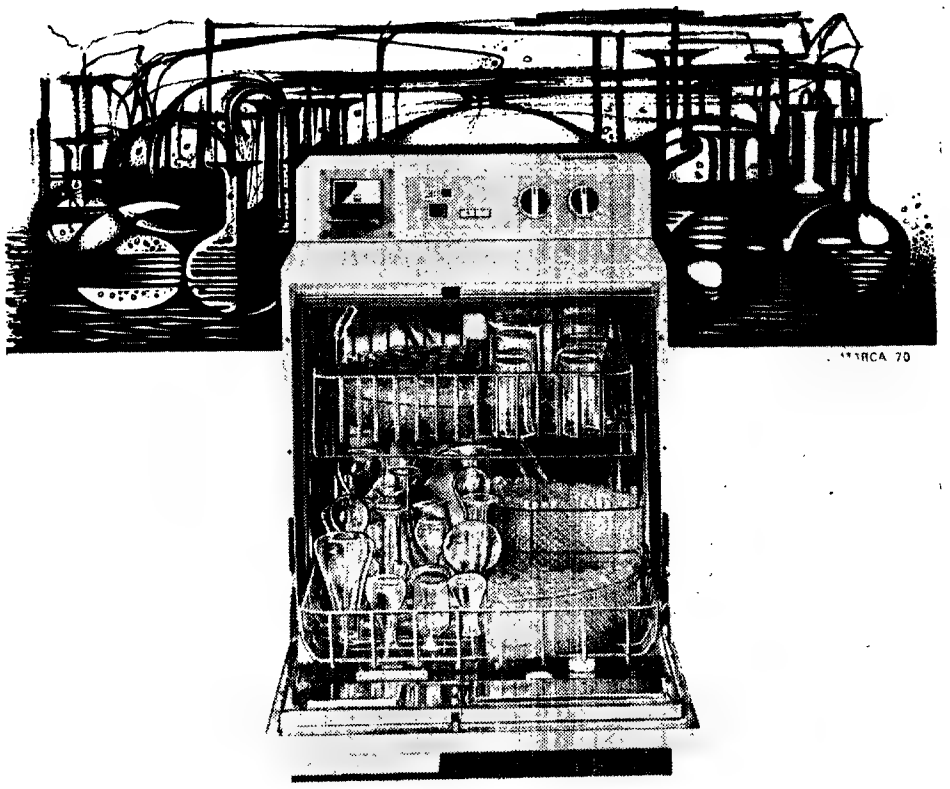
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Miele®

máquinas especialmente concebidas para laboratórios · hospitais



G 19 LABOR Máquina automática para lavagem de vidraria de laboratório. Absoluta eficácia para quaisquer utensílios.
G 19 Máquina automática para lavagem de biberões. Lava, enxagua, neutraliza e seca 87 biberões de cada vez.
G 18 TD Máquina automática para lavagem e desinfecção de louças em clínicas e hospitais.
G 18 OP Máquina automática para lavagem de instrumentos cirurgicos.

Distribuidor Exclusivo
CONCESSUS

CONCESSUS, S.A.R.L. Rua D. Francisco Manuel de Melo, 9 9-
Tel. 65 24 06/7 — LISBOA 1

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM BADAJOZ, OS LEÕES FORAM «GOLEADOS»

ESTRONDOSA DERROTA DO SPORTING PERANTE O ESTRELA VERMELHA (1-6)

• CINCO GOLOS MARCADOS DE CABEÇA!

BADAJOZ, 29 — Pela primeira vez na história do «Torneio Ibérico» o futebol português não estará presente na conquista do troféu. Aconteceu, ontem, que o Sporting foi derrotado pela equipa do Estrela Vermelha: e hoje, quando muito (se bater o Granada) ficará em 3.º lugar da classificação.

Sofrendo seis golos e marcando apenas um, o Sporting perdeu muito do prestígio que tinha entre os adeptos que, nesta cidade, se deslocaram ao estádio «El Vivero» para admirar a turma vencedora da «Taça de Portugal».

SPORTING — Damas; Celestino, Caló, Alexandre Baptista e Hilário; Tomé e Pedras; Joaquim Rocha, Lourenço (Gonçalves). Yazalde e Nando (Chico).

ESTRELA — Dykovik; Klenkoski, Kribokuca, Pavloic e Boglcevic; Antoniy e Evich; Karasi, Filipovic, Acimovic e Dzazich (Nookovich).

Golos de Karasi (19 m) Filipovic (34, 40, 44 e 78), Acimovic (76) e Rocha (62).

Só se poderia aceitar a derrota leonina se for tomado em consideração que quase apresentou a reserva. Aliás, ninguém entendeu a razão por que o Sporting se sujeitou a tal: está certo que um clube profissional pense em proventos financeiros, mas já não estará ao alcance de qualquer que isso envolva evidente quebra do prestígio que granjeou noutras jornadas.

Onze homens enfrentaram uma equipa: o Sporting — sem qualquer interligação entre os seus vários elementos — foi quase um *brinquedo* ás mãos da turma (excepcionalmente bem preparada fisica e técnicamente) do Estrela Vermelha, de Belgrado, que esta noite (ás 22 horas) *discute* com o Real Madrid a posse de um valioso troféu.

Alexandre Baptista e Hilário, mesmo com altos e baixos, foram os melhores jogadores da defesa sportinguista. O meio-campo só melhorou com a entrada de Gonçalves. Rocha pode vir a dar que falar: o seu pontapé é muito forte e o golo que marcou foi um *monumento* de execução.

Quanto a Yazalde, noite nebulosa. Alinhou a meio-campo e só quando Lourenço saiu do terreno ele passou para ponta-de-lança subindo (levemente) de rendimento.

— *Nunca joguei a meio campo* — disse-nos no fim da partida, já no balneário. — *Nem sequer me adapto àquela zona!* — acrescentou.

Nando foi a mais fraca unidade do ataque sportinguista: a sua substituição pecou por tardia.

O Estrela Vermelha pratica um excelente futebol: muito apoiado, com bola tocada para um companheiro logo após a recepção. Os seus defesas laterais integram-se perfeitamente na manobra atacante e o Sporting não soube contrariar as frequentes descidas de Klenkovski e Bogicevic.

A equipa tem dois jogadores fora-de-série: Dzajic e Filipovic. Celestino *anulou* Dzazich, uma entrada excepcionalmente violenta, absolutamente contrária ás leis de jogo, á ética profissional e á honra da defesa de um emblema como o do Sporting. O publico assim o entendeu, vaiando por muito tempo a atitude do «back» português.

O Sporting sofreu cinco golos de cabeça: um caso quase inédito. Damas (muito inseguro e sem calma) foi, talvez, quem tornou possível a marcação do 1.º e do 5.º tentos contrários..

A arbitragem do espanhol Sanchez Ibañez teve um senão: validou o 3.º golo, obtido em nítida posição de fora-de-jogo.

CARNEIRO JACINTO

ANDEBOL

Mais um êxito da equipa de Essen

Mais uma exibição da equipa alemã do Essen, novamente em Almada, após um jantar seguido de colóquio em que intervieram o dirigente Herbert Kráuz, o treinador Heinz Henneberg e o árbitro Carlos Mendes.

Seguiu-se, no pavilhão almadense, um jogo de 50 minutos entre o conjunto alemão e o Almada, que aquele venceu por 23-14, com 11-3 ao intervalo.

Excelente réplica da equipa local, mormente na segunda parte, com grande evidência para os jovens Rosado. Rui Silva, João Carlos e Sousa.

O jogo foi arbitrado por Carlos Mendes e pelo alemão Sternberg, este com critério algo diferente dos nossos juizes em relação á regra do castigo máximo.

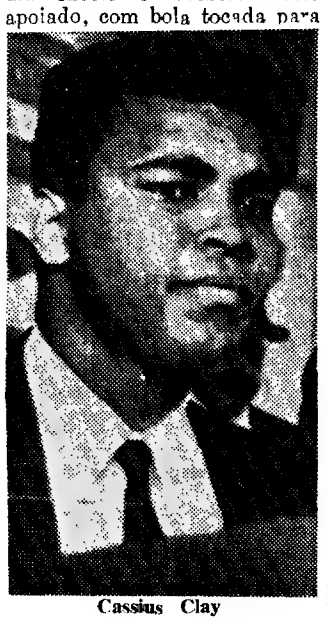
Alinharam e marcaram:

Almada — Rui (Rosado); Sousa (2), Mário, Hermínio (1), Luís Malpique (5), César, João Carlos (3), Fernando Jorge (2), Galaio, Fonte Santa (1) e Rodrigues

Essen — Gredel (Schulz); Bock, Iank (3), Iung (2), Retting (1), Pleines (5), Kolb (4), Wehnert (1), Rebel, Kuuz (2), Beckling (5) e Shermuly.

*

Na Amadora disputa-se hoje o festival de encerramento do Torneio Internacional (patrocinado por J. Pimenta, SARL) que engloba os encontros Almada-V. Setubal e Benfica-Belenenses, de 30 minutos cada, e um jogo entre a equipa alemã e uma selecção de jogadores daqueles quatro clubes, para a qual foram convocados Diamantino, Carrasco, Ferreira, Mendes, José Manuel e Espadinha (Belenenses), Mário Soeiro e Luís Malpique (Almada), Costa e Vasco (Benfica), Vítor Dias, José Manuel e Octávio Albino (Vitória).



Cassius Clay

AGOSTINHO (33.º LUGAR) A 10 MINUTOS DE MERCKX

ESTRASBURGO, 29 (F. P.) — O ciclista belga Eddy Merckx ganhou a segunda etapa da Volta á França, num percurso de 144 km desde Mulhouse até esta cidade.

Merckx, que tinha conquistado a camisola amarela, logo na primeira etapa, aumentou assim a sua vantagem na classificação geral.

Com bonificação, Merckx, neste percurso, teve o tempo de 3 h. 5 m. 7 s.

O português Joaquim Agostinho classificou-se em 69.º lugar na etapa, integrado num pelotão com o tempo de 3 h. 14 m. 59 s

Classificação geral

1.º, Merckx (belga — Driessens), 8 h. 41 m. 16 s; 2.º, Van Springel (belga O Driessens), a 21 s; 3.º, Roger de Vlaeminck (belga — Schote), a 32 s; 4.º, Costa Petterson (Suécia — Martini), a 37 s; 5.º, Paolini (Itália — Gianti), a 42 s; 6.º, Tabak (Holanda — Schotte), a 42 s; 7.º, Zoetemelk (Holanda — Schotte), a 42 s; 8.º, Motta (Itália — Adorni), a 44 s; 9.º, Tomas Peterson (Suécia — Martini), a 47 s. 10.º, Van Impe (belga — Stablinski), a 47 s.

Joaquim Agostinho, em 33.º lugar, «ex-aequo», está a 10 m. e 1s s. de Merckx.

O filme da etapa

Quando ás 13 e 9, se deu início á segunda etapa do «Tour», caía uma chuvinha miuda.

Logo á partida de Mulhouse, registaram-se ataques. Tinham-se andado 9 quilómetros, quando Vianen arrancou, levando consigo Leman, Nassen, Ballini, Letort e Gomez Lucas. Esta primeira ofensiva só durou dois quilómetros, cabendo depois a vez a Manzaneque e Swerts, de se destacarem. A meta volante («ponto quente», chamam-lhe os franceses), foi ganha por Swerts. Merckx, á cabeça do pelotão, passou quinze segundos mais tarde.

Na colina do Firstplan, quando a chuva recomeçou a cair, deu-se nova série de ataques, conduzidos por Armandi, Van Impe, Zoetemelk, Delisle, Christian Raymond e, depois, novamente por Zoetemelk, que foi o primeiro no cimo, com dez segundos sobre Fuente, 15 sobre Van Impe e Raymond e 20 segundos sobre o primeiro pelotão, com Merckx. Na descida, Raymond destacou-se, mas foi alcançado por Merckx, Zoetemelk, Gosta e Thomas Petterson, Ocana, Tabak, Roger de Vlaemink, Van Springel, Motta, Thevenet, Paolini, Delisle, Van Impe, Mortensen e Mintjens. O grosso do pelotão ficou a 1 m e 20 s.

Mintjens desapareceu pouco depois do grupo de comando. Este foi alcançado pelo pelotão, perto de Ribeauville, aos 72 quilómetros. Aos 80 os «leaders» iam com 1 m e 55 s. de vantagem sobre o pelotão. Deste destacam-se Aimar, Schleck, Steevens, Boutoux e Crepaldi. Entretanto, o avanço dos homens da frente foi aumentando, cifrando-se em 6 m., 30 s., a 25 quilómetros de Estrasburgo.

Embora o vento contrário soprasse forte, Groskost, saiu do pelotão, quando se sentiu perto da sua terra natal, Sckbolshein. Mas os primeiros, então já quinze, entraram em conjunto no estádio. Vlaeminck tentou o «sprint», mas Merckx ultrapassou-o na ultima curva, ganhando, por uma roda, o que lhe serviu para consolidar a camisola amarela.

Joaquim Agostinho, a correr francamente mal, não conseguiu nunca manter o contacto com os nomes mais cotados: e sofreu um golpe muito rude nas suas aspirações.

Livre do espectro da prisão Cassius Clay pode preparar a reconquista do título de campeão mundial

CHICAGO, 29 — (R) — Livre pela primeira vez do espectro da prisão, Cassius Clay começa hoje a pensar na reconquista do título de campeão do Mundo a Joe Frazier. Em seguida, o célebre pugilista tenciona retirar-se, para se dedicar completamente á sua religião, se obtiver autorização do chefe da seita dos muçulmanos negros, Elijah Muhammad.

Cassius Clay, aliás Muhammad Ali, falou dos seus projectos depois de o Supremo Tribunal norte-americano ter decidido ontem, por sentença de Junho de 1967, por se ter recusado a cumprir o serviço militar.

O pugilista declarou que não tinha de prestar serviço por motivos de ordem religiosa e pela sua posição como muçulmano negro, mas o governo alegou que os seus motivos eram de natureza racial e política. Entretanto, Clay foi destituído do título de campeão mundial dos pesados e continuou, em liberdade sob fiança, a tratar da sua defesa que lhe deve ter custado cerca de um quarto de milhão de dólares, aproximadamente 7200 contos.

Clay foi proíbido de lutar até Outubro do ano passado, mês em que venceu o norte-americano Jerry Quarry. Dois meses depois, batia o argentino Oscar Bonavena.

Em Março, lutou com Frazier, num combate em que esteve em jogo a maior bolsa da história do pugilismo, mas perdeu aos pontos.

Sobre a sua questão no tribunal, Clay declarou que teve conhecimento da decisão do Supremo quando o dono da loja onde tinha acabado de fazer uma compra desatou a correr na sua direcção gritando: «Está livre, está livre. O Supremo Tribunal já resolveu». O homem agarrou-se a Cassius Clay, abraçando-o e o pugilista agradeceu a Alá e ao Supremo por ter reconhecido a sinceridade das suas convicções religiosas.

Antes de se defrontar com Frazier, Clay deve lutar contra Jimmy Ellis, em Houston, em 26 de Julho. Depois disso, terá dois ou três combates preparatórios para a luta com Frazier, que deverá ter lugar no próximo ano.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

Com a realização da penultima jornada da 1.ª fase, prosseguiu o 2.º Torneio de Futebol Juvenil do Seixal F. C.

Nos jogos disputados apuraram-se os seguintes resultados:

Independente Tonense. Un. Operário, 2-1; Os Académicos-Casino 70, 1-3; Vitória das Paivas-Desportivo do Fogueteiro 1-3.

BASQUETEBOL

O I Torneio Popular do Barreiro teve a sua antepenultima jornada:

Série A — Académica (A)-Salão Orlando, 87-106; Série B — A Competidora-D. Carnal, 4-86; Série C-Os Patos-Gás Mobil, 49-77.

PROVAS DA A. F. SETÚBAL

No campo «Leonel Martins», na Quinta do Anjo, efectuou-se o encontro correspondente á 2.ª «mão» dos jogos de passagem da II para a I Divisão da A. F. de Setubal, em que foram intervenientes a equipa local e o Palmelense. Venceram os visitantes por 2-0. Como já tinha triunfado na 1.ª «mão» por 7-0, o Palmelense volta de novo á divisão principal da A. F. de Setubal na próxima época. O êxito dos palmelenses foi festejado entusiasticamente por toda a população daquele burgo.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 161/71

Faz-se saber que no dia 28 de Julho de 1971, pelas 15.30 horas terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171 (a Alcântara), o concurso público para a «Concessão da exploração de um quiosque na Rua da Junqueira», com a base de licitação de 1.500$00 mensais. (Processo n.º 95/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1.000$00, sendo efectuado á ordem da Câmara Municipal de Lisboa na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida Repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 22 de Junho de 1971.

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

Actualidade internacional

A situação apresenta-se favorável aos jornais norte-americanos no caso dos documentos secretos

WASHINGTON, 29 (R) — O Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que devia ter entrado ontem em férias, continua hoje reunido em sessão, a estudar o caso dos documentos secretos do Pentágono, esperando-se a qualquer momento a sua decisão final, autorizando ou não os jornais a continuarem a publicação.

Entretanto, o homem responsável pela divulgação dos documentos — o dr. Daniel Ellsberg — entregou-se ontem á justiça, em Boston, e o governo prepara-se para o processar.

A decisão do Supremo era esperada ontem, último dia de trabalhos antes das férias de Verão, mas o juiz presidente anunciou que, devido á complexidade do caso, o tribunal precisava de mais tempo para o estudar e continuaria reunido em sessão enquanto fosse necessário, até chegar a uma conclusão.

Os observadores pensam que esta demora se deve a tentativas dos nove juízes para chegarem a uma decisão unânime, ou quase unânime, em virtude das implicações constitucionais que terá qualquer decisão afectando a liberdade da Imprensa, garantida pela Constituição.

Os observadores pensam que a situação se apresenta favorável aos jornais e que o Supremo rejeitará esta tentativa sem precedentes do governo de impor censura prévia á publicação de artigos, sob a alegação de que eles seriam prejudiciais á segurança nacional.

Entretanto, o dr. Ellsberg, o homem que está na origem do escândalo ao entregar cópias dos documentos secretos aos jornais, poderá ser condenado a um total de 20 anos de prisão, a menos que o Supremo mantenha contra a posição do governo a supremacia do princípio da liberdade de informação.

Depois de se ter entregue ontem, de manhã, em Boston, Ellsberg saiu em liberdade, sob fiança de 50 000 dólares.

Falando aos jornalistas e simpatizantes, ao sair do tribunal onde lhe foi arbitrada a fiança, Ellsberg admitiu que tinha sido o responsável pela divulgação dos documentos relatando a forma como os Estados Unidos entraram na guerra do Vietnam, e acrescentou que estava disposto a assumir todas as consequências do seu gesto.

Falando com grande emoção, o dr. Ellsberg disse estar convencido de que, mesmo que tenha de ir para a prisão, isso será um preço pequeno a pagar desde que a divulgação dos documentos contribua para acelerar o fim da guerra.

UM BOM ARGUMENTO A FAVOR DO MERCADO COMUM. A loira Gundel Sargent nasceu na Alemanha, mas vive em Londres desde há muito tempo. Em casa, Gundel tem dois «buldogues», uma fêmea francesa e um macho inglês e, segundo a dona, os canídeos amam-se perdidamente. Quanto a Gundel, possui qualidades que permitem transformar o mais feroz inimigo da C. E. E. num fervoroso adepto da Comunidade

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

ABERTURA DO NOVO POSTO CLÍNICO N.° 105 006 (ALAMEDA)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA, comunica que entrará em funcionamento, no próximo dia 1 de Julho, o Posto Clínico n.° 105 006 (Alameda) — Alameda D. Afonso Henriques, n.° 17 e Rua Carvalho Araújo, n.° 103, em Lisboa, telefs. n.os: 84 57 13/4/5/6 e 84 96 21/2/3/4/5, o qual se destina a substituir o Posto com o mesmo número da Av. Guerra Junqueiro, n.° 23-1.° andar — que encerro na mesma data.

Esta nova unidade, além de integrar a área do Posto que agora encerra, abrangerá ainda diversas zonas transferidas dos Postos Clínicos n.os 105 005 (Angelina Vidal), 105 009 (Alvalade) e 105 037 (Olivais Sul), nos quais se encontram afixadas relações com os arruamentos que deles deixam de fazer parte.

Com vista a uma maior eficiência dos serviços e à simplificação das formalidades a cumprir pelos doentes, vai esta Caixa adoptar neste Posto, a título experimental, novo sistema de inscrição para as consultas.

Nessas circunstâncias e dadas algumas dificuldades que se prevêem venham a verificar-se nos primeiros meses do funcionamento do Posto, resultantes já da dimensão deste já dos sistemas de trabalho que vão ser ensaiados espera-se da parte de todos os utentes a indispensável colaboração para que sejam atingidos os objectivos que a todos tanto interessam.

A DIRECÇÃO

ESCOLA NAVAL

PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Nos termos do artigo 59.° do Decreto n.° 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso para admissão de professores do 1.° grupo — Matemática —, publicado no «Diário do Governo», II Série n.° 134 de 8 do corrente mês.

Serão prestadas informações na Secretaria da Escola Naval ou pelo telefone n.° 270955 todos os dias úteis das 10 às 12 horas.

Escola Naval, Alfeite, em 24 de Junho de 1971.

PI'O SECRETÁRIO
António Gomes da Silva Cruz
cap. frag AN

LORIGA

ANTÓNIO VICENTE FIGUEIREDO – BILHA

FALECEU

Alice da Conceição Figueiredo, Filhos, Nora, Genro, Netos, Sogra, e mais família, participam o seu Falecimento e que o seu funeral se realiza Amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. Domingos de Benfica para o cemitério de Benfica.

A FUNERÁRIA LISBONENSE
Telef. 840098

DR. JOSÉ RICARDO BENTO

FALECEU

Elvira Marques Delfim Bento, Deolinda Celeste Bento, Alea Bento Rabaça Pires, marido e filhos Alexandre Bento e mulher, Alberto Bento e mulher e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, filho, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente, e que o funeral se realiza amanhã, da Igreja da Pena, a hora a determinar.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Arcos de Valdevez em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Giela e Ázere, concelho de Arcos de Valdevez, duma linha aérea a 15 kV com 1827 m, do poste n.° 10 da linha para o posto de transformação de Gondoriz-Boia ao posto de transformação de Ázere-Tourai, pertencente á Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1971.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

ALLENDE CANCELOU A PROPOSTA DE MEDIAÇÃO NO CASO JACKSON

MONTEVIDEU, 29 — (R) — O Presidente Salvador Allende, do Chile, cancelou a sua proposta de mediação com vista a obter a libertação do embaixador britânico raptado Geoffrey Jackson, segundo anunciou a noite passada nesta capital o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Uruguai.

Um comunicado do Ministério dizia que o embaixador chileno Raul Elgueta informara o ministro uruguaio dos Negócios Estrangeiros, José Mora Otero, da decisão do dr. Allende.

A desistência seguiu-se á rejeição pelo Uuruguai da anunciada intenção do dr. Allende de tentar negociar a libertação do embaixador com os guerrilheiros urbanos esquerdistas, tupamaros, que mantêm o enviado britânico, como refém desde 8 de Junho.

O dr. Allende afirmara em Santiago do Chile, na semana passada, que tomara em consideração o aspecto «Humanitário» do caso ao anuir a um pedido do governo britânico para ajudar a conseguir a libertação do embaixador, de 58 anos.

Oito anos de pontificado

CIDADE DO VATICANO, 29.—(A. N. I.)—Paulo VI comemora hoje o oitavo aniversário da sua coroação com uma capela papal, que se celebra na basílica de S. Pedro, ás 19 horas.

A cerimónia foi antecipada um dia — pois a coroação realizou-se realmente no dia 30 de Junho de 1963 — para coincidir com a celebração da festa de S. Pedro e S. Paulo, que hoje se celebra.

Sindicato Nacional dos Professores

ESCLARECIMENTO

Nas notícias vindas a público respeitantes ao assalto a uma dependência bancária, um dos implicados tem sido designado como Professor. Pode este Sindicato Nacional assegurar que José João Teixeira Ormonde dos Santos **não é nem nunca foi** professor liceal ou de qualquer outro grau de Ensino.

O «ventre de Paris» será demolido

PARIS, 29 — (F. P.) — Sem querer saber da emoção suscitada em França e no mundo sobretudo nos Estados Unidos, a vereação municipal de Paris decidiu ir para a frente com a demolição prevista das velhas «Halles» — o ventre de Paris — a partir da tarde do próximo dia 1.

A decisão foi tomada no fim de um debate tempestuoso que durou dez horas, perante um numeroso público de parisienses presentes nas tribunas, o qual interveio frequentemente com «foras» ou com aplausos, o que provocou, aliás, diversas suspensões da sessão.

O argumento essencial dos defensores das «Halles» edificadas por Victor Baltard, em 1854, foi a unidade do estilo dos 12 pavilhões concebidos como «guarda-chuvas», numa delicada renda de ferro, deixando penetrar no interior uma luz de basílica.

Depois de terem sido o «ventre» de Paris os mercados de Baltard tornaram-se o «coração» da cidade, graças à implantação de numerosas actividades que transformaram profundamente a fisionomia do local: um rinque de patinagem, cinemas, exposições, teatros apoderaram-se do espaço das «Halles» que, como se sabe, foram mudadas para Rungis.

Recentemente, um dos grandes pintores franceses, Raymond Moretti, instalou uma obra sem precedentes: um sistema colossal, associando pintura e escultura, que ocupava toda uma ala dos seis pavilhões que, provisóriamente, não eram deitados abaixo.

Os seis pavilhões do Leste serão os primeiros a ser demolidos, para deixar lugar à construção de uma estação do «metro».

Na semana passada, foi lançada uma campanha para a conservação das «Halles» de Baltard nos Estados Unidos, por um dos grandes jornais americanos da costa leste, e um jovem americano quis comprar os pavilhões, para reconstruir em França ou na América do Norte, mas a administração não deu a colaboração necessária e, segundo o americano, até foi maleriada com ele.

● Ler no suplemento «Exclusivo»: Um pontapé no «ventre de Paris»

RECEIA-SE NOVA VAGA DE LUTAS SANGRENTAS ENTRE GRUPOS DE GANGSTERS DE NOVA YORK

NOVA YORK, 29 — (R) — Receia-se uma nova vaga de lutas sangrentas entre grupos de «gongsters» rivais em consequência de ter sido atingido a tiro o conhecido chefe da Mafia Joseph Colombo Sr.

Colombo foi alvejado a tiro durante um comício realizado ontem. O seu assaltante era um cadastrado negro que se disfarçou de fotógrafo e o atingiu com três tiros na cabeça, pondo-o em perigo de vida. A Polícia declarou tratar-se de Jerome Johnson, morto a tiro poucos segundos depois de Colombo cair no chão, banhado em sangue. A Polícia afirma que não disparou contra Johnson.

Algumas horas depois eram presos três homens — para averiguações: Joseph Gallo (Crazy Joe), seu irmão Albert Gallo (Kid Blast), e Carlo Gambino, que se diz ser o «patrão máximo» do mundo do crime de Nova York.

Os inspectores da Polícia que realizam a investigação acerca do tiroteio julgam que estará ligado a uma quadrilha de «gangsters» recentemente organizada por Joe Gallo, chefe da antiga quadrilha Gallo, de Brooklyn, e que se encontra em liberdade há poucos meses. O móbil pode ser uma antiga rivalidade entre Gallo e Colombo, que data de há dez anos, quando se encontravam em campos opostos, por altura de uma das mais sangrentas guerras de «gangsters» de Brookliyn. Esta questão provocou uma tentativa da quadrilha de Gallo para se apoderar da zona de operações de Joseph (Zeite) Profaci, que «trabalhava» na distribuição de estupefacientes, em batota, extorsão, apostas ilegais e pilhagem em aeroportos.

O incidente de ontem não foi o primeiro acto de violência contra Colombo, pois, na noite de 22 de Maio, quando Colombo se encontrava com três dos seus homens, na esquina de uma rua de Brooklyn, foi atacado por quatro homens, com barras de ferro.

Colombo, que sofreu graves lesões cerebrais em consequência de pelo menos, um dos tiros, foi abatido perante milhares de adeptos, em Columbus Circle, junto ao Central Park, quando procedia aos últimos preparativos para um comício ítalo-americano sobre os direitos civis.

Levado inconsciente para o Hospital Roosevelt, foi submetido a uma intervenção cirúrgica que durou cerca de seis horas e o seu estado é extremamente grave.

Washington propõe: linha de cessar-fogo a meio do Sinai

WASHINGTON, 29 — (ANI) — Informadores da Secretaria de Estado confirmaram ontem que Donald Bergus, representante diplomático dos Estados Unidos no Cairo, entregou ao governo egípcio um memorando em que se apresenta uma possível solução de compromisso com Israel para a abertura do Canal de Suez.

O jornalista do «Washington Post» Joseph Kraft informara da capital egípcia que Bergus tinha sugerido que a actual linha de tréguas ao longo do Canal de Suez se deslocasse para meio da península do Sinai.

As forças egípcias e israelitas ficariam separadas 24 quilómetros e entre elas estacionaria uma força das Nações Unidas — acrescenta o articulista.

Kraft cita o ministro egípcio dos negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, como tendo dito que a proposta de Bergus era muito vaga no que diz respeito aos motivos de compromisso, designando-a como um «memorando fantasma».

RUMORES QUE SE AMPLIAM

TEL-AVIV, 29 — (FP) — Vários jornais israelitas comentam esta manhã os rumores relativos a um recomeço das relações israelo-soviéticas, que se ampliaram depois da revelação, ontem, da presença em meados de Junho, em Israel, do jornalista soviético Victor Louis.

Para o jornal «Haaretz» (Independente), «estes rumores têm fundamento e revestem-se do maior significado com a visita a Israel do jornalista soviético Victor Louis. Israel procederia bem pondo á prova o desejo de reaproximação dos soviéticos e, de qualquer modo, não tem qualquer interesse em repelir as tentativas de Moscovo».

«Hatsofeh» (Partido Nacional Religioso) partilha a opinião do «Haaretz» quanto ao bom fundamento dos rumores e encontra duas razões para a atitude soviética: «o interesse que Moscovo tem em fazer pressão sobre o Egipto e o desejo de ver uma surdina posta na luta que Israel trava a favor dos judeus soviéticos»

CONGRESSO DOS ESCRITORES SOVIÉTICOS

MOSCOVO, 29 — (F. P.) — Abriu hoje no Kremlin o quinto congresso da União dos Escritores Soviéticos, organização agrupando perto de 7000 homens de letras da U. R. S. S.

Estavam presentes Leonid Brejnev, Alexei Kossyguine e Nikolai Podgorny, além de outros dirigentes.

A inauguração dos trabalhos foi feita pelo decano dos poetas soviéticos, Nikolai Tikhonov.

EDWARD HEATH, o primeiro-ministro britanico, não dispensa os seus fins-de-semana descontraídos. Ei-lo ao leme do iate «Morning Cloud», o seu «hobby» preferido

Voo solitário sobre o Polo Norte em avião ligeiro

POINT BARROW (Alaska) 29 — (R.) — A aviadora britanica Sheila Scott chegou Mundo, passando pelo Polo row, depois de ter sobrevoado o Polo Norte, sózinha, num avião ligeiro. É a primeira vez na História da Aviação que alguém passa sózinho sobre o Polo Norte.

Sheila conseguiu aterrar em boas condições, apesar de o seu bimotor Piper Aztec ter uma avaria no trem de aterragem.

PAIOL ATINGIDO PELA ARTILHARIA DO VIETCONG

SAIGÃO, 29 — (R.) — O Vietcong bombardeou ás primeiras horas de hoje um paiol sul-vietnamita no porto de Quinhon, tendo atingido também várias casas particulares. Segundo fontes militares, ignora-se ainda a extensão dos estragos.

É a terceira vez em dois meses que a artilharia do Vietcong atinge em cheio o paiol, que se encontra a cerca de 140 quilómetros de Saigão.

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

REABERTURA DO NOVO POSTO CLÍNICO N.° 105 012 (DAMASCENO MONTEIRO)

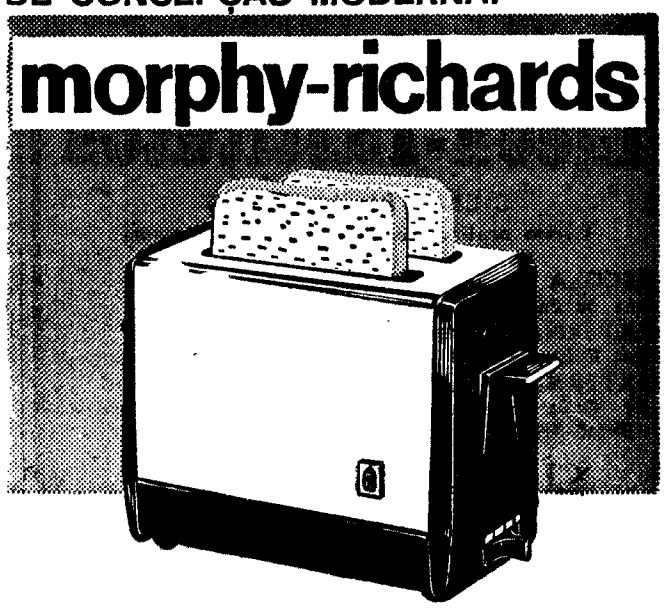
A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA comunica que reabrirá, no próximo dia 1 de Julho, o Posto Clínico n.° 105 012 (Damasceno Monteiro), sito na Rua Damasceno Monteiro, n.° 91-1.°-Dt.°, em Lisboa, telef. n.° 84 02 02, cuja área ficará consituída pelas freguesias de Pena e Socorro, anteriormente abrangidas pelo Posto n.° 105 005 (Ang. Vidal).

A relação dos respectivos arruamentos encontra-se afixada nesta última unidade médico-social.

A DIRECÇÃO

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODÊLO ATR

- Regulação a seu gosto do grau de torragem.
- Desliga automàticamente elevando simultâneamente as torradas.
- Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 46 - LISBOA

GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

Execução de todas as tarefas de Contabilidade dos Grupos A/B, incluindo salários, facturação e controlo de «stocks», processados por organização e equipamento ultra-modernos.

Planos de Contabilidade, Peritagens e Revisão de Contas, por Contabilista ICL Técnico de Contas.

Consulte-nos. Teremos muito prazer em apreciar o seu caso e propor-lhe a solução adequada.

R. Pinheiro Chagas, 70-1.°, dt.° — Telef. 53 39 30 — LISBOA-1

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

Prova escrita de Português

Leia, com o devido cuidado, o texto e as perguntas que o seguem imediatamente. Procure *reflectir* antes de responder e, quando oportuno, não deixe de utilizar o *papel de rascunho*. Esforce-se por apresentar *caligrafia* e *ortografia* irrepreensíveis, e respeite as *margens*.

Texto

Mas, neste passo, assi prontos estando.
Eis o mestre, que olhando os ares anda
O apito toca: acordam, despertando.
Os marinheiros dũa e doutra banda
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda
«Alerta (disse) estai que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece!»

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela.
«Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem cum ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!

O céu fere com gritos nisto a gente,
Cum súbito temor e desacordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão suma de água pelo bordo.
«Alija (disse o mestre rijamente),
Alija tudo ao mar, não falte acordo!
Vão outros dar á bomba, não cessando;
A bomba, que nos imos afogando!»

Questionário

— Não seja excessivamente *apressado* nem *lento*.

— Aprecia-se, também, o ser *claro*, *preciso* e *conciso*.

I

1 — As oitavas acima trascritas pertencem a um dos cinco últimos cantos d'«Os Lusíadas».

a) Qual é, precisamente, esse canto?

b) Que indícios — colhidos na observação do texto — lhe permitem justificar a resposta à pergunta anterior?

2 — Como vê, o *mestre* exerce funções da mais alta importância no meio em que actua.

— Que funções eram, pois, rigorosamente, as suas?

3 — Que palavras do Autor nos pintam, sucessivamente, os estados de alma referidos nas alíneas seguintes:

a) *Aflição extrema*, perante a entrada de grande quantidade de água no navio?

b) *Ansiedade crescente*, ao verificar a confirmação das primeiras observações?

c) *Preocupação* relativa a prenúncios inquietantes?

II

4 — Dê o sentido da palavra *traquete;* e, em seguida, explique, por palavras suas, o de todo o verso 6.º da 1.ª oitava.

5 — Na expressão *cum rudo* (oitava 2.ª, verso 7.º), há curioso fenómeno fonético, não verificado em uma forma só mas numa expressão. Explique-o ou descreva-o em que consiste e — se se lembrar (mas isso é de secundária importância), classifique-o.

III

6 — Qual é a categoria morfológica da palavra *que* no 7.º verso da 1.ª oitava? E no 6.º e 8.º, versos da 2.ª?

7 — Considerando, ainda, esta última oitava — a 2.ª das transcritas —, indique as funções sintácticas que exercem as palavras e / ou expressões seguintes:

a) *ventos* (verso 5.º);

b) *que amainassem* (verso 6.º), relativamente a um dos elementos da oração de que esta depende;

c) *em pedaços* (verso 7.º).

IV

8 — São, como sabe, de dez sílabas métricas os versos do texto.

a) Separe tais sílabas que formam o 8.º verso da 1.ª oitava.

b) Classifique esse decassílabo; e — o que não deixará de fazer, por muito importante — justifique a classificação que propõe.

V

Se, felizmente, ainda não viveu horas de grande aflição, não ignora, por certo, numerosíssimos exemplos desse estado de alma, quer de origem literária, quer referidos, com muita frequência, pela rádio, pela televisão, pelos periódicos, etc. Elabore uma redacção em que nos descreva um desses momentos — ou surpreendido na intimidade do lar (lembre-se de certos passos de *Frei Luís de Sousa*), ou decorrente de cataclismo da natureza que, de modo especial, a/o tenha impressionado.

SOLUÇÃO

I

1 —

a) As oitavas transcritas pertencem ao canto VI.

b) Vê-se claramente que o texto se refere á tempestade que surpreendeu a armada de Vasco da Gama no Oceano Índico, *anunciando-se primeiro* e levando o mestre a dizer que «o vento cresce daquela nuvem negra...»; *atacando rápidamente* como se vê em «não eram os traquetes bem tomados quando dá a grande e subita procela»; *exercendo uma violenta acção* como diz o passo «os ventos... em pedaços a (a grande vela) fazem cum ruído, que o mundo pareceu ser destruído!»

Esta tempestade foi desencadeada por influência de Baco.

2 — Do texto conclui-se que o mestre observava as condições para a navegação, tomava providências contra os perigos e orientava as manobras necessárias.

3 —

a) Perante a entrada de grande quantidade de água no navio «o céu fere com gritos nisto a gente com subito temor e desacordo».

b) Ao verificar a confirmação das primeiras observações, o mestre ordena «a grandes brados»: «Amaina... amaina a grande vela!».

c) Porque a tempestade se anunciava violenta, o mestre toma providências, mandando: «Alija... alija tudo ao mar, não falte acordo! Vão outros dar á bomba, *não cessando...*»

II

4 — Traquete — vela grande do mastro principal.

O mestre manda recolher as velas no cimo das quais se encontram as plataformas para os marinheiros encarregados de observar as redondezas.

5 — »Cum» = com um

Após a desnasalação da vogal da primeira palavra, verifica-se uma aglutinação de que resulta uma contracção por crase (com um —> co um —> cum).

Este fenómeno (pouco vulgar) é uma ectlipse.

III

6 — «que» (7.º v., 1.ª oit.) — conjunção subordinativa causal

«que» (6.º v., 2.ª oit.) — conjunção subordinativa integrante

«que» (8.º v., 2.ª oit.) — conjunção subordinativa consecutiva

7 —

a) ventos (v. 5, 2.ª oit.) — sujeito

b) que amainassem (v. 6, 2.ª oit.) — complemento directo

c) em pedaços (v. 7, 2.ª oit.) — complemento circunstancial de modo.

IV

8 — a) Da-que-la-nu-vem-ne-gra-que a-pa-re (ce)

b) O decassílabo do 8.º verso da 1.ª oitava é heróico porque os seus acentos predominantes recaem sobre as 6.ª e 10.ª sílabas — salienta desse modo o poeta, a côr assustadora da nuvem e o seu aparecimento.

V

Não se apresenta solução por ser de natureza subjectiva.

COMENTÁRIO

Em presença da prova escrita de Português do 2.º ciclo (nem informativa nem selectiva), não nos foi possível deixar de lembrar as rubricas do programa no que diz respeito ás «finalidades específicas do ensino do 2.º ciclo — 3.º: criar nele *(o aluno)* a admiração pelo valor e beleza das obras dos nossos escritores» *e também que «seria diametralmente oposto ao espírito destas noções toda a sistematização que obrigasse o aluno a decorar... ou a papaguear designações arrevesadas de cunho científico... Este preceito não se refere á nomenclatura das modificações fonéticas* a que haja de se fazer referência *a propósito de vocabulário ou de morfologia».*

O texto escolhido serviria admiràvelmente o estabelecido em 3.º das finalidades específicas do ensino do 2.º ciclo; que pena não ter sido aproveitado para averiguar até onde teria sido levado ou teria sido capaz de ir o aluno, no sentido de ver em Camões aquele «admirável pintor das coisas do mar» que foi apontado por um notável estudioso alemão!

Porquê (afastando-se do espírito do programa) dar-se a preferência ao pormenor da gramática, ao rebuscado formal? (a ectlipse não terá certamente sido trabalhada — e está certo! — na grande maioria das classes ou... talvez nem mesmo abordada; e para quê, num curso geral?). É assim, e por outros processos semelhantes, que se enraíza nos estudantes do curso geral a ideia de dificuldades que os afastarão (quem sabe se para sempre!) do sublime poeta que tantos professores se esforçam por fazer compreender, apreciar, admirar e amar.

A prova não pode talvez dizer-se difícil, mas contribui largamente *para o divórcio inevitável entre os jovens e a grande figura de poeta e de homem, que com tanto amor é levada até ao seu conhecimento.*

Até quando prosseguiremos nesta mesma rota de há tanto tempo tristemente trilhada?!...

Prova escrita de Ciências Naturais

Mineralogia e Geologia

Na figura 1 estão representadas três rochas de origens diferentes.

1 — Faça corresponder á letra A o nome duma rocha, compatível com as condições da figura, e explique a formação da mesma.

2 — Que acção química provoca a água carregada de dióxido de carbono no calcário?

3 — O granito é uma rocha eruptiva que é constituída essencialmente, por feldpato e quartzo, sendo o feldspato dominante a ortóclase.

a) — Que são rochas eruptivas?

b) — Como explica que os minerais que constituem o granito se apresentem cristalizados?

c) — Com base nas propriedades físicas, como distinguiria o quartzo da ortóclase?

d) — Façam um desenho esquemático da cruz axial do sistema em que se cristaliza o quartzo (hexagonal).

Acompanhe a figura com os esclarecimentos que julgar necessários para a sua identificação.

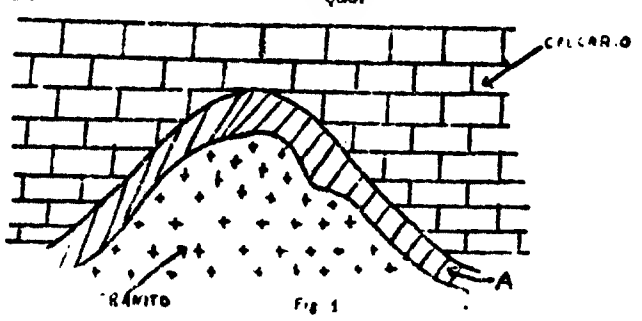


Fig 1

Zoologia

I

Verificou, no estudo que fez dos Vertebrados, que o coração não apresenta em todos a mesma constituição.

1 — Indique as principais diferenças, quanto ao numero de cavidades, que encontrou no coração dos Vertebrados estudados.

2 — O lagarto é um animal de temperatura variável. A que é devida esta variabilidade?

3 — Qual o papel da água na respiração do Barbo? Indique o seu trajecto.

II

A Lombriga é um parasita que aparece, com frequência, nas crianças.

1 — Como explica que este animal possa viver dentro do tubo digestivo do hospedeiro sem que seja digerido?

2 — Como se reproduz a Lombriga? Indique, resumidamente, o seu ciclo de vida.

III

A figura 2 destina-se a mostrar a dilatação da caixa torácica pelo abaixamento do diafragma.

1 — Qual o papel desempenhado pelo diafragma na inspiração e na expiração?

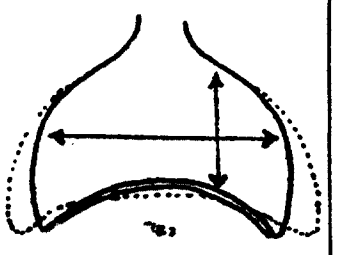


Fig 2

2 — O diafragma é um músculo. Indique as propriedades dos músculos.

3 — Os músculos são constituídos por fibras musculares. Faça um esquema, devidamente legendado, duma fibra muscular lisa.

Botânica

I

O Malmequer (figura 3) é uma planta cujas flores constituem uma inflorescência grupada.

1 — Reconhece vantagem na associação das flores? Justifique.

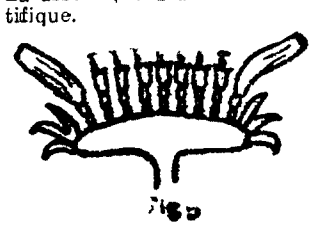


Fig 3

2 — As flores centrais são hermafroditas e as marginais são, muito frequentemente, unissexuadas femininas. Que significado dá ás expressões «hermafroditas» e «unissexuadas femininas»?

3 — É muito frequente encontrarem-se os malmequeres entre os cereais. Como explica que o seu desenvolvimento não seja afectado pela presença das outras plantas?

II

A Funária, representada na figura 4, é uma pequena planta de folhas verdes, muito comum nos lugares humidos e sombrios.

Fig 4

1 — Servindo-se da figura, explique um processo de reprodução da planta.

2 — A Funária é autotrófica? Justifique.

3 — Como procederia para

(Continua na pág. seguinte)

Liceu-Institutos
CICLO PREPARATÓRIO
Cursos praticos de dactilografia c/ diploma
ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef 865904
EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Edith Cavel, 8 (ao Chile) — Telef. 820221
EXTERNATO ALVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica) — Telef. 706974
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

Sá de Miranda
ENSINO PRIMARIO E JARDIM INFANTIL
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO - NOCTURNO
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

EXTERNATOS
● LEAL CONSELHEIRO — MASCULINO
R. do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 326957
● NOVO RUMO — FEMININO
P. Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — T. 36 14 26
ENSINO LICEAL E PREPARATÓRIO
CURSO DE FÉRIAS
(EXAMES SETEMBRO)

EXTERNATO DE ALVALADE
PRIMARIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
Telef. 771965
Rua Isidro Viana, 12 — LISBOA Campo Pequeno

OS EXAMES DO 5.º ANO DOS LICEUS

(Continuação da pág. anterior)

provar, experimentalmente, que esta planta respira?

4 — Os órgãos indicados pela letra A não são considerados raízes. Porquê?

SOLUÇÃO

Mineralogia e Geologia

1 — A rocha que corresponde á letra A é o marmorito, que resultou do calcário, por metamorfismo de contacto.

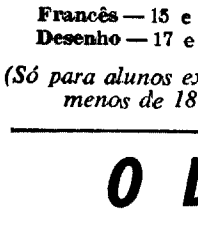
2 — As águas gaso-carbónicas actuando sobre o calcário dissolvem-no transformando-o em hidrogeno-carbonáto de cálcio.

3 — a) O granito é uma rocha magmática porque resultou da consolidação do magma.

b) A consolidação dá-se no interior da crusta e portanto é lenta e gradual. Por isso os minerais constituintes do granito tiveram tempo de cristalizarem e de individualizarem.

c) Nos dois minerais — quartzo e octoclase há propriedades físicas muito identicas. Há no entanto uma que os distingue bem:

O quartzo não tem clivagem. Tem fractura concoidal e a ortoclase apresenta duas direcções de clivagem perpendiculares entre si.



α = β = 90°, γ = 120°

No sistema hexagonal a cruz axial é constituída por 4 eixos, sendo um normal ao plano que contém os outros 3 que são homólogos e formam entre si angulos de 60°.

Zoologia

I

1 — Os ciclóstomos e os peixes têm duas cavidades. Uma aurícula e um ventrículo.

Nos batráquios e nos répteis têm três cavidades apesar de nestes ultimos aparecer já um repto que separa incompletamente os dois ventrículos.

Nas aves e nos mamíferos há já quatro cavidades bem diferenciadas: — dois ventrículos e duas auriclas.

2 — O lagarto é um animal de temperatura variável porque o sangue não tem a temperatura relativamente elevada e constante. Este fenómeno é devido á respiração ser pouco activa e o sangue distribuído pelos diversos orgãos do corpo não ser completamente oxigenado e portanto com combustões internas fracas. Como as escamas não formam um revestimento isolador, algum calor que é produzido não pode ser conservado.

3 — A água tem o oxigénio dissolvido que serve para a respiração do barbo. A água entra pela boca vai as guelras, onde se dá a hematose. Depois sai pelas fendas operculares carregada de anidrido carbónico.

II

1 — A lombriga não é digerida pelo hospedeiro porque é coberta por uma espessa cutícula que é uma substancia dura, que a proteje contra a acção dos sucos digestivos.

2 — Os ovos, produzidos em grande quantidade, saem do corpo do hospedeiro com os excrementos, e começam logo o seu desevolvimento, que geralmente não é prejudicado porque são envolvidos por uma casca constante que os isolam dos agentes destruidores. Durante este período pode ser levado pela água, pelos legumes, pelos frutos e serem ingeridos pelo homem. No estômago os ovos originam larvas, que depois de completarem o seu desenvolvimento no fígado ou nos pulmões, dirigem-se para o intestino onde se encontram os animais no estado adulto.

III

1 — São os movimentos das costelas e do diafragma que fazem aumentar ou diminuir a capacidade da caixa torácica. O diafragma quando se contrai aumenta o diametro vertical e empurrando as costelas aumenta também os diametros antro-posterior e transversal. Como os pulmões são orgãos elásticos acompanham estes movimentos. Aumentando o volume da cavidade pulmonar, diminui a sua pressão de ar. Nesta altura o ar entra pelas vias respiratórias. Quando o diafragma volta á posição de repouso, a capacidade torácica diminui e o ar é expulso para o exterior.

2 — As propriedades dos musculos são: elasticidade, tonicidade, contractibilidade e poder electromotor.

3 —

Botânica

1 — As flores numa associação ajudam-se mutuamente.

Assim por exemplo, no malmequer que está esquematizado na fig. 3 ás bráctias externas servem de protecção; as flores marginais tornam o capitudo mais vistoso atraindo os insectos para a polinização. São as flores interiores que servem mais frequentemente para a formação do fruto.

2 — As flores são hermafroditas quando têm gineceu e androceu e, são unissexuais femininas quando têm apenas gineceu.

3 — O seu desenvolvimento não é muito afectado, porque tem uma zona pilosa muito desenvolvida que lhe permite espalhar-se no solo, por entre as raízes dos cereais e de outras plantas que vivem no mesmo meio.

II

1 — Na época da reprodução aparece na parte terminal da planta um orgão filamentoso terminado por uma parte mais dilatada. O orgão com esta configuração chama-se esporogónio e a parte terminal tem o nome de cápsula que quando está em desenvolvimento está coberta por uma membrana que tem o nome de coifa. Quando a cápsula amadurece, cai-lhe a coifa e o opusculo e deixa sair os esporos que se formaram no seu interior. Estas células em condições de germinação, desenvolvem-se e formam um corpo filamentoso e verde, onde mais tarde aparecerão novas funárias. O corpo filamentoso e verde chama-se protonema.

2 — A Funária é uma planta autotrófica fotosintética. Tendo clorofila faz á luz solar a síntese da matéria organica a partir da mineral.

3 — Colocava-se dentro de um campânula a planta e um vaso com água de cal. Esta turvava passado algum tempo. Este fenómeno demonstrava a presença do dióxido de carbono libertado pela planta.

4 — Os orgãos indicados pela letra A não podem ser considerados raízes porque não têm tecidos diferenciados.

exames para amanhã

(30 DE JUNHO — 4.ª-feira)

2.º ciclo — 1.ª chamada

História — 9 horas (90 minutos)

Inglês — 11 horas (90 minutos)

(Não é permitido o uso do dicionário)

3.º ciclo — 2.ª chamada

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — 15 horas (90 minutos)

Português — 17 horas (90 minutos)

Desenho — 17 horas (120 minutos)

CICLO PREPARATÓRIO

2.ª chamada

Francês — 15 e 30 horas
Desenho — 17 e 30 horas

(Só para alunos externos com menos de 18 anos)

A REFORMA DO ENSINO

COIMBRA, 27 — Para apreciar e estudar a reforma do Ensino prosseguem as reuniões do Senado Universitário, sob a presidência do reitor, sr. prof. Gouveia Monteiro.

GUERRILHEIRO DO PAIGC ENTREGOU-SE ÀS AUTORIDADES PORTUGUESAS

BISSAU, 29. — (A. N. I.) — Fardado e armado como guerrilheiro do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) apresentou-se ás autoridades militares, em Ingoré, na fronteira norte da Guiné portuguesa, um chefe de grupo daquele movimento, de nome Iero Embaló.

Contou como tinha entrado para o PAIGC, há cinco anos: natural da região de Bajucunda, na fronteira norte, fora de visita á família, no Senegal; raptado e aliciado por «comissários políticos» de Amilcar Cabral, teve — disse — uma «adesão ingénua» áquilo que lhe prometiam ser o futuro do bem-estar da Guiné.

Integrado num grupo de 75 jovens como ele, com idades não superiores a 20 anos, foi enviado para Moscovo e, num campo militar dos arredores da capital russa, foi integrado num curso intensivo de técnica de armamento, ligeiro e pesado.

Simultaneamente, frequentava aulas teóricas em que o obrigavam a decorar todos os princípios da doutrina comunista, no decorrer de uma das quais recebeu a visita de Amilcar Cabral, presente em Moscovo durante o ultimo congresso do partido comunista.

Regressado a Conakry há cerca de três meses, foi-lhe confiado o comando de um grupo de 25 homens, com incumbência de acção na zona fronteiriça norte, partindo da base guerrilheira de Sikoum —povoação senegalesa de Casamança a escassos três quilómetros da fronteira portuguesa.

Visivelmente satisfeito com a recepção que lhe foi dispensada, Iero Embaló declarou-se disposto a colaborar de qualquer forma que lhe seja possível na obra de desenvolvimento e progresso que está a ser levada a cabo na Guiné portuguesa.

O Dia Nacional da Grã-Bretanha comemorado no Rotary Glube de Lisboa

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, entre as quais sócios do Clube, convidados e rotários visitantes, nacionais e estrangeiros, efectuou-se hoje, no Hotel Tivoli, a habitual reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. A sessão foi dedicada ao Dia Nacional da Grã-Bretanha, assistindo á reunião, em representação do respectivo embaixador, o cônsul A. J. Battle.

Presidiu o dr. Ruy Pires Branco, secretariado pelo eng. Guimarães Ferreira, estando o protocolo a cargo de Wenceslau Sarmento.

No uso da palavra o presidente saudou o convidado de honra, o cônsul da Grã-Bretanha, e desejou para a grande nação amiga as maiores felicidades. Seguidamente cumprimentou todos os restantes convidados e companheiros e saudou o aniversariante da semana.

De seguida o presidente informou que a transmissão dos seus poderes ao novo presidente, Joaquim Ferreira Queimado, seria feita na próxima reunião, tendo agradecido a todos os companheiros a paciência e a atenção com que o acompanharam no ano anterior e, bem assim, a boa colaboração que todos lhe prestaram, nomeadamente os membros da sua direcção e os componentes das várias secções.

UNIVERSIDADE CATÓLICA

Tendo sido concluídos os estudos respeitantes á definição do regime legal de funcionamento da Universidade Católica, o Ministério da Educação Nacional elaborou já o respectivo projecto de decreto-lei.

O projecto, que vai ser apreciado na próxima sessão do Conselho de Ministros, distingue, naquela Universidade, os estabelecimentos destinados ao ensino eclesiástico dos que têm por fim o ensino de nível superior paralelo ao do Estado. Em relação aos primeiros, reconhece á Igreja autonomia para fixar a sua organização e orientar os estudos neles ministrados. Pelo que se refere aos segundos, adopta, nos termos da Concordata, as disposições necessárias para a garantia dos princípios fundamentais do sistema educativo português e prevê que venham a ser objecto de regulamentação especial os aspectos pedagógicos e administrativos próprios de cada estabelecimento.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de ARCOS DE VALDEVEZ em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Azere e Couto, concelho de Arcos de Valdevez, de uma linha aérea a 15 kV com 2452 m, do poste n.º 10 da linha para o posto de transformação de Azere-Toural ao posto de transformação de Couto-Selim, pertencente á Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1971.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

OS EXAMES DA 4.ª CLASSE (152 164 EXAMINANDOS) COMEÇAM DEPOIS DE AMANHÃ

Começam depois de amanhã no continente e nas ilhas adjacentes os exames do ciclo elementar do ensino primário, que compreendem provas escritas de Língua Portuguesa e de Aritmética e Geometria, prova prática de Desenho e Trabalhos Manuais e provas orais de Língua Portuguesa e História Pátria, Aritmética e Geometria e Ciências Geográficas-Naturais.

Foram propostos 152 164 alunos, cerca de 9000 mais que no ano lectivo de 1969-70 e dos quais 142 294 residem no continente e 870 nos Açores e na Madeira.

Cerca de 2250 juris, constituído cada um por três professores irão funcionar nas sedes dos concelhos e nalgumas outras localidades.

As provas escritas e práticas decorrem nos dias 1, 2 e 3, começando ás 9 horas, por turnos de 24 alunos, em cada manhã e em cada juri. Os seus resultados e a marcação das provas orais serão afixados até ás 17 horas do dia 5.

Devem estar concluídos até o dia 14 os exames da 4.ª classe, cujos examinandos estão assim distribuídos:

Continente — Aveiro, 10476; Beja, 3150; Braga, 12 872; Bragança, 3390; Castelo Branco, 4316; Coimbra, 6685; Évora, 2808; Faro, 3955; Guarda, 4008; Leiria, 7901; Lisboa, 23 752; Portalegre 2198; Porto, 24 110; Santarém, 6873; Setubal, 7173; Viana do Castelo, 4909; Vila Real, 5336; e Viseu, 7842

Ilhas adjacentes — Angra do Heroísmo, 1291; Horta, 622; Ponta Delgada, 3134; e Funchal, 4823.

INSTITUTO DE LÍNGUAS
Sede: **Rua Sociedade Farmacêutica, 30-1.º**
Tel. 5 45 30
ANEXOS: Largo do Chiado, n.º 15, 3.º — Telefone 367002
Avenida Manuel da Maia, n.º 46, 1.º — Telef. 721498

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS (para Estrangeiros)
Aberto todo o ano

CURSOS DE VERÃO
CRISFAL
3.º CICLO — 2.ª ÉPOCA
AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 76 96 20

A EXTRACÇÃO DA CORTIÇA

MONTARGIL, 29 — Um magnífico tempo de Verão acompanha aqui a faina da extracção da cortiça. Os salários dos trabalhadores especializados neste serviço registaram ligeira subida em relação ao ano passado. Ganha cada homem 100$00 por 8 horas diárias de trabalho, enquanto a jorna das mulheres foi fixada em 60$00.

A colheita deste ano é abundante e da sua qualidade basta dizer que é para alguns entendidos a melhor do mundo motivo porque está sendo muito procurada pelos industriais tendo já sido feitas vendas.

O CASO DA HERANÇA SOMMER

• Uma carta de Henrique Champalimaud

Do sr. Henrique de Sommer Champalimaud recebemos a seguinte carta:

«Li no jornal que V. Ex.ª tão distintamente orienta a resposta do dr. Bustorff Silva a afirmações que diz pertencerem a meu irmão Carlos. Porque nessa resposta se faz alusão à minha pessoa e a uma empresa a que estive particularmente ligado a Unisotra não posso deixar de fazer algumas observações à essa insolente interferência em assuntos que ao dr. Bustorff Silva não dizem respeito. São observações muito breves, já que a minha difícil situação agora agravada por uma convalescença penosa e crítica, não me permite dar ao dr. Bustorff Silva a reprimenda que ele merece; mas, apesar de breves elas esclarecerão as pessoas de bem e só essas me interessam.

1 — O signatário por si ou pela sociedade anónima «Unisotra» não produziu qualquer afirmação ou mera alusão pública na Imprensa ou em tribuna, em relação ao dr. Bustorff Silva ou ao Banco Lisboa & Açores de que este advogado foi administrador.

2 — O dr Bustorff Silva e o Banco Lisboa & Açores não têm assim motivação que justifique a divulgação de operações bancárias concernentes ao signatário ou à sociedade «Unisotra»

3 — Menos ainda a divulgação de informações falsas.

4 — Relativamente a tais operações o signatário ignora a personalidade do dr. Bustorff Silva; reconhece claro, a do Banco.

5 — O signatário já tem idade suficiente para não confundir instituições com pessoas, interesses societários com interesses particulares.

6 — O signatário nunca teve relações com o dr. Bustorff Silva mas sim com o Banco Lisboa & Açores.

7 — O signatário não tem culpa que o Banco Lisboa & Açores haja sido representado pelo dr. Bustorff Silva; é problema exclusivo do Banco.

8 — É acima de tudo problema do Banco e eventualmente também do dr. Bustorff Silva, a responsabilidade pela divulgação feita por um administrador de informações de natureza reservada.

9 — Não quer o signatário expressamente admitir (não vá ser acusado de falsas afirmações) que o dr. Bustorff Silva cometeu a deselegância de dispor abusivamente e sem verdade de informes que não lhe pertenciam e que não podiam ser divulgados.

10 — Por agora ao signatário não sobram nem paciência nem saúde, nem meios para se ocupar do que o dr. Bustorff Silva queira publicar nos jornais.

11 — O signatário aguarda pacientemente o que o Banco Lisboa & Açores houver por conveniente esclarecer quanto à justificação da publicação de elementos confidenciais e quanto à veracidade desses mesmos informes e seu significado objectivo.

12 — O dr Bustorff Silva, para ser agradável a meu irmão António, cometeu uma deselegância perante o Banco Lisboa & Açores revelando elementos confidenciais e pertinentes à Unisotra e ao signatário, o que, felizmente, era inédito na prática e usos da banca portuguesa.

Espera firmemente que V. Ex.ª não recuse a publicação destas linhas com o mesmo relevo que foi dado à referida resposta do dr. Bustorff Silva, tanto mais que nem me posso dar ao luxo, como o fez aquele senhor, de me prontificar a pagar a solicitada publicação, a não ser *quando* e *se* voltar a ser investido na posse e gozo daquilo que me pertence e de que me encontro espoliado pela pessoa com quem o dr. Bustorff Silva — confessa — mantém amistosas relações. Que lhe continuem a prestar».

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ao aplicar os seus capitais em **J. PIMENTA, SARL**

Compre também propriedades e o seu capital valorizar-se-á ao mesmo tempo que lhe proporciona um óptimo rendimento.

Informações:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15
Telef. 45843 - 47843

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA

S. A. R. L.

CAPITAL: 300 000 contos

Av. António Augusto de Aguiar, 104-4.° — LISBOA

OBRIGAÇÕES DE 5% – 1960 – 1.ª EMISSÃO

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 1 de Julho, se encontra a pagamento o juro correspondente ao cupão N.º 23, cujo valor se discrimina:

	Obrigações ao portador	Obrigações ao portador registadas
Juro ilíquido	25$00	25$00
Impostos	8$95,24	3$49
Juro líquido	16$04,76	21$51

O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

- — Caixa Geral de Depósitos
- — Banco de Fomento Nacional
- — Banco da Agricultura
- — Banco do Alentejo
- — Banco Borges & Irmão
- — Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
- — Banco Fonsecas & Burnay
- — Banco Nacional Ultramarino
- — Banco Pinto & Sotto Mayor
- — Banco Português do Atlântico
- — Banco Totta & Açores
- — Crédit Franco-Portugais
- — Crédito Predial Português

Lisboa, 22 de Junho de 1971.

O Conselho de Administração

TRÊS HORAS NO TEJO

A C. P., concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa organiza aos domingos desde 30 de Maio até 29 de Agosto passeios no Tejo numa das suas modernas embarcações.

PREÇO POR PASSAGEIRO ... 12$00

Embarque na estação do Terreiro do Paço ...... 15 h.

Desembarque na mesma estação .... 18 h.

Bolsa de Lisboa

Fundos do Estado	Fecho	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	456$	456$	457$
Consolidado 3%	47 $	—	47'$
Consolidado 3 1/2%	585$	585$	—
Centenário 4%	1.386$	—	.386$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	805$
Externo série	—	595$	—
Externo série C	607$	607$	—
Externo 3 série	—	700$	—
Externo 3 série C	—	700$	—
Cautelas 3 Série	—	'60$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	8,0$	—
C P 5 1/2% 61	—	930$	945$
C U F 6%	935$	930$	—
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	860$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	860$	870$
Gás Elect 5% 54	—	855$	—
Gás Elect 5% 55	—	800$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	840$
Gás Elect 5% 5x	—	950$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	950$
Gás Elect 5% 61	—	960$	980$
H E Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	760$	770$
H E Cávado 6%	—	960$	975$
H E Douro 5%	—	—	—
H E Douro 6%	—	960$	—
H E Norte Port 5%	—	—	860$
H E S. Estrela 6%	—	940$	—
H E Zêzere 5% 55	—	750$	—
H E Zêzere 5% 51	—	750$	—
Lisnave 6%	920$	—	930$
Metropolitano 4%	890$	885$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	955$	960$
Moçambique 5%	—	650$	700$
Nac. Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	720$	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	855$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 5x	—	—	—
Sacor 5% 6x	—	—	840$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	720$	740$
Sonefe 5%	—	815$	825$
T A P 4%	895$	890$	—
Termoelect. Port. 5%	—	750$	760$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	72$5	73$
U E P 5% 60	—	—	720$
U E P 5% 63	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel. 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES	Fecho	Compra	Venda
Banco			
Agricultura	2.255$	2.250$	2.260$
Alentejo	1.135$	'.135$	1.140$
Angola	4.350$	4.350$	4 370$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	7.300$	7.250$	7 350$
E. Santo	—	6.530$	6.580$
E. Santo N.	—	—	—
Fonsecas & B.	—	—	—
Fomento	2.820$	2.820$	2.840$
L. & Açores P	—	—	—
L. & Açores N.	—	—	—
P. Atlântico P	6,450$	6.420$	6 490$
Portugal N	—	3.600$	—
Portugal P	—	4.100$	4.200$
Totta Aliança	6.970$	6.965$	6.980$
Ultramarino N.	4.250$	4.230$	4.250$
Ultramarino P.	4.580$	4.570$	4,590$
Seguros			
Alentejo	136$	136$	137$
Douro	—	2.450$	—
Mundial	985$	980$	990$
Sagres	—	3.000$	3.600$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag. Cassequel	672$	672$	675$
Ag. Incomati	—	—	2.000$
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	Fecho	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Boror	—	—	—
Buzi	—	70$	71$
Cabinda	196$	195$	:97$
Diamantes Angola	2.020$	2.0'0$	2.030$
H. E. Revué	—	6.0$	650$
Ilha do Príncipe	—	500$	600$
Moçambique	182$	'82$	184$
Sonefe N	—	395$	410$
Sonefe P	410$	410$	415$
Zambézia	—	—	—
Diversas			
Cidla	6,800$	6.8'0$	6.850$
Cim. Leiria	—	4.400$	—
Cim. Tejo	—	—	9.008$
Co. Navegação	1.465$	1.460$	'.470$
[illegible]	—	1.350$	'.400$
Fna. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3.600$	3.900$
Petroquímica	—	1.150$	.700$
Port. Colónias	—	950$	'.000$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	1.150$	.200$
Port. Tabacos	578$	576$	578$
Sacor	3.820$	3.800$	3.900$
Siderurgia Nac.	2.440$	2 430$	2.450$
Soda	—	3.280$	3 300$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	5.950$	6, 50$
U. Azoto	620$	620$	625$
Água, Elect., Gás			
Águas Lisboa 5	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	425$	430$
Águas Lisboa 36	—	390$	—
C. P. Electricidade	—	—	—
C. P. Electricidade N.	—	—	—
C. Electricidade 969	—	1.625$	.635$
Elect. Beiras	371$5	371$5	372$
Gás Electr.	176$5	177$	77$5
H. E. Alto Alentejo	—	—	—
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U E P	191$	191$	'92$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	202$4	208$5
F. O. D. E. S.	—	127$6	131$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	22/6/71	28/6/71	29/6/71
GERAL	149,8	150,3	150,5
METROPOL.	146,9	147,1	147,1
ULTRAM.	170,7	173,8	175,0

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	7$95	8$30
América		
— Dollars de ...	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Áustria — Schilling	$ 4	$ 9
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$00	5$20
Canadá — Dólar	27$50	28$00
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,1	$42,2
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirhan	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papeis de credito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Do I. S. C. E. F., Ciências ou Administração de Empresas: admite-se Vendedor/a de material periférico para computadores.

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA:

Conhecimentos de informática
Experiência profissional

OFERECE-SE:

Formação específica para a função, no país e no estrangeiro
Vencimento mensal base 8.000$00; acesso total anual em quota 180.000$00
Subsídio de férias, 13.º mês e mais regalias sociais
Bom ambiente de trabalho em empresa multinacional

Agradece-se resposta manuscrita com as informações que julgar de interesse, para o n.º 848 deste jornal.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Hoje, ás 21.30 — ESTREIA
A mais popular actriz da actualidade
Romy Schneider em
QUEM?
com **Maurice Ronet** e **Simone Bach.** Realiz.: **Léonard Keigel**
Em complemento, o documentário **MOVIEMANIA** de **Francisco Saalfeld**

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562882
Às 15.30, 18.30 e 21.45
18.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com **Michel Piccoli** e **Romy Schneider**
Situado no edifício do Monumental

LUMIAR
(Adultos) Às 21 horas
PROVEM O SANGUE DE DRÁCULA
A FORCA PARA UM INOCENTE

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
Prémio da Crítica no Festival de Berlim
Anna Karina e **Bruno Cremer** no filme de **Andre Farwage**
O MOMENTO DE MORRER
(De Temps de Mourir)
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de **Carlos Saura**
EM TRÊS UM É DEMAIS
(Strese és tres, tres)
com **Geraldine Chaplin**

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Às 17 e 21.30 h.
O SÓSIA
com **John Richardson, Anita Ekberg** e **Margaret Lee**

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
NED KELLY
PERDOA... VAMOS AMAR!

BERNA
(M. 10 anos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45
Alan Ladd, Jean Arthur, Van Heflin e **Jack Palance,** no filme que ninguém mais esquecêá
SHANE
Technicolor
Um clássico do «western»
(À Av. Marquês de Tomar)

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50593
As 3 e 6,15 da tarde e 9.30 noite
Curt Jurgens, Alan Ada, Jacqueline Bisset e **Brad Dillman**
A VALSA DO MEDO
Metrocolor

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
Uma Eva dos nossos dias, perante um Adão á moda antiga!
UM DOMINGO EM NOVA-YORK
com **Jane Fonda** e **Rod Taylor**
Metrocolor

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Atenção a partir de agora este Espectáculo pertence ao grupo C — (Não é permitida a assistência de menores de 10 anos).
Às 15.15 e 21.30
Jim Brown e **Lee Van Cleff**
O TESOURO DE EL CONDOR
70 m/m — Colorido

ODEON
(M. 10 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 5.ª SEMANA TRIUNFAL
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com **Libertad Lamarque, Robert** e **Irma Lozano**
-- Eastmancolor —

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
4 Sessões diárias, às 14.15 16.30 18.45 e 21,45
Mireille Darc: sensual, amorosa, apaixonada
HISTÓRIA DE UMA RAPARIGA LOIRA
Um filme de George Lautner

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme que não é um filme qualquer...
Kyle Johson e **Estelle Evans** num filme de **Gordon Parks**
NOVAS SEMENTES
(The Learning Tree)
Panavision Techicolor

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias
em versão original
Version originalle
Original version
Hoje, ás 15 h.:
LADRÕES DE BICICLETAS
(Ladri di Biciclette)
de **Vittorio De Sica**
com **Lamberto Maggiorani**
OS CONTOS DA LUA VAGA
Às 21 h.:
OS CONTOS DA LUA VAGA
LADRÕES DE BICICLETAS

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA TRIUNFAL!
UM MARIDO INFIEL
com **Jean Yanne** e **Françoise Fabian**
(Junto à Av. de Roma)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
VIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Dois filmes todos os dias
em versão original
Version originalle
Original version
Hoje, ás 15 h.:
OS CONTOS DA LUA VAGA
(Ugetsu Monogatari)
de **Kenji Mizoguchi**
com **Machiko Kyo**
LADRÕES DE BICICLETAS
Às 21 h.:
LADRÕES DE BICICLETAS
OS CONTOS DA LUA VAGA

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um policial de «suspense»
CRIME NO BOSQUE
(Assault)
com **Suzy Kendall** e **Frank Finlay**

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
7.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de **François Truffaut**
O MENINO SELVAGEM

APOLO 70
CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1? anos) Tel. 763319
5.ª SEMANA
Às 14.30, 16.45 e 21.45
O VALE DO FUGITIVO
Scope Technicolor
Robert Redford e **Katharine Ross**
Às 19 horas:
O INSPECTOR ORIGINAL
de **Jean Pierre Hocky**
c/ **Bouvril** e **Francis Blanche**
(Adultos)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Marlon Brando, Richard Boone e **Rita Moreno** num filme de excepcional interesse
A NOITE DO ÚLTIMO DIA
A história de um rapto demasiado fácil e perigoso...
Panavision e Technicolor

POLITEAMA
(M. 10 anos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 e ás 21.30
ÊXITO TOTAL
DA ADMIRÁVEL COMÉDIA
A RAPARIGA DO AUTOCARRO
c/ Glen Campbell e Kim Darby
...ela estava noiva de um, mas apaixonou-se por outro...
Technicolor

ROYAL
(M. 12 anos)
Às 15 e 21 horas
A INTERNACIONAL DO CRIME
O QUE ACONTECEU EM CAMPO GRANDE

LIDO
(M. 10 anos) Às 21.45 h.
Espectáculo integrado nas Manifestações Comemorativas do Aniversário do Concelho de Oeiras
(Admissão por convites)

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
A BATALHA DE EL ALAMEIN

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
QUEM SE METE COM RAPAZES
com Gianni Morandi

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320017
As 15 e ás 21 horas
36 HORAS NO INFERNO
RINGO, HERÓI DO TEXAS
G B — Não é permitida assistência de menores de 10 anos.

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos.
TRINDADE—Às 21 e 15: «Ópera» (10 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos).
A B C — Às 21 e 45: «A Senhora Minha Tia» (14 anos).
LAURA ALVES — Às 2' e 45: «Só as borboletas são livres» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Uma arma entre mil» (10 anos).
CINEARTE — Às 21: «O computador de saptos de ténis» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Último domicílio conhecido» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Quando o jogo é o amor» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Cada casa com o seu» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21 h.: «29 irmãos» (10 anos).

● Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA CINE — Às 21 e 30: «24 horas da vida de uma mulher» (17 anos).
PAREDE — ROYAL CINE — Às 21: «Por um punhado de dólares» e «A ultima caçada» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Sósia» (17 anos).
ESPLANADA — Às 21 e 30: «Quarto privado» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A volta ao mundo em 80 dias» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Blue» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O ultimo fica vivo» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Noites de outros tempos» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ CINEMA — Às 21 e 15: «Negócios em três continentes» e «O Justiceiro» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «As aventuras de Gerard» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 45 «Cala-te boca» (revista teatral) (17 anos).

● PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO—Às 21 e 30: «O malandro do bato branco» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Homens em fuga» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Stiletto» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O homem sinistro» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Casamento sem núpcias» (17 anos
BATALHA — Às 21 e 30: «Tom Jones» (17 anos).
ESTUDIO—Às 21 e 30: «Paixão» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Um dólar nos dentes» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 30: «Strogoff» e «Vão chamar pai a outro!» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amor de Perdição» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Com jeito vai... campista!» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Patton» (12 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «O Rio da Violência» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Um trém para Durango» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «E Deus criou a mulher!» (17 anos)

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288) * **Boa Hora,** R. dos Quartéis, 25-27 (tel. 637777)
ALFAMA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (tel. 863940)
ALVALADE — Neoterápia, Campo Grande, 138 (tel. 774682) * **Alvalade,** Av. da Igreja, 18-A (tel. 712070) * **Paris,** Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (t. 710131) * **Gasparinho,** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465)); **Ideal,** Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803).
AREEIRO — Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (telef. 724941) * **Onilda,** Aven. João XXI, 13-A (tel. 726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (tel. 45079)
AVENIDAS NOVAS — Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (telef 40592) * **Universal,** Rua Actor Taborda, 5 (tel. 44158).
BAIRRO ACTORES — Nobel, Rua Actor Vale, 53 (á Fonte Monumental) (tel. 842152).
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (tel. 323428).
BAIRRO AMÉRICA — Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (telefone 849448).
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (tel. 841122).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (tel. 310172)
BAIXA — Morão, Rua da Assunção, 17 (telefone 321289) * **Estácio,** Rossio, 63 (telefs. 327067-324224)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678 (telef. 702532) * **Sousa,** Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, Rua General Taborda, 17 (telefone 680304).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B (t. 663349) * **Ivone,** Rua Silva Carvalho, 232-C (t. 650760).
CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar)
CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno, 36-B (á Av. Sacadura Cabral) (te. 770776).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181).
CONDE REDONDO — Dávi, R. Conde Redondo, 68 (telefone 54342).
ESTRELA — Martins, Calçada da Estrela, 167 (tel. 660823) * **Paivas & Parente,** Rua de Santo António, 98 (tel. 665196).
GRAÇA — Morão, Largo da Graça, 63 (telefone 860700)
INTENDENTE — Intendente, Largo do Intendente Pina Manique, 50 (tel. 47838).
LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, 12-C (tel. 790704) * **Alameda,** Alameda das Linhas de Torres, 201-B (t. 790942).
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (tel. 381612).
OLIVAIS — S. Paulo, Rua 2, Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Olivais-Sul) (tel. 310711) * **Higiene,** Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (telefone 310026).
PENHA DE FRANÇA — Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (á Av. D. Afonso III) (tel. 843439).
PICHELEIRA — Marluz, Calç da Picheleira, 140-B (telefones 720703-728895).
RATO — Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (telef. 684282).
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728).
RESTELO — Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D (telefone 610256) * **Tenara,** Rua Rodrigo Reinel, 3-A (no encosto do Restelo) (tel. 611814).
SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).
SANTO AMARO — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (telef. 637020).
SANTOS-O-VELHO — Fontoura de Carvalho, R. Santos-o-Velho, 12 (telef. 662075)
S. PAULO — Central, Rua de S. Paulo, 108 (tel. 320389).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (tel. 47213) * **Correia de Almeida,** Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (tel. 47385).
XABREGAS — Romana, Rua B, 7 (á R. Marquês de Olhão) (tel. 383800).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av Comb G. Guerra, 166 (tel. 213953).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro, 1-A (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS—Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (tel 2432034)
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (tel 2430090)
PAREDE — Aisir — B. das Caixas de Previdência, Bloco A (tel. 2472948).
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (telef 261'86)
S. PEDRO DO ESTORIL — S Pedro (tel 263052)
MONTE ESTORIL — Lopes — R Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Misericórdia — R do Regimento, 19 (tel 280141) * **Cascais** — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (telefone 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D João I, lote 46, Bairro Janeiro (telef 932756) * **Igreja,** P da Igreja, 22-A (tel. 937740) * **Central,** Aven. Cardoso Lopes, 25 (tel. 9322'0) * **Jardim,** Av Conde de Oeiras, loja X-' Reboleira (telefone 938424).
DAMAIA — D. João V — Av Gurgel do Amaral, 2-A (tel. 970461).
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 18 (Telefone 950''7) * **Simões Lopes** — Av Elias Garcia, 5' (Tel 950123)
CACÉM — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Telef 2942 8)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim. (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia. L Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel 98039')
COLARES — Colares — Abreia — (Tel 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234'00)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 224250).
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão, 8-A 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Telefone 224'4')
BARREIRO — Higiénica — Rua D Manuel I, 178 (Tel 2273017)
COVA DA PIEDADE — Império—R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel 230 370)
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (tel 229028).
SETÚBAL — Lisboa — R Dr Paulo Borba (Telefone 22248) * **Salão** — Av Portela (Tel 22709)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (telef. 2218580).

● PORTO

Alves R. Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * **Alves Moreira** Av Rodrigues de Freitas, 67 (Tel 5 88' * **Antiga Porta do Olival** Campo M. da Pátria (Tel 24262) * **Avenida** Av da Boavista, 10 (tel 60342) * **Barros,** Lgo do Bonjardim, 129 (tel 47032) * **Batalha** P do Batalha, 26 (Tel 29524) * **Boa Hora,** R da Boa Hora, 80 (Telefone 28783) * **Campo,** P da República, 1'8 (Telefone 25' 6 * **Couto,** L dos Domingos, 06 (Te. ...53) * **Estácio,** Rua da Bandeira, 20 (Telefone 22664) * **Menezes de Lima** P Dr Pedro Ferreira, 227 (Tel 51764 * **Nau Vitória,** Rua Nau Vitória, 123 (Tel 490427) * **Silva Pereira,** Rua Costa Cabral, 293 (T 4076') * **Foz,** Rua Senhora da Luz, 382-Foz (T 680'27)

● COIMBRA

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) * **Sitália** — Largo da Sé Velha (tel. 23234) * **Luciano & Matos** — Rua da Sofia (tels. 22147 e 22148).

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo; o vento era fraco ou moderado predominante de Noroeste e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais da orla costeira ocidental a norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°,8; mínima: Montalegre, 0°,8.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15°; Penhas Douradas, 9°; Coimbra, 6°; Portalegre, 25°; Lisboa, 19°; Faro, 27°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 20°,5; na água do mar: 16°.

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Norte; neblina ou nevoeiro durante a madrugada e princípio da manhã na orla costeira ocidental a norte do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer ás 6 e 14
Ocaso ás 21 e 6

Amanhã Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARES:
PREIA-MAR: **Hoje** — 8 e 55 (3,3 m); 21 e 16 (3,4 m). **Dia 30** — 9 e 45 (3,2 m); 2 e 58 (3,3 m) **Dia 1** — 10 e 46 (3,1 m); 22 e 55: (3,2 m)
BAIXA-MAR: **Hoje**: 1 e 48: (1,4 m); 3 e 57 (1,6 m) **Dia 30** — 2 e 42 (1,6 m); 15 (1,7 m); **Dia 1**: 3 e 4' (1,7 m); 16 e 2 (1,8 m).

O MINISTRO DO INTERIOR EM ÉVORA

ÉVORA, 29 — O ministro do Interior esteve hoje nesta cidade para visitar a 5.ª Exposição-Concurso Distrital de Gados, presidindo à cerimónia de distribuição dos prémios aos proprietários dos animais melhor classificados no referido concurso.

Aquele certame está integrado nas Festas de S. João e S. Pedro que têm decorrido animadamente na cidade, registando-se a visita de inúmeros forasteiros.

JOSÉ CHETA (O CANÇONETISTA AGREDIDO PELO MAESTRO BONJOUR:

«PEDI APENAS MAIS RITMO PARA A MINHA CANÇÃO...»

O I Grande Festival de Interpretes da Canção Portuguesa, organizado pela revista «Foco», cuja final se efectuou ontem no Teatro Monumental, ficou assinalado por dois incidentes: desconfiança da idoneidade do juri e agressão a um dos cançonetistas pelo maestro...

Falámos com o sr. Adalberto Fernandes, da referida revista, esta manhã. Começou por nos dizer:

— *O juri foi sorteado por bilhetes, cinco pessoas da assistência, por sinal de condição humilde, e o publico não levantou problemas. Foi um representante da Casa Arnaldo Trindade, do Porto, que levantou problemas. Um locutor nosso, o sr. Pereira de Sousa, chamou mais cinco elementos para o juri, mas o publico não aceitou, manifestando confiança nos já escolhidos...*

— Acha que era a melhor forma de escolher um juri, destinado a avaliar intérpretes da canção?

— *Só escolhemos este sistema para que não pudesse haver favoritismos, pessoas ligadas a casas de discos, etc. Aliás, ganharam precisamente os artistas que ninguém previa. Tinha havido uma eliminatória, no Pavilhão dos Desportos, no passado dia 19, e de 25 artistas sómente 10 ficaram classificados para a final. Dessa vez era por sistema de votos do publico. Este festival, cujos prémios eram cabeças de veado em ouro, prata e bronze, e mais nada, destinava-se apenas á promoção de artistas... Aliás, já foi a nossa revista que organizou o «Rei da Rádio» deste ano.*

O cançonetista Jose Cheta quando hoje falava ao nosso repórter

— Bem, esse foi o primeiro incidente... E o segundo, que ocorreu com o cançonetista José Cheta e o maestro Vítor Bonjour?

— *Eu apenas vi o que aconteceu...*

Fala José Cheta

É o próprio cançonetista que nos vai narrar o sucedido. José Cheta tem 26 anos, nasceu em Odemira, prestou serviço na Força Aérea e começou a actuar no ano passado, alcançando êxito com uma canção de José Cid.

— *Esgotei oito edições do meu primeiro disco e quatro do segundo.*

— E o incidente com o maestro Vítor Bonjour?

Eu já na primeira eliminatória, no Pavilhão dos Desportos, pretendi um acompanhamento de qualidade e, por isso, preferi usar uma aparelhagem de «play-back». O maestro Vítor Bonjour não gostou e a coisa foi-se arrastando... No ensaio para a final, o maestro regeu bem, mas, quando foi o espectáculo, em que eu fui o segundo a actuar, suprimiu o ritmo á minha canção. Pedi-lhe mais ritmo e ele disse-me uma palavra muito desagradável. Resolvi parar com a minha actuação e pedi-lhe para repetir, mas dentro do ritmo certo.

Era coisa que ele não podia recusar, mas recusou e eu, como sei tocar viola, pedi uma viola e perguntei ao publico se queria que eu cantasse outra coisa. O publico quis, o maestro ainda pretendeu dar uma explicação, mas o publico não o deixou...

— E qual era a canção que você apresentava no festival?

— *«Este pão que é tão igual», da minha autoria, que costumo bisar sempre... Aliás, na orquestra, estavam elementos da Emissora que conheciam o ritmo...*

«Agrediu-me com dois pontapés!»

— E depois?

— *Bem, terminada a minha actuação, estava eu nos bastidores a conversar com o Paco Bandeira, quando apareceu o maestro Vítor Bonjour. Dirigiu-se-me, e, sem dizer palavra, agrediu-me com dois pontapés, prostrando-me.*

A esposa do maestro já me insultara, durante a actuação... Inacreditável! Olhe, só lamento a minha presença neste festival e garanto-lhe que nunca mais acontecerá isso! Eu representava a minha marca, fui por causa disso. A orquestra tinha de ser mais completa, com violinos, etc. O maestro considerou-se ofendido, é pessoa que se irrita com facilidade. Olhe, o Paulo de Carvalho, o Gabriel Cardoso e o Vitório Santos prescindiram de acompanhamento, preferiram o «play-back». Quando as coisas não correm como o maestro Vítor Bonjour quer, nega-se a acompanhar o artista... Quem me defendeu, aquando da agressão foi o Paco Bandeira o empresário Arlindo Conde.

Podemos acrescentar que, depois da cena dos bastidores, o maestro voltou ao palco, para reger o resto do espectáculo...

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

CONTINUOU O DEBATE SOBRE A REVISÃO CONSTITUCIONAL

Setenta deputados responderam esta manhã á chamada na Assembleia Nacional. Durante a leitura do expediente foi assinalada a recepção de um telegrama de familiares de presos políticos sobre o problema das medidas de segurança.

Depois prosseguiu o debate na generalidade da proposta e dos projectos de lei sobre as alterações á Constituição Política, tendo o deputado Martins da Cruz aprovado na generalidade os três diplomas em discussão. Referindo-se especialmente ás modificações propostas pelo Governo para o Ultramar o deputado considerou:

— *Apesar dos livros e livrinhos, dos papéis e papelinhos, que inundaram nos ultimos tempos a correspondência dos deputados, visando estabelecer a confusão nos espiritos, estou de acordo com a maioria das vozes que aqui se ouviram a favor das alterações que foram propostas.*

Safanões eleitorais

Foi o deputado Júlio Evangelista quem interveio de seguida para aprovar na generalidade a proposta do Governo que, conforme declarou, *«está mais de acordo com a concepção corporativa do Estado e tem a vantagem de furtar o País aos periódicos safanões eleitorais, bem pouco edificantes, entre nós, como recentemente se viu»*, e defender a inclusão do nome de Deus na Constituição.

O deputado Santos e Castro foi o terceiro orador da manhã para manifestar a opinião de que votará *«segundo a linha da proposta do Governo, ponderando as doutas sugestões da comissão eventual da Assembleia»*.

O deputado Camilo de Mendonça foi o penúltimo orador desta manhã dando, também, a sua aprovação na generalidade à proposta e aos projectos de revisão constitucional, para por fim, usar da palavra o deputado Cotta Dias que aprovou inequívocamente a proposta governamental.

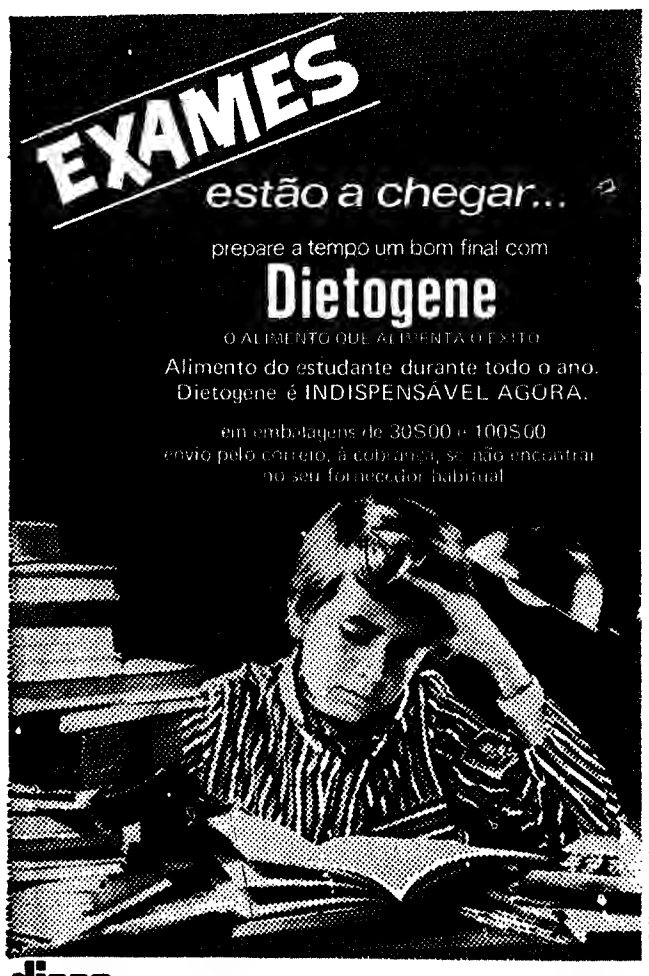
ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Wagtmans 1.º em Nancy

NANCY, 29 — (F. P. e R.) — O holandês Rini Wagtmans ganhou hoje a terceira etapa da Volta à França em Bicicleta, disputada na distância de 165,5 quilómetros, entre Estrasburgo e Nancy. O belga Eddy Merckx conserva a camisola amarela.

Foi a seguinte a classificação dos dez primeiros:

1.º, Wagtmans (Holanda); 2.º, Hoban (Grã-Bretanha); 3.º, Jiménez (Espanha); 4.º, Genêt (França); 5.º, Van Neste (Bélgica); 6.º, Guerra (Itália); 7.º, Van Schil (Bélgica); 8.º, David (Bélgica); 9.º, Simonetti (Itália); 10.º, Genty (França), todos com o mesmo tempo: 4 h. 14 m. 21 s.

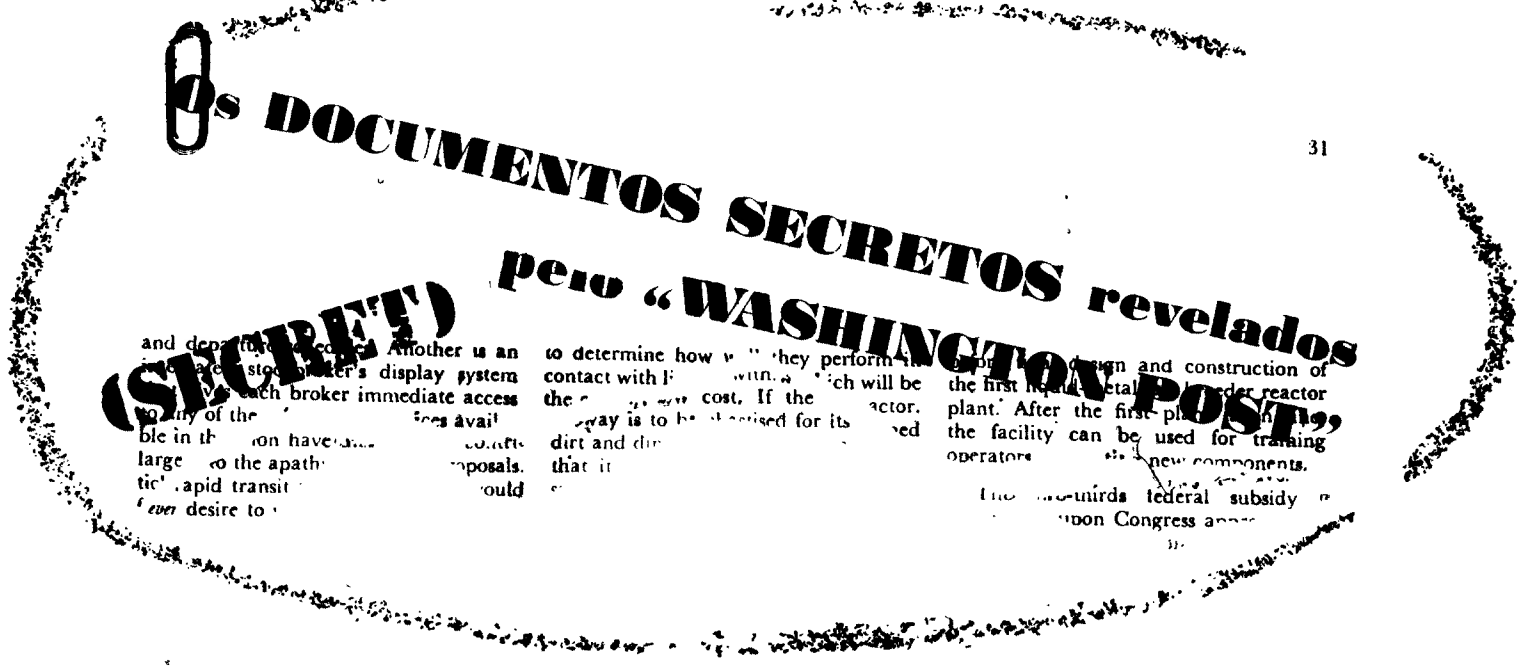


Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Quero conhecê-lo. Estou à sua espera em **PESTANA & BRITO**, de 28 de Junho a 3 de Julho.
Tenho para lhe oferecer **uma fabulosa viagem a LONDRES ou TORREMOLINOS** para duas pessoas.
Se não puder vir ao encontro, diga-lhe... a ela que venha por si.

Miss English Leather

Exclusivo



A INTERVENÇÃO AMERICANA NO VIETNAM

Por CHALMERS M. ROBERTS

A administração Eisenhower, rececsa de que as eleições em todo o Vietnam — do Norte e do Sul — pudessem constituir uma vitória para Ho Chi Minh, bateram-se, àrduamente, mas em vão, durante a conferência de Genebra, de 1954, por reduzir a possibilidade de aquela conferência poder impor a realização de tais eleições.

Mas, no ano seguinte, já foi o presidente do Vietnam do Sul, Ngo Dinh Diem — muito mois do que o Governo americano— o responsável por que as eleições não tivessem tido lugar. Diem recusou-se, redondamente, a discutir as eleições com o regime comunista de Hanói.

Estes são alguns dos factos que emergem do estudo do Pentágono sobre as origens da guerra do Vietnam, de que o «Washington Post» pôde dispor.

O principal responsável pela política americana de oposição às eleições foi, como muito bem se sabia na altura, John Foster Dulles, secretário de Estado do presidente Eisenhower. Mas foi este quem insistiu no apoio dos aliados no caso de pedir ao Congresso autorização para utilizar a força militar americana a fim de ir em socorro do Exército francês, em princípios de 1954. Os Estados Unidos não conseguiram esse apoio dos aliados.

Continua a desconhecer-se a origem da ideia de realizar eleições no Vietnam dividido, eleições essas pedidas nos acordos de Genebra, de 1954. Mas nada há de obscuro na atitude de Foster Dulles.

Em Julho de 1954, aquele mandou um telegrama a diversos diplomatas americanos que, na altura, enfrentavam a questão. Nele se pode ler: «...Sendo indubitável que as eleições podem, eventualmente, significar a unificação do Vietnam sob o Governo de Ho Chi Minh torna-se assim importante que as mesmas só se realizem depois do acordo de cessar-fogo, se possível, e sem intimidações de modo a darem-se mais possibilidades aos elementos democráticos. Consideramos importante que ainda se não fixe uma data e especialmente que não sejam aceites condições pelos franceses o que poderia ter o directo ou indirecto efeito de impedir uma efectiva fiscalização internacional de um acordo que assegure garantias tanto políticas como militares».

Dulles prosseguia chamando a atenção para uma declaração formulada, em Junho, pelo presidente Eisenhower e o primerio-ministro britânico, Wiston Churchill, especialmente para a parte em que se fala em alcançar a «unidade através de eleições livres fiscalizadas pelas Nações Unidas».

Alguns dias depois do «New York Times», também o «Washington Post», de que temos o exclusivo para Portugal, começou a publicar artigos com base no «Relatório McNamara», os já célebres «Documentos Secretos» do Pentágono acerca da intervenção norte-americana no Vietnam.

A Administração Nixon apelou para o Poder Judicial a fim de evitar a continuação da publicação de informações constantes o aludido Relatório. Dada a decisão do Juiz Murray Gurfein favorável ao prosseguimento dos artigos, o Governo recorreu para a instância superior, o que prolongou a suspensão dos textos que os jornais se propunham levar ao conhecimento do público.

Embora não haja revelações sensacionais nos artigos publicados pelo «Washington Post», aqui os trazemos ao conhecimento do público português (pags. 1, 2 e 3).

Pediram-se, por fim, as eleições, após grandes debates em Genebra, onde os Estados Unidos actuaram através dos franceses, mas couberam a outros as afirmações mais importantes

Entre estes, contava-se Chu En-Lai, que era então, tal como agora, o primeiro-ministro chinês, e V. M. Molotov, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros.

A POSIÇÃO CHINESA NADA TINHA DE DESARRAZOADO

Em Junho de 1954, o embaixador americano em França, Douglas Dillon, telegrafou a Dulles para lhe transmitir as conversações que tinha tido com Jean Chauvel, figura-chave da representação francesa à Conferência. Chauvel informava que Chu En-Lai tinha «dito que reconhecia haver agora dois governos no território do Vietnam, o Governo vietminh e o Governo vietnamita. Segundo Chauvel, era a primeira vez que Chu reconhecia a existência, válida, do Governo vietnamita».

Quanto às eleições, Dillon informou: «No que respeita à declaração política final, Chu disse que deve ser atingida por meio de negociações directas entre os dois Governos no Vietnam... O primeiro-ministro francês Pierre Mendes-France disse, neste ponto, que dado que a guerra tinha durado oito anos e as paixões ainda subsistiam seria preciso deixar passar muito tempo até que as eleições pudessem ter lugar, isto depois de se ter dado ao povo a possibilidade de serenar. Chu nenhuma objecção fez a tal declaração de Mendes-France e não insistiu por eleições imediatas».

Em fins de Junho, Smith visitou Molotov na sua «vila» de Genebra, redigindo um longo relatório, com os seus comentários, que incluem este: «Em conversação particular com o secretário britânico dos Estrangeiros, «Sir» Anthony Eden e outros, os delegados comunistas, em especial Chu

▶

A INTERVENÇÃO AMERICANA NO VIETNAM

En-Lai, expuseram um aparentemente razoável ponto de vista sobre o Laos e o Camboja, mas agora que chegamos a altura de tentar obter um acordo sobre pontos específicos mostramo-nos incapazes de o fazer...

«Chu En-Lai devia estar preocupado com a possibilidade de bases americanas no Laos e no Camboja. Nós, por nosso lado, queríamos estar seguros de aqueles países se não voltarem para a China. Molotov disse-me que embora nada soubesse sobre a atitude que a China poderia ter, no futuro, quanto a outras questões, podia garantir-me que a posição chinesa neste caso particular nada tinha de desarrazoado, nada havendo nela que pudesse dar lugar a conflitos. Acrescentou...»

Smith afirmou a Molotov que esta «aparência de divisão» era desagradável aos Estados Unidos e informou que «quanto à repugnância dos Estados Unidos pela divisão, ele (Molotov) respondeu que o problema podia ser fàcilmente resolvido por meio de eleições imediatas, o que decidiria de uma maneira ou de outra»

DULLES CONTRA A PARTILHA

Quando Molotov afirmou ao seu interlocutor que este devia encorajar os franceses a concordarem, «respondi», relata Smith, «que os Estados Unidos não eram dos principais intervenientes nos debates sobre a Indochina, e que os Estados Unidos não dispunham de voto decisivo, ao que Molotov replicou «talvez assim seja, mas os senhores têm o «veto», palavra que, tenho ouvido dizer, utilizam muitas vezes».

Dulles tinha combatido toda e qualquer partilha do Vietnam, mas, em Junho, na cidade de Genebra, Chauvel informou Alexis Johnson, da delegação americana, que «tinha havido conversações entre os vietnamianos e os vietnamines em que estes tinham tornado claro que só existiam duas alternativas, um Governo de coligação ou a partilha».

Dulles telegrafou, no mesmo dia, referindo-se à sugestão que, na altura, surgira de se estabelecer uma linha a dividir o Vietnam, «a linha Thakhek-Donghosi, aliada à rápida deterioração verificada no Delta, leva-nos a reexaminar a possível partilha «de facto» do Vietnam».

Tanto Dulles como os principais membros da sua equipa sempre se tinham oposto à partilha e ou às eleições. Em Abril de 1954, Dulles telegrafou a Dillon, em Paris, e ao embaixador americano Winthrop Aldrich, em Londres, a transmitir-lhes um resumo do que tinha dito ao embaixador francês, Henri Bonnet, na véspera da conferência de Genebra.

Afirmava aí que a «partilha da Indochina é impraticável. Poderá ser o princípio do desastre». Mas acrescentava que podia conduzir a uma «fórmula de salvar a face, encobrindo a rendição das forças francesas».

Quando a conferência de Genebra começou, já os Estados Unidos tinham considerado a possibilidade de uma sua intervenção militar.

Por exemplo, em Janeiro de 1954, numa reunião da comissão presidencial sobre a Indochina, discutiu-se a possibilidade de mandar aviões aos franceses assim como 200 mecânicos militares.

REFRIGERAÇÃO ELECTRO - AUTOMÁTICA
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SECÇÕES DE ACESSÓRIOS

LUSOFRIO, LDA.

AV. SACADURA CABRAL, 19-A
Tels.: 77 62 87 Stand — 77 46 56 Escrit
LISBOA 1

O adjunto do secretário da Defesa, Roger Keys, «perguntou se ao enviar aqueles homens os Estados Unidos não se comprometeriam a apoiar os franceses de tal modo que devemos estar eventualmente preparados para uma completa intervenção, incluindo a utilização de forças americanas de combate». O subsecretário de Estado, Smith, discordou, afirmando que «estaríamos a enviar forças de manutenção e não forças de terra». Pensava, no entanto, que era de tal importância vencer na Indochina que, mal por mal, ele, pessoalmente, era a favor de uma intervenção dos Estados Unidos com forças aéreas e navais.

Nos princípios de Janeiro, o presidente Eisenhower aprovou o relatório presente ao Conselho Nacional de Segurança, dois dias antes, sobre os «objectivos dos Estados Unidos e as acções a empreender quanto ao Sueste Asiático».

DESAGRADO DE EISENHOWER

O fim imediato era ajudar os franceses, enviando-lhes, «se fosse necessário», mais cuxílio, para lhes assistir em:

A — Um agressivo programa militar, político e psicológico, incluindo operações dissimuladas, para eliminar as forças organizadas do Vietmin, em meados de 1955.

B. — Desenvolver as forças armadas locais, incluindo os serviços logísticos e administrativos, que seriam, eventualmente, capazes de manter a segurança interna, sem a assistência das unidades francesas».

O documento do Conselho Nacional de Segurança faz notar que se as actividades acima esboçadas fossem concretizadas, «os Estados Unidos teriam de reconhecer que corriam o risco de se envolverem num conflito com a China e, possìvelmente, com a União Soviética, pelo que teriam de tomar medidas para proceder a uma mobilização em larga escala».

Mas o presidente Eisenhower, embora tivesse aprovado o plano, quis que o Congresso também lhe desse o seu acordo, assim como pretendeu a participação aliada em quaisquer intervenções americanas.

Dulles, no entanto, teve dificuldades com os aliados, especialmente os ingleses. Dulles deu notícia a Smith de uma conversa que tivera, em Londres, no mês de Abril, com Anthony Eden, a quem achou receoso de que uma intervenção militar seria «um caso mais sério do que o da Coreia», onde as hostilidades tinham terminado há menos de um ano.

Uns dias depois, Dulles resumia, em parte, as suas decisões, desta maneira: «A atitude do Reino Unido é de cada vez maior fraqueza. A Grã-Bretanha parece sentir que estamos dispostos a aceitar os actuais riscos de uma guerra com a China, o que unido ao seu receio de que poderíamos começar a utilizar armas atómicas muito contribuiu para o assustar».

As declarações sumárias constantes dos documentos de que o «Washington Post» dispõe não incluem nenhuma decisão de Eisenhower no sentido de intervir em qualquer dos diversos pontos que, durante o ano de 1954, estavam a ser estudados. O elemento que melhor pode servir para definir o pensamento do Chefe do Executivo é um memorandum, do mês de Maio, enviado ao secretário da Defesa, por Robert Cutler, conselheiro especial do presidente, e a quem competiam os assuntos do Conselho de Segurança

Cutler dá notícia de uma reunião no gabinete do Presidente, a que apenas assistiram Eisenhower, Dulles e ele próprio. Eisenhower exprimiu o seu desagrado pelas propostas de Eden, que lançaram por terra qualquer intervenção.

O «Ponto 3», no entanto, exprime bem o modo de ver do presidente. Nele se afirma: «Os Estados Unidos não concordarão com um «Partido dos homens brancos» para resolver os problemas das nações do Sueste Asiático».

RECUSA DE DIEM

Nos documentos de que dispomos não há sinal de esforços americanos, posteriores à conferência de Genebra, no sentido de evitar que se realizassem eleições em todo o território do Vietnam

Segundo um relatório de Genebra, os soviéticos tinham «proposto Junho de 1955», mas tanto eles como os chineses e os norte-vietnamitas tinham aceitado, por fim, o mês de Julho de 1956. O Vietnam do Sul, a quem, conforme se pode ver pelos telegramas, quase nada se disse sobre as conversações secretas de Genebra, embora ali estivesse presente uma delegação saigonesa, nunca aceitaram os acordos de Genebra, tanto nessa altura como agora.

Um documento sumário, dado como pertencente ao Pentágono por um perito não identificado, formula os resultados nestes termos:

«Conforme se aproximava o termo fixado para as consultas (Julho de 1955) Diem foi tornando cada vez mais explícito que não considerava possíveis eleições livres no Vietnam do Sul e não tinha a intenção de ter consultas com o Vietnam do Norte sobre as mesmas».

Os Estados Unidos — contra o que tantas vezes se alega — não foram coniventes com Diem no sentido de se ignorarem as eleições. Os documentos do Departamento de Estado indicam que a recusa de Diem em aceitar os acordos de Genebra e a sua oposição a consultas pré-eleitorais são de sua única iniciativa.

«No entanto, os Estados Unidos, que esperavam que as eleições pudessem ter lugar em Maio de 1955, deram-lhe o seu completo apoio, mudando a sua posição em face dos opositores de Diem e da evidente natureza agressora do regime norte-vietnamiano», estabelecendo-se no histórico estudo elaborado pelo Departamento de Estado que «a nossa posição seria a de que tudo quanto respeitasse às consultas e eleições no Vietnam deveria ser entregue aos próprios vietnamianos e não determinado por acordos externos, que uma das partes nunca aceitou e continua a rejeitar».

OS BOMBARDEAMENTOS AO VIETNAM DO NORTE NA ENGRENAGEM DA GUERRA

WASHINGTON

Por MURRY MARDER

Os estrategos da Administração Johnson tinham poucas esperanças de que ta da hélice», a fim de ficadas, entre 1965 e 1968, dos bombardeamentos do Vietnam do Norte pudessem levar a conversações de paz. E havia muitos dos seus conselheiros que pensavam que aquelas improdutivas pausas poderiam constituir uma conveniente justificação para intensificar o conflito — isto segundo o estudo do Departamento da Defesa sobre aqueles anos de guerra.

Os autores daquele plano consideravam as interrupções dos bombardeamentos como «uma espécie de dente de uma engrenagem destinada a reduzir a tensão para depois a intensificar, provocando «mais uma volta do hélice», a fim de «quebrar a resistência do inimigo a entrar em negociações» — afirma-se naquele estudo.

No decurso daqueles anos todos, os responsáveis americanos sempre consideraram as suas condições para o estabelecimento da paz como virtualmente irreconciliáveis com as oferecidas pelo Vietnam do Norte e o Vietcong, reconhecendo-se, porém, que as condições de paz poderiam ser facilitadas antes mesmo de se terem entabulado negociações.

Os Estados Unidos moderaram as suas condições em 31 de Março de 1968, aquando do dramático anúncio feito pelo presidente Johnson, através da televisão, de que não se candidataria a uma reeleição, acrescentando, na mesma altura, que iria interromper por tempo indefinido, alguns dos bombardeamentos. Hanói, para grande surpresa da maior parte dos especialistas americanos, aceitou encetar conversações preliminares.

O estudo do Pentágono também lança uma nova e significativa luz sobre a controvérsia travada nos últimos anos acerca de quem foi o primeiro responsável em incitar o presidente a pôr termo à escalada e a encetar negociações.

A especulação centrava-se nos antigos secretário da Defesa Clark Clifford e secretário de Estado Dean Rusk, como sendo dois antagonistas naquilo que veio a ser chamado «a luta para influenciar o espírito do presidente», embora Johnson, negando que tal luta alguma vez tivesse tido lugar, dissesse que Rusk — e não Clifford — tinha sido o primeiro a sugerir a suspensão parcial dos bombardeamentos, em 5 ou 6 de Março de 1968.

OBJECTIVOS DIFERENTES DE RUSK E CLIFFORD

O estudo do Pentágono, recentemente revelado — que se admite ser incompleto, em especial no que respeita à actividade da Casa Branca e do Departamento de Estado — apresenta informações que demonstram terem sido muito mais complexos os meandros que levaram à tão controversa decisão de 31 de Março.

A nova documentação afirma, em parte, que a ideia da limitação dos bombardeamentos foi, pelo menos, ventilada no seio da Administração Johnson, já em 1966, pelo secretário da Defesa, Robert McNamara, e foi Nicholas Katzenbach, então subsecretário de Estado, quem , em Maio de 1967, propôs, pela primeira vez, especificamente, «Uma suspensão, territorialmente limitada, dos bombardeamentos», suspensão essa que, por fim, se concretizou ser até ao paralelo 20 do Vietnam do Norte.

O estudo confirma, também, que, em princípios de Março de 1968, foi Dean Rusk, mais do que Clifford, quem propôs ao presidente a suspensão parcial dos bombardeamentos.

A nova documentação também indica que os objectivos de Rusk diferiam dos de Clifford. A intenção deste era mudar o curso do conflito. Com a sugestão de Rusk, porém, não se pretendia modificar os objectivos iniciais da América ao participar na luta.

Os serviços americanos de informação tinham feito notar que o tempo para bombardear o Vietnam do Norte se estava a pôr mau e «até Maio não haveria, por mês, mais do que uns quatro dias bons para se empreenderem bombardeamentos».

Por conseguinte, o ponto de vista que prevaleceu foi o de que os Estados Unidos apenas se arriscavam a mais outra «pausa» nos bombardeamentos.

Um telegrama enviado em Março a todas as embaixadas no estrangeiro, e citado no estudo do Pentágono, dizia, em parte, o seguinte: «É mais do que provável que Hanói vai denunciar o projecto o que nos deixará as mãos livres (para os bombardeamentos limitados), depois de um certo período».

Entre 1965 e 1968, como falharam, repetidamente, as previsões optimistas acerca da guerra, os estragos dos Estados Unidos tentaram todas as formas de pressão militar que eram capazes de imaginar, para destruir a deliberação comunista de prosseguir com a guerra no Vietnam do Sul — dentro dos limites estabelecidos pelo presidente Johnson para se evitar uma guerra aberta, com poderosos meios militares.

Segundo os documentos do Pentágono, num «memorandum» por ele escrito em Julho de 1965, «Rusk declara, sem rodeios», o seguinte:

«O objectivo central dos Estados Unidos no Vietnam do Sul deve ser assegurar-se de que o Vietnam do Norte não consiga fomar conta ou determinar o futuro do Vietnam do Sul, pela força. Temos de levar a cabo este objectivo, sem, se possível, provocar uma guerra generalizada».

O documento cita, então, aquilo que tanto ele como o presidente Johnson e outros responsáveis muitas vezes afirmaram em público ou particularmente:

«A integridade do compromisso dos Estados Unidos é o principal pilar da paz no Mundo. Se esse compromisso se mostrar inseguro, o mundo comunista poderá, com certeza, tirar conclusões que podem levar à nossa ruína e quase com toda a certeza a uma guerra catastrófica...»

BALL, A ÚNICA «POMBA»

O estudo do Pentágono mostra que, a partir do incidente no Golfo de Tonquim, em Agosto de 1964, as personalidades mais altamente colocadas dentro do Governo começaram, particularmente, a mostrar reservas contra toda e qualquer «corrida à mesa das conferências». Em 1964, e mais ainda em 1965, as tropas do Vietnam do Sul encontravam-se perante o risco de sofrerem uma completa derrota diante dos comunistas, o que as entidades oficiais americanas só admitiram muito mais tarde, quando a participação de grandes forças dos Estados Unidos afastou o perigo.

Aquela advertência contra os riscos de conversações de paz quando os comunistas procuravam controlar Saigão foi também compartilhada pelo secretário da Defesa, McNamara e pela sua equipa, assim como por muitas outras individualidades ligadas ao Governo, gente que, mais tarde, se mostrou desanimada com o curso levado pela política dos Estados Unidos.

Em Julho de 1965 o «memorandum» citado no documento do Pentágono defende uma harmonização das iniciativas políticas e militares, mas com prioridade para estas últimas.

«Ao mesmo tempo que damos passos no sentido de mudar o curso das coisas no Vietnam do Sul» — afirma McNamara — «os Estados Unidos devem encetar o «diálogo» com a União Soviética e o Vietnam do Norte e talvez mesmo com o Vietcong, de modo a estabelecer aberturas diplomáticas para se prepararem as bases de um acordo em tempo oportuno...»

Embora McNamara tivesse autorizado este estudo do Pentágono, os cáusticos comentários do autor da análise acerca desta e de outras iniciativas sugeridas por aquele secretário da Defesa, são do teor seguin-

►

OS BOMBARDEAMENTOS AO VIETNAM DO NORTE

te: «As recomendações de McNamara pouco mais significam do que dizer, que os Estados Unidos devem estabelecer canais para uma discreta rendição do inimigo, com um relativo salvar de face, quando aquele decidir que o jogo se lhe está a tornar demasiado caro».

O comentador acrescenta: «Era isto, de facto, o que Washington (uma vez mais com excepção de Ball) queria dizer em meados de 1965, ao falar de um acordo político. «Ball é o subsecretário de Estado George Ball, que era, na altura, a única «pomba» a alto nível administrativo.

O estudo do Pentágono credita a McNamara e ao falecido secretário adjunto da Segurança Interna, John McNaughton, o terem, em Julho de 1965, proposto, para o fim do ano, uma suspensão dos bombardeamentos, com a duração de 37 dias.

Ao delinear as suas ideias sobre o que seria a tal suspensão de 37 dias, estabelece-se o seguinte no memorandum enviado por Mc Namara ao presidente, em 30 de Novembro de 1965: «Sou de opinião que deve haver uma pausa de três ou quatro semanas no programa de bombardeamentos do Norte antes de termos aumentado o envio de tropas para o Vietnam ou intensificado os nossos ataques ao Norte. A minha opinião assenta em que, primeiro, devemos criar no espírito do público americano e na opinião mundial as bases justificativas de uma fase de alargamento da guerra, e, segundo, dar ao Vietnam do Norte a oportunindade de, sem perder a face, parar com a agressão»

Mas os chefes militares — prossegue o estudo — «profissionalmente desconfiados da arte diplomática e da habilidade de quantos, em Washington, tomam as decisões políticas, em resistir à pressão, nos Estados Unidos, do «Movimento para a Paz», não se mostraram tão seguros.

«Aqueles (fazendo-se eco do general Westmoreland e do almirante Sharp) opuseram-se, também, a qualquer medida que pudesse, ainda que momentaneamente, reduzir a pressão sobre o Vietnam do Norte». O general William Westmoreland era, então, o comandante militar americano no Vietnam do Sul, enquanto o almirante G. Sharp era o comandante-chefe no Pacífico.

PAUSA MAIS «PRODUTIVA»

Nesta altura, segundo o estudo do Pentágono, apareceu «um documento do Departamento de Estado falando em nome de Dean Rusk, a pronunciar-se contra a suspensão dos bombardeamentos».

O estudo do Pentágono conta que, depois de ter encarado os argumentos pró e contra, o «memorandum» do Departamento de Estado, afirmava: «Os argumentos que se opõem à suspensão dos bombardeamentos são convincentes para o Secretário de Estado que recomenda que se não tome, por agora, tal decisão.»

O estudo do Pentágono relata, ainda que, no mesmo dia em que se recebeu o ponto de vista de Dean Rusk, McNaughton informou McNamara, num «memorandum», que o argumento básico do secretário de Estado era que «a suspensão dos bombardeamentos era uma «carta» que só se poderia jogar uma vez».

O presidente Diem do Vietnam do Sul

«De facto», escreve Mc Naughton, «é mais razoável pensar que se pode jogar, qualquer número de vezes, com os argumentos contra ela, mas não com os que são a seu favor, pois se tornam cada vez menos válidos». O comentador afirma que uma das «principais razões por que o Departamento de Estado pretendia tal «suspensão» era «que mesmo que se não provocasse uma resposta de Hanói, poderiam criar-se condições para outra suspensão, talvez para fins de 1966, pausa essa que poderia ser mais «produtiva».

Segundo a análise do Pentágono, o presidente Johnson, por razões não reveladas, «atrasou, deliberadamente, comprometer-se a favor ou contra a suspensão, até muito pouco tempo antes da actual suspensão ter começado».

Segundo os comentários, o interesse dos militares transcendia os argumentos sobre a suspensão dos bombardeamentos, a que, consistentemente resistiram. Os militares — revela-se no documento — «tinham, durante o Outono e Inverno de 1965-66, feito pressão no sentido de se estenderem os bombardeamentos, num programa de bombardeamentos estratégicos dirigidos não só a objectivos industriais e económicos mas também a todos os alvos interditos.»

A análise prossegue dizendo que «os chefes fizeram isso, deve acrescentar-se, apesar da constante chuva de memorandos dos serviços de informação a duvidar da utilidade «dos bombardeamentos de qualquer espécie».

Era então este o tom dos debates, para lá dos bastidores, enquanto o embaixador americano Averell Harriman e outros enviados davam a volta ao mundo em 37 dias, numa espectacular busca de negociações.

Os documentos mostram que no fim do período de suspensão, com os militares a fazerem pressão por mais bombardeamentos, McNaughton, no Pentágono, examinava a situação e sugeria maiores modificações na política dos Estados Unidos.

McNaughton afirmou, em princípios de 1966, que as tropas do Vietnam do Sul se «mostravam cansadas, passivas e propensas a acomodação», enquanto o Vietnam do Norte e o Vietcong «não mostravam nenhuma quebra». O efeito dos bombardeamentos sobre o reforço das infiltrações era muito incerto. Além disso, afirma Mc Naughton, «a pacificação atolou-se, apesar dos esforços e das esperanças, a infra-estrutura política de Saigão está moribunda e é cada vez mais força, nas áreas rurais, do que a dos vietcongues, e o Vietnam do Sul está muito perto de uma grave inflação e do caos económico».

«O actual objectivo dos Estados Unidos no Vietnam» — afirma McNaughton — «é evitar a humilhação».

MUDANÇA NO GOVERNO

Embora defenda um ponto de vista que desce da vitória ao compromisso, Mc Naughton reconhece que isso poderá «criar sérios embaraços ao regime de Saigão» e dar ao Vietnam do Norte «o cheiro a sangue». Por conseguinte, afirma McNaughton, «torna-se necessário intensificar a guerra caso o inimigo interprete mal a nossa vontade de estabelecer um compromisso».

Entretanto, McNamara começava a sentir-se desanimado com a inutilidade dos bombardeamentos. Desiludido com a incapacidade destes em alterarem a feição que a guerra tinha tomado, McNamara — relata-se no documento — pensou em estender uma «barreira» ou «vedação» ao longo da fronteira norte do Vietnam do Sul, numa tentativa para impedir infiltrações.

A ideia, segundo o «dossier», «foi, primeiro, proposta em Janeiro de 1966, por Roger Fisher, da Faculdade de Direito de Harvard num dos seus periódicos memorandos dirigidos a McNaughton».

Os militares protestaram dizendo que para se montar tal barreira seriam necessários sete ou oito divisões, grandes recursos aéreos e uns três e meio a quatro anos para se completar o trabalho.

O presidente Johnson aprovou a ideia da vedação. Mas o documento relata que a batalha sobre a estratégia prosseguiu durante o ano de 1967.

O estudo do Pentágono conta que, durante o ano de 1967, as coisas começaram a mudar dentro do Governo. Os civis começaram a opor-se, «no todo ou em parte», aos pedidos dos militares no sentido de se intensificar a guerra.

Mas os militares voltaram-se para um poderoso aliado, o senador John Stenmis. A subcomissão senatorial por este dirigida concordou com a reclamação dos militares de que se tinham restringido, sem justificação, os bombardeamentos ao Vietnam do Norte.

Era grande a pressão exercida sobre o presidente, tanto mais que as suspensões dos bombardeamentos, verificadas em 1967, «não criaram melhores condições para estabelecer a paz» — afirma-se na análise.

Sobreveio, então, a maciça ofensiva comunista do «Tet», iniciada em 31 de Janeiro de 1968, sobre as cidades sul-vietnamianas, o que veio destruir o optimismo criado nos Estados Unidos sobre a marcha do conflito.

Aumentaram as pressões no sentido de se pôr termo á participação americana na guerra. Foi o que pretendeu fazer o presidente Johnson, depositando todas as suas esperanças em conversações de paz.

chegaram os incomparáveis!

VENHA ESCOLHÊ-LOS NA SIDIAL!

Eies aqui estão! O novo Sunbeam Avenger 1250. E o novo Sunbeam Avenger 1500 Super. Venha vê-los à SIDIAL. Admire a elegância e a raça destes novos carros: 4 portas, segurança, economia e um toque nervoso incomparável. Venha escolher o seu Sunbeam Avenger.

Ou, se preferir, decida-se pela linha Simca: Simca 1000 GL e S, 1100 GL e S, 1301 S e 1501 S. Damos-lhe um novo modo de assistência. Entrega imediata do automóvel e facilidades de pagamento... incomparáveis! Não demore. Venha!

SIDIAL — Avenida de Roma - 15 B - Lisboa — Tel. 76 70 41

CONCESSIONÁRIO CHRYSLER DE PORTUGAL

FALTA DE MÃO-DE-OBRA —DILEMA ISRAELITA

Por TOM LAMBERT

JERUSALÉM — A economia de Israel, pouco segura da sua expansão, apresenta aos seus dirigentes uma série de perturbantes dilemas no campo ideológico, económico e da segurança. A questão está em saber como conseguir mais trabalhadores.

Em suma, existem, em Israel, mais trabalhos de certo género do que israelitas para os executarem.

Como há aqui escassez de trabalhadores e os imigrantes não se sentem atraídos por certo género de tarefas — especialmente a construção civil e de estradas — os territórios árabes ocupados podem ser encarados como fontes de mão-de-obra.

Mas reside aqui o dilema: poderão os dirigentes israelitas admitir mais trabalhadores árabes dos territórios ocupados, criando, assim, o perigo do estabelecimento de um «proletariado» árabe, o que contraria o conceito israelita de que devem ser eles próprios a executar as suas tarefas, não vivendo do trabalho alheio?

Se se admitir mais árabes, provenientes da margem ocidental do Jordão, não se irá comprometer o modesto surto económico que se está a verificar naquela zona? Se se admitirem mais árabes da faixa de Gaza não se irá acirrar as hostilidades entre os habitantes anti-israelitas e os que se mostram dispostos a «colaborar», criando mais problemas de segurança?

RISCO DE AFROUXAMENTO

Espera-se que o Governo israelita acabe por tomar, dentro em breve, uma decisão, e tudo parece indicar que optará por admitir mais trabalhadores árabes.

GOLDA MEIR: — O Governo decidir-se-á pela admissão de mais trabalhadores árabes

Já trabalham em Israel cerca de 30 mil árabes provenientes da margem ocidental e da faixa de Gaza, mas existe uma determinação governamental no sentido de esse número não ser ultrapassado.

No entanto, os economistas do Ministério do Trabalho informaram, recentemente, o detentor da pasta, Joseph Almoggi, de que a expansão económica do país corre o risco de afrouxamento se se não permitir aos árabes, radicados na zona ocidental e em Gaza, que venham trabalhar para Israel.

Os economistas afirmavam, de facto, que é escasso o número de 30 000 trabalhadores, estabelecido pelo Governo, e que se torna necessário o dobro.

Sugeriram, também, que se aumente o número de centros de preparação profissional, existentes na margem ocidental e na faixa de Gaza, de modo a que haja mais árabes especializados na construção civil, em mecânica e noutros ofícios.

«COLABORACIONISMO»

É quase certo que o Governo se decidirá pela admissão de mais trabalhadores árabes em Israel, e estes não deixarão de acorrer. E isto por várias razões:

— Um horário de trabalho de oito horas, comparado com as 10 a 12, correntes na margem ocidental e na faixa de Gaza;

— Os árabes que trabalham em Israel ganham o dobro ou o triplo do que recebem os dos territórios ocupados;

— Os trabalhadores árabes, em Israel, recebem a mesma assistência e os mesmos benefícios sociais dos trabalhadores israelitas.

A atracção exercida pelo trabalho em Israel provocou certas modificações sociais entre os operários árabes, especialmente na faixa de Gaza. Centenas de famílias abandonaram aquela desolada região, repleta de campos de refugiados e onde a animosidade campeia, deslocando-se para Jericó e para a área de Hebron, na margem ocidental, onde o «colaboracionismo» desperta menos atenção.

ÚLTIMOS SUCESSOS MUNDIAIS DO

Castrol GTX HIGH PERFORMANCE

RALLY DA SUÉCIA

1.° Stig Blomqvist | SAAB V4

RALLY DA NORUEGA

1.° Per Ekland•Rolf Carlsson | SAAB V4

RALLY DA ÍNDIA

1.° Maharajkumar of Gondal | JAGUAR XK 150

4 HORAS DE MONZA (ITÁLIA)

2. Dieter•Quester•Alex Soler-Roigh | BMW 2002

ÁUSTRIA TROPHY RACE

1.° John Fitzpatrick•Jochen Mass | FORD ESCORT

EM TODOS OS CLIMAS, EM TODOS OS CARROS

Castrol GTX Feito para proteger mais e melhor!

Por JEAN CHARRY

AS NOVAS ENGRENAGENS DA INFLAÇÃO

Na conjuntura actual, poderíamos ser tentados a pensar que a inflação é apenas manifestação de um crescimento excessivo da massa monetária e do déficit da balança de pagamentos dos E.U-A. Ajustamentos monetários, acompanhados de uma política de austeridade financeira, além-Atlântico bastariam então para travar a raça inflacionista que grassa por todo o mundo. E, no entanto a crise de confiança no dólar não deve iludir-nos quanto á natureza e ás causas da actual inflação. Esta apresenta características específicas que não permitem que a liguemos, pura e simplesmente, aos fenómenos cíclicos ou ás desordens localizadas que anteriormente se conheceram. A inflação actual tem características específicas levanta novos problemas.

Primeiro, a originalidade desta inflação reside na sua dupla dimensão: é mundial e é persistente. Fenómeno mundial, a inflação manifestou-se primeiro nos E. U. A., em 1966. A partir dessa época, o ritmo anual de aumento dos preços americanos esteve em constante aceleramento, passando de 1,3%, entre 1960 e 1965, para 3.3%, em 1965-68 e depois para 5,4%, em 1969. Este aceleramento não se manifestou imediatamente nos outros países industrializados (Europa e Japão), os quais abriam cada vez mais largamente as suas fronteiras ás trocas com o exterior. Mas, em 1970, a alta de preços atingia na Grã-Bretanha, 7,9% (contra 3,7% nos anos de 1965-1968), na Alemanha, 4% (em vez de 2,3%), na França, 5.3% (contra 3,3%), e no Japão, 8,4% (em vez de 4,8%).

Agora, a alta de preços afecta o mundo inteiro: afecta as economias subdesenvolvidas, sobre as quais tem efeitos positivos, pois causa a subida das cotações dos produtos de base, e efeitos negativos pois provoca o encarecimento dos produtos manufacturados importados e o do dinheiro emprestado. O fenómeno parece mesmo infiltrar-se nas economias socialistas. É certo que poderíamos ser levados a pensar que se trata apenas da propagação, pelo conjunto mundial, de um desregramento conjuntural da economia americana dominante, mas a persistência do fenómeno leva-nos a rejeitar tal explicação.

CONTESTAÇÕES E PROBLEMAS NOVOS

De facto, a inflação é permanente: esta hipótese, que podemos formular, pela simples leitura das estatísticas da evolução dos preços, parece ser confirmada pela falência das medidas de correcção postas em funcionamento. A inflação persiste, mesmo quando já não há expansão: a alta dos preços americanos passou de 5,4% a 5,5%, entre 1969 e 1970, quando, nesse período, não houve crescimento da produção interna.

Fenómeno mundial e persistente, a inflação actual levanta, além disso, novos problemas. O primeiro diz respeito nos instrumentos a utilizar na luta contra a inflação. O arsenal utilizado para este efeito tem vindo a ser incessantemente aperfeiçoado, e vemos no célebre relatório da O. C. D. E., de Novembro de 1970, a panóplia completa do combatente anti-inflacionista: «contrôles» dos preços e dos rendimentos, intensificação da concorrência, supressão dos entraves ao comércio externo, melhor gestão do Estado e dos seus dinheiros, redução da massa monetária, restrição do crédito, e, em definitivo, afrouxamento marcado da actividade económica, com a manutenção de um certo desemprego. No entanto, forçoso é constatar que os meios recentemente utilizados por diferentes países têm sido pouco eficazes e chegaram, em certos casos, a resultados piores que o mal que iam debelar: á coexistência da inflação e do estagnação.

A partir desta constatação de falencia, os responsáveis pela política económica e financeira viram-se perante um segundo problema: a actual inflação será, na verdade, um mal que deve ser combatido? Na verdade, alguns desses responsáveis chegaram á conclusão de que, dada a característica internacional deste fenómeno, ele já não oferecia os inconvenientes habituais no plano do comércio externo.

É certo que a inflação era tradicionalmente condenada, por razões sociais: através da corrida preços-salários via-se surgir um lucro por desfasamento» de que os capitalistas se apropriavam em detrimento dos trabalhadores e dos consumidores. Mas o problema complicou-se: hoje já não há inteira certeza de que os preços precedam os salários na espiral inflacionista nem de que os trabalhadores sejam as principais vítimas de uma situação que óbviamente afecta alguns deles, mas que — segundo parece — atinge com muito maior gravidade aqueles geralmente designados por «postos á margem da expansão»: as pessoas da terceira idade, os pequenos agricultores, artífices e comerciantes, incapazes de fazerem face intelectual e financeiramente ás exigências da economia moderna. Além disso, atingirá provávelmente muitos países subdesenvolvidos (se exceptuarmos a reacção dos países produtores de petróleo).

Em resumo: parece inteiramente necessário proceder a uma renovação da análise da inflação e olhar com novos olhos o funcionamento da economia. A partir de um certo estádio de abundância, mesmo quando esta é desigualmente repartida, os mecanismos do mercado transformam-se: a concorrência complica-se, a procura evolui, os rendimentos formam-se: a concorrência complica-se, a procura evolui, os rendimentos formam-se de modo diferente, a moeda e o crédito criam-se, segundo novas regras, de modo que todo este conjunto estimula a alta dos preços e o avolumar da liquidez, em vez de os travar.

Os países da C. E. E. esperavam que a abertura das suas fronteiras, nos anos 60, proporcionasse uma intensificação da concorrência, a qual, por sua vez, garantiria (segundo pensavam) uma travagem duradoura dos seus preços (a exemplo do que se observara nos E. U. A.). Mas, á medida que a gestão das empresas se vai aperfeiçoando, que as técnicas de comercialização se vão afinando e que as necessidades essenciais de consumo vão sendo satisfeitas, vai-se constatando uma transformação (se não mesmo uma verdadeira «perversão») dos mecanismos da concorrência, na medida em que a estabilidade dos preços seja erigida em regra moral da vida económica e social.

Esta concorrência manifesta-se, com frequência cada vez maior não por uma baixa do próprio preço nos diversos estádios da produção, mas pela comparação falaciosa entre o preço praticado e um preço teórico apresentado como «preço normal» ou «preço de tarifa» ou «preço aconselhado para a venda ao publico». Por isso a publicidade se afere muitas vezes mais pela percentagem de desconto consentido ao comprador que pelo montante da soma a desembolsar. Ao mesmo tempo, utiliza as técnicas de compensação entre os produtos vendidos com pequena margem (porque os seus preços são notóriamente conhecidos ou porque estão sujeitos a uma áspera competição) e aqueles em cujos preços o comerciante incorpora a maior parte do seu lucro.

Verifica-se, sem dúvida, um progresso das trocas internacionais; mas estas resultam cada vez mais de uma organização internacional do trabalho e cada vez menos de uma concorrência directa entre os produtores. De um modo geral, a concentração que esta evolução subentende, encaminha as diferentes economias para estruturas oligopolíticas. Não poderemos afirmar em definitivo se estas estruturas intensificam ou atenuam globalmente a intensidade da concorrência, mas do que não restam duvidas é que vão deixando um lugar cada vez menor á concorrência directa pelos preços.

A ECONOMIA DOS SERVIÇOS

A subida dos serviços já não é apenas uma questão de libertação dos entraves da concorrência, mas sim um factor estrutural de alta dos preços. Nas prestações de serviços (que são actividades de mão-de-obra por excelência) a produtividade progride muito mais lentamente que nou-

tros sectores, por mais mensurável que essa produtividade seja. Ora o peso crescente dos serviços na produção contribui para reduzir a taxa média de melhoria da produtividade na economia moderna. Certos economistas americanos não deixaram de estabelecer uma relação directa entre o afrouxamento do ritmo da produtividade média imputável ao peso crescente dos serviços na economia e ao desenvolvimento da inflação nos E, U. A. Estas hipóteses formuladas a propósito da economia americana poderiam aplicar-se a todos os países industrializados.

A concorrência tem, aliás, o seu papel mais dificultado no sector dos serviços que nos outros, e isto por duas séries de razões. O consumidor não pode efectuar fácilmente comparações de preços entre os prestadores de serviços, porque lhe faltam critérios precisos e objectivos. Além disso, a própria natureza das actividades de serviços implica, na maioria dos casos, relações pessoais entre fornecedor e cliente, que são acompanhadas de uma apreciação subjectiva da prestação. Do lado dos prestadores, a concorrência também joga com dificuldade.

Sendo assim, não causa espanto nenhum que os serviços conheçam uma evolução de preços mais rápida que as outras actividades económicas e que o aumento do custo de vida sofra um aceleramento, em virtude de a percentagem destas prestações aumentar nos orçamentos domésticos. Observe-se, assim, que o aumento dos preços de consumo dos serviços privados foi da ordem dos 42% na Republica Federal Alemã, durante o período de 1962-1970, contra 15%, na alimentação, 17%, nos produtos manufacturados e 25%, no total do custo de vida.

A REIVINDICAÇÃO DE PARIDADE...

Sendo os preços muitas vezes considerados um «salário», por empresários individuais do sector dos serviços, estes tentam praticar aumentos inspirados pelos acordos salariais das empresas industriais.

Alinhar por aquele que obteve o maior aumento da sua remuneração: tal é o objectivo comum dos diferentes titulares de rendimentos. Os prestadores de serviços ao fazerem tal, limitam-se a aplicar uma lei fundamental da sociedade moderna. Esta é talvez a mais inflacionista manifestação da tendência geral para o alinhamento se tivermos em conta a relativa debilidade dos ganhos de produtividade realizados nesta fracção do sector terciário.

Mas, objectar-se-á, há já muito tempo que esta paridade está inscrita, se não na evolução efectiva dos rendimentos, pelo menos, nas reivindicações das diferentes categorias socio-profissionais; por conseguinte, não poderia explicar o carácter subito da inflação actual. Seria, sem duvida, necessário alargar a análise económica a considerações de carácter sociológico, referindo-se, nomeadamente aos progressos fulminantes da televisão, nos países mais desenvolvidos. De certo modo a TV fez entrar o «salão do rico» na casa do pobre e avivou, de modo imediato e intenso, a reivindicação de paridade que se invocou anteriormente para explicar o desregramento inflacionista do mecanismo de formação dos rendimentos.

... E A REFERÊNCIA AOS SALÁRIOS INDUSTRIAIS

Ora os salários constituem actualmente, nos E. U. A., como no Japão e na Europa Ocidental, com altas anuais muitas vezes superior a 10 por cento, o elemento motor da evolução dos rendimentos nominais e a reivindicação de paridade tomam como referência a remuneração dos trabalhadores da industria. Assim, é neste tipo de rendimento que deve concentrar-se a atenção, para analisar as novas molas da inflação. Notar-se-á que, no próprio interior do sector industrial, o alinhamento das evoluções é reclamado pelos assalariados entre as diferentes empresas dum mesmo ramo, entre os diferentes ramos e, finalmente, entre as diferentes categorias de pessoal. Para o futuro não está, de modo nenhum, excluído que essas reivindicações não se alimentem (isso já existe nas zonas fronteiras) dos níveis

remuneração alcançados nos países vizinhos ou nas
ústrias estrangeiras concorrentes.
Se levarmos a análise mais longe, apercebemo-nos de
a alta dos salários encontra, na maioria das vezes, a
origem, quer seja nos ramos ou nas empresas que rea-
vam os ganhos de produtividade mais elevados (a cons-
ção automóvel, por exemplo) quer naquelas, que, na
a de melhorias reais, têm a possibilidade, em conse-
ncia de uma concorrência insuficiente, de repercutir
gralmente a alta dos seus custos nos preços de factura-
(empresas de construção civil nos E. U. A.). Pode
m observar-se que a unificação progressiva do mercado
trabalho não tem, de modo nenhum, o efeito moderador
dela esperava a análise clássica.
Para além do funcionamento do mercado do trabalho,
vém que nos interroguemos sobre a actual relação de
as entre os países mais fortemente industrializados,
que os aumentos negociados ultrapassam largamente
esmo nas empresas mais modernas) os progressos pre-
os da produção
E, se procurarmos saber quais são as vítimas da infla-
, já não encontramos (como antigamente) de modo sis-
ático, os trabalhadores. Alguns deles sofrem, óbviamente
s com o aceleramento da alta dos preços do que bene-
am com a melhoria dos seus salários. Mas parece que
a inflação atinge, de modo mais grave, outras cate-
as sociais.
A atenuação da concorrência pelos preços dá, em todo
so, mais largas possibilidades de as empresas conce-
m contratualmente fortes aumentos aos seus assalaria-
sem que os seus meios sejam verdadeiramente afec-
s por isso. Alta de preços e explosão dos salários con-
m-se então para tornar indispensável a criação de no-
liquidezas.
Tem-se hoje tendência, por influência de economistas
grande mérito, para não ver na inflação mais que o ex-
ivo crescimento do poder de compra, devido ao «con-
onamento» da massa monetária. Por esta óptica, o
hor meio de lutar contra a alta dos preços e dos rendi-
tos consistiria em reduzir o volume da moeda e em
ncorajar o recurso ao crédito.
Esta política monetarista tem conhecido derrotas e limi-
no decurso dos anos recentes. A acção, que assenta
lta do empréstimo do dinheiro levou a resultados opos-
aos que se esperavam: atraiu capitais flutuantes para
es (como a Alemanha Federal) que, por sua vez, au-
tavam a massa das liquidezes e atiçavam o fogo in-
onista. No plano francês, não foi o acréscimo de massa
etária que provocou a alta dos vencimento salariais,
1968, mas pelo contrário, foi o aumento das remunera-
que levou as empresas a pedirem (e as autoridades
nceiras a concederem) créditos especiais á economia.
) exemplo francês não é isolado: as dificuldades de
firma anglo-saxónica ilustraram, nos E. U. A., a im-
ibilidade, para os poderes publicos, de estabelecerem
manterem uma política restritiva do crédito, quando
— alto dos preços e alta dos salários — concorra para
ar inelutável o acréscimo das liquidezes monetárias e
ionais.
Por isso, convém marcar os limites duma explicação (e
ma medicação) puramente monetária da inflação. Esta
iz-se, é certo, inevitávelmente pelo aumento da massa
liquidezes. Mas, pelo menos no que se refere ao pe-
o actual, o mal é mais profundo e a «inflação mone-
» que se verifica nos países desenvolvidos deve ser
iderada a manifestação exterior do desregramento
geral dos mecanismos da economia do mercado.

TOMADAS DE CONTROLE

Não poderemos, decerto, ignorar que a inflação actual
eve, em larga medida, á propagação mundial dos fe-
enos especificamente americanos, e, mais ainda, ao
cit» da balança de pagamentos dos E.U.A., e ao con-
tante desenvolvimento do mercado dos eurodólares.
olítica intervencionista dos E. U. A. não é estranha
e desregramento; mas, se nos ativermos aos aspectos
ficamente económicos e financeiros, apercebemo-nos
de que o «deficit» da balança de pagamentos ameri-
, que alimenta o mercado dos eurodólares, tem a sua
m precisamente na transformação dos mecanismos da
rrência.
realidade da inflação actual é ainda mais complexa do
ode parecer através deste esquema, pois devem fazer-
ntervir as ligações e relações de forças entre os dife-
s países. Esta análise aplica-se, em primeiro lugar, aos
A., embora a transferência operada na concorrência,
passou, como se disse, do domínio dos preços aos das
adas de contrôle» tenha alimentado, de longa data, o
cit» da balança de pagamentos americana. Aliás, ela
ntra-se simultâneamente complicada e confortada pelo
da economia americana no mercado mundial. A su-
dos cursos dos produtos de base e o desenvolvimento
meios de pagamento internacionais foram os dois ele-
s que aceleraram ou revigoraram a inflação em nu-
os países.

A UNIFICAÇÃO DA EUROPA CRIARÁ PROBLEMAS AOS E. U. A.

Por ROBERT MARJOLIN (1)

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia encontraram-se, recentemente, no Luxemburgo, com Geoffrey Rippon, ministro britânico encarregado dos Assuntos Europeus, pela primeira vez depois das conversações entre Pompidou e Heath, nos dias 20 e 21 de Maio passado. Entretanto, iniciava-se, em Paris, a décima reunião do conselho ministerial da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, presidida por William Rogers, secretário de Estado americano. Este abriria a sessão com um discurso sobre as perspectivas económicas da O.C.D.E. e sobre as questões comerciais, a debater no primeiro dia da reunião no castelo de La Muette.

— ● —

Não cometerei a imprudência de afirmar que o recente encontro entre o presidente Pompidou e o primeiro-ministro Heath assinala uma viragem na história da Europa; para exprimir tal juízo torna-se necessário esperar pelo que se segue, a regularização das questões ainda em suspenso, em Bruxelas, e pela reacção da Câmara dos Comuns ao acordo que lhe será apresentado.

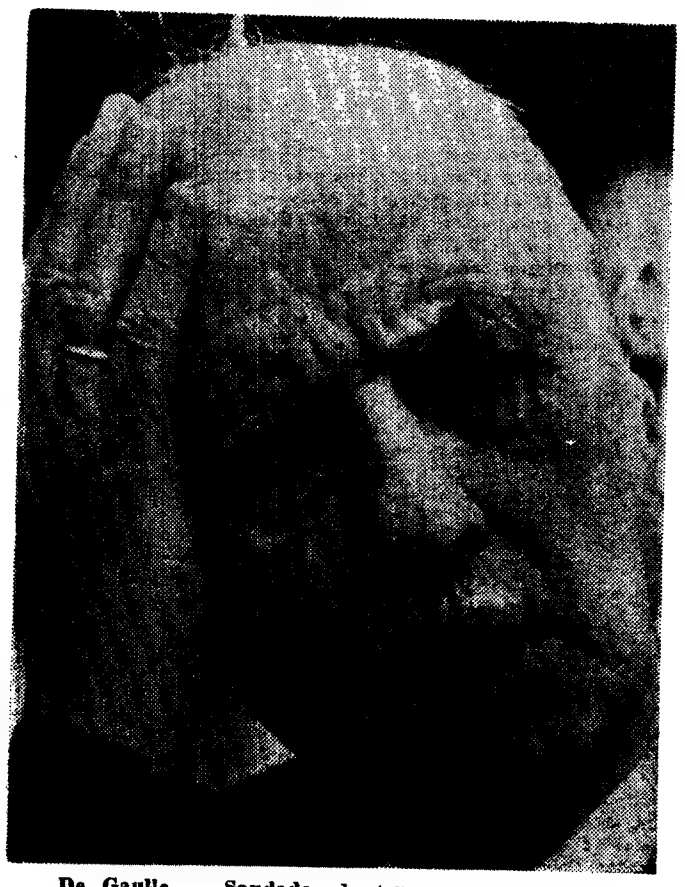
O que, para já, se pode afirmar é que, graças à coragem, à largueza de vistas e á generosidade dos dois homens de Estado parece provável conseguir-se uma saída feliz para as negociações de Bruxelas.

A minha intenção aqui é explicar porque é que os franceses, seja qual for a sua filiação política, têm boas razões para se sentirem satisfeitos com o modo como as coisas se encaminham. Sublinho que este artigo se destina a leitores franceses. Se tivesse de falar aos ingleses, teria de dizer porque é que, provàvelmente, não existe, para a Grã-Bretanha, outra solução dos seus mais importantes problemas que não seja a entrada na Comunidade Europeia.

Dirigir-me-ei, primeiro, aos que parecem ter saudades do tempo em que o general De Gaulle fechava, com estrondo, a porta da Comunidade Europeia aos britânicos. De há dez anos para cá, a situação da Europa mudou muito e profundamente.

Em 1962, a Comunidade Europeia, assim se pode dizer, ainda só gatinhava. Claro, já estavam em curso o desarmamento tarifário e a aproximação de taxas aduaneiras comuns. Mas a política agrícola comum estava ainda, na infância. Em princípios de 1962, tinham sido adoptadas algumas regulamentações de mercados; a regularização financeira, peça fundamental de todo o edifício tinha uma duração limitada, devendo expirar em 1965. Ninguém sabia se se poderia ir até ao fim da empresa, sem precedentes, que consistia em fundir, numa política europeia, seis políticas agrícolas nacionais, profundamente divergentes.

Ora, na ausência de um acordo completo e final sobre a política agrícola e o seu financiamento, era duvidoso que a união aduaneira para os produtos industriais conseguisse sobreviver. Não só para os governos do general De Gaulle como também para o de Guy Mollet, que tinha negociado e assinado o Tratado de Roma, o desenvolvimento das permutas agrícolas intracomunitárias constituía a indispensável contrapartida para a liberalização das permutas industriais.



De Gaulle — Saudades do tempo em que a porta bateu com estrondo...

EQUÍVOCO DISSIPADO

Em 1967, quando a Grã-Bretanha formulou, pela segunda vez, a sua candidatura á Comunidade Europeia, ainda não existia uma regularização financeira definitiva. Foi necessário esperar pelos fins de 1969 e princípios de 1970.

Podemos compreender os que, na altura receavam que o alargamento da Comunidade tornasse mais difícil, senão impossível, o seu acabamento, ou, pelo menos, que o curso das negociações de Bruxelas fosse desviado num sentido desfavorável aos franceses. É certo que se a Inglaterra tivesse ingressado na Comunidade em 1963 ou em 1968, algumas regularizações de mercado e, sem duvida, as normas de financiamento e de repartição dos encargos teriam sido, admitindo que se conseguia chegar a um acordo, muito diferentes das que hoje conhecemos.

Mas, em 1971, a Comunidade existe, plenamente constituída em todos os seus aspectos comerciais e financeiros; nada de importante, no que respeita á agricultura, pelo menos, está em suspenso. Desapareceu, portanto, aquilo que poderia ser a maior objecção ao alargamento da Comunidade.

Este estado de coisas explica porque é que as questões que ainda se discutem em Bruxelas (com excepção de uma) se mostram relativamente menores.

Quando, o ano passado, os britanicos aceitaram, logo de entrada, tanto o Tratado de Roma como todas as decisões tomadas pela Comunidade, desde 1958, compreendendo-se nisso as disposições sobre os recursos próprios, pedindo, simplesmente, que lhes fossem concedidos uns tantos anos para se adaptarem completamente e sem excepções importantes, o essencial estava assente.

Se ainda subsistia um equívoco quanto ao momento em que funcionariam os mecanismos agrícolas comunitários, aquele foi dissipado, em Maio ultimo, quando o Governo de Londres deu o seu acordo no sentido de a preferência comunitária funcionar a partir da entrada da Inglaterra na Comunidade.

Perante a solução destes grandes problemas, importa que a duração do período de transição em matéria financeira seja de cinco ou oito anos, que a contribuição inglesa, no primeiro ano, seja de 8 ou 10 por cento! O importante é que, ao fim de um período de transição, a participação inglesa, no orçamento comunitário, atinja um nível suficientemente alto para que a passagem ao período definitivo se efectue sem dificuldades.

Notar-se-á, de passagem, que as concessões que a França poderá ser levada a fazer, tanto quanto á contribuição inglesa inicial como quanto á duração do período de transição, em nada afectarão as verbas que lhe serão atribuídas pela Comunidade, a fim de financiar as suas exportações de produtos agrícolas para países terceiros ou as suas intervenções para defender os preços. Tais verbas serão determinadas pelas regularizações agrícolas e pelos preços, a fixar, de comum acordo, em Bruxelas.

É igualmente difícil para os franceses entusiasmarem-se pelo açucar proveniente do países subdesenvolvidos da «Commonwealth» ou pela manteiga e os queijos da Nova Zelandia. No entanto, estas questões, sobretudo a segunda, agitam, profundamente, a opinião publica inglesa. A Nova Zelandia é uma parcela da Inglaterra, perdida no Pacífico. Nós, franceses, devemos compreender este estado de espírito. Não pedimos nós, subitamente, em princípios de 1957, numa data tardia das negociações do Tratado de Roma, a associação, á Comunidade, da África Negra francófona? Os nossos parceiros aceitaram-na, embora isso representasse para eles um acréscimo de encargos.

Ninguém, em França, será afectado por uma solução generosa destes problemas. Quando muito, poderá deixar de se ganhar, e, mesmo assim, bem pouca coisa. Em contrapartida, a posição do Governo britanico, perante os Comuns e a opinião publica inglesa, ver-se-á grandemente, reforçada.

FINDA DIVISÃO

O problema importante a que aludi mais acima é o da libra esterlina, considerada na sua qualidade de moeda de reserva. Ninguém procura minimizá-lo. É evidente que, a certa altura, no movimento para a união monetária, a moeda britanica terá de perder o seu carácter particular. O governo inglês mostra-se de acordo em que a libra deve tornar-se, o mais breve possível, numa moeda nacional como as outras. Mas como chegar a isso? As «balanças de esterlino» são dívidas. Como reembolsá-las ou convertê-las em moeda internacional, mundial ou europeia?

Não será possível encontrar uma resposta definitiva a esta questão sem se conclufrem as negociações em curso. Pode esperar-se, entretanto, dado que os Seis e os ingleses estão de acordo sobre o objectivo final, que o Governo britanico conseguirá, sem demora, dar uns tantos passos nesse sentido, o que completará com uma declaração de intenção, o mais rigorosa possível, sobre o prosseguimento das operações.

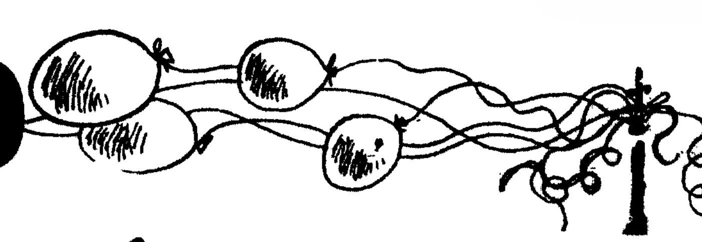
Como serão as relações entre a Comunidade alargada e os Estados Unidos? Há quem se inquiete com a pressão que estes exercerão sobre aquela, para a levar a reduzir os obstáculos ás importações proveientes da América. Não se tornará o mundo atlantico uma gigantesca zona de livre-cambio, na qual a Europa perderá a sua individualidade?

A questão parece-me mal posta. Que devam surgir dificuldades, até mesmo fricções, entre os dois continentes, é provável, quando não mesmo certo. Não se pode imaginar um empreendimento desta envergadura, a unificação comercial, económica e monetária da Europa, que não crie problemas, mais ou menos sérios,

(Continua na 11.ª página)

1) Antigo vice-presidente da comissão da Comunidade Económica Europeia.

MERIDIANO ZERO



O DELFIM ENFRENTA O ZOÓLOGO

Por ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Ja no ocaso da cintilação solar de copos que, num restaurante do Strand, iluminava com ainda diurno brilho o jantar que um grupo de admiradores ofereceu a José Cardoso Pires, ao anoitecer da mesma tarde em que, do alto da cátedra do King's College, o «senhor-escritor» de O Delfim *deu a sua derradeira lição na Universidade de Londres, eu e o bigodáceo homenageante, de mentes matoemborraladas pelo álcool, decidimos, pelos motivos que se vão ler, partir no dia seguinte para a Cornualha, com a ideia fixa de pescar um tubarão.*

Dera-se o caso que o prof. Thomas W. Shepperton, titular de Zoologia da Universidade de Plymouth, ávido de alcançar-se com toda a bibliografia, romanceada ou não, sobre cetáceos, topara meses antes no «Times Literary Supplement» com uma referência crítica a O Delfim, *o que o levou percorrer, devoraz, as duzentas e dezasseis páginas da edição francesa, sem encontrar, no corpo do livro, qualquer referência a um celtodonte que ele pudesse considerar de inconcussamente genuíno.*

No fim da palestra catedrátil do Zé Cardoso, e entre várias intervindiscrições, das quais sobrenadou com vida aquática-barbatanoide a da jovem antipoetisa Ana Hatherly, que, lepidíssima nos seus dezanove anos incompletos, emprateleirou toda a gente com o discretear jungiano pelo qual desvendou, com a clareza de um Poirot de hotpants, *o mistério simbólico da Lagoa do Eng. Palma Bravo, mistério reduzido agora, e por virtude ainda da sua palavra melifluente, à dúvida afinal simplória de uma adivinha saloia, o prof. Shepperton encavalgando na penca judaica os óculos de ler ao perto, pontificou:*

— Eu dizia que um delfim poderia muito bem ter vindo do mar para a Lagoa, na viabilíssima hipótese de uma onda gigante galgar as dunas e arrastar o golfinho de cambulhada. O romance não devia abrir portas a outra hipótese que não fosse esta, já que é preciso ver que há uma grande diferença entre um delfim e um tubarão.

Cardoso Pires carranqueia instantâneamente o seu rosto-dos-mandamentos-não-cumpridos e a Ana Hatherly toma uma rápida nota num cankenho onde na capa de couro brilham impressas as armas da família.

— É que o delfim, contràriamente ao tubarão, especialmente o tubarão azul que nem os experimentados pescadores da Cornualha jamais conseguiram catrafilar, é o peixe, digamos mamífero, bon vivant *por excelência. Mais: é o único peixe, digamos mamífero, que, por definição, pode gostar de Lagoas. Uma onda gigante, uma* tidal wave, *tê-lo arrastado até lá. Sublinho, o delfim é o único mamífero, digamos peixe, do mar que pode competir com os da terra. Brinca com o que lhe vem à barbatana. Todos sabem como o delfim é o palhaço dos oceanários da Califórnia para entretenimento das donas de casa, das crianças e dos desempregados. Vejam ainda que o delfim de Geoffrey, a espécie conhecida pelo nome de* inia geoffrensis *encontra-se em água doce, nos rios da América do Sul, a grande distância do mar. Sustento a minha tese: o romance* O Delfim *podia ter na Lagoa um delfim autêntico, mas não tem, e isto parece-me que é uma grande falha do livro...*

José Cardoso, a quem só faltam agora mais uns pequenos vícios para ser perfeito, vira as pontas do bigode para baixo, e não é por acaso que similam dois arpões em via de serem arremessados. Mas antes que que dispare, à laia de única resposta, o seu consabido provérbio: «quem tem cabeça de cera não deve andar ao sol» antes mesmo que os arpões dos bigodes silvem na sala e se cravem nos costados esqueléticos do Zoólogo, há uma tosse bronquitisónica de cadeiras fatigadas, as quais, ao estenderem as pernas, propulsionam os assistentes para a coxia central, onde algumas lesperteadas em see-throughs, *se precipitam para Pires, de* Delfins *na mão na primeira página quais o extenuado «senhor-escritor» despacha autógrafos com a mesma rapidez com que Alexandre O'Neill engolia ovos cozidos nos dias, já longínquos, em que não se tendo ainda transacionado pela Televisão, calhava às vezes, andar cheio de fome.*

ZÉ CARDOSO É CONVENCIDO A IR PESCAR PARA A CORNUALHA

Enquanto suga os últimos restos de um linguado de Dover, o prof. Shepperton, ao salivar algumas espinhas que regressam ao túmulo do prato, expectora do caixão afunilado do peito:

— Eis um caso singular. Acabei de digerir um falso linguado, o chamado pleuronectes microcephalus, *Caro Mister Cardouzou Pirrês, é preciso sempre adoptar um* approach *científico em relação ao problema dos peixes amamiferados. O caso do delfim que, repito, não é nenhum tubarão...*

Pires suga o tutano de uma perna de cabrito com aquela dentadura de perfil, fernandelina, no mesmo arreganho queixadal que algumas fotografias da sua laide lépoque *farão passar à posteridade, os mesmos caninos e incisivos que lhe hão-de sobreviver mais de vinte mil anos, para gáudio dos Cuvier do futuro, um dia certamente a braços com a reconstituição, em esqueleto inteiro, do* homo delphinus, *desarticula:*

— Alto aí professor. Já sabemos que o senhor percebe tanto da bicharada que é capaz de saber como se diz cavalo em dezassete línguas vivas, sem contar as mortas. O pior é que se vai a uma feira com a ideia de comprar um Rocinante e que o senhor adquire é mas é uma vaca, todo convencido que é em semelhante quadrúpede que se cavalga. E fique a saber: o meu Delfim é um Tubarão decaído, eu quis tratar especìficamente do Tubarão-sem-dentes que passou a Delfim, porque Tubarões é que há mais na minha santa terrinha. Sim senhor o Delfim não é nenhum Tubarão, como demonstrarei no meu próximo romance que terá por título exactamente O Tubarão.

O prof. Shepperton redargue:

— Mister Cardouzou Pirrês, para que o seu novo livro tenha senso comum seria melhor que o senhor adquirisse a experiência duma pesca ao tubarão, quero eu dizer: de um tubarão a sério.

— Primeiro, o senso comum não é tão comum como isso — desarreganha Pires. — Estamos a falar de tubarões diferentes, ainda não compreendeu?

— Compreendi, é evidente — expele o Zoólogo, que projecta mais algumas espinhas do falso linguado no prato.

— É o que eu digo — desabafa o Zé Cardoso enquanto alfandega mais uma ginginha. — As pessoas que compreendem tudo demasiado depressa nunca aprendem nada. Ora diga-me lá, ó professor, então o senhor quer que eu me desloque agora às Caraíbas para alapardar-me com um realíssimo tubarão?...

O Zoólogo expulsa o cabelo compridíssimo que lhe chega às lapelas do casaco e diz:

— Meu caro romancista: aconselho-o a ir até Mevagissey, na Cornualha. Diz-se que em tempos remotíssimos os habitantes da localidade pescaram tubarões autênticos. Tais histórias fazem parte do folklore *local. Mas posso dizer-lhe que, embora os barcos disponham de todo o material de pesca para pescar tubarão azul que fosse, nunca conseguiram mais que reles espécies de peixes-cão: o* Scylium canicula *ou o* Galeus vulgaris, *que aliás, parecem tubarões, mas não são tubarões. Mas mesmo o* Chlamydoselachus anguineus, *que é tido por tubarão, não é tubarão, e os pescadores da Cornualha sabem-no, toda a gente de lá sabe isso mas continuam a enganar os turistas. Nunca lá ninguém apanhou sequer um tubarão-cavala, um mísero* Isurus glanca, *quanto mais um tubarão Mako mais conhecido pelo designação científica de* Isurus oxyrhincus. *É evidente que o aconselho a ir até à Cornualha e fazer como o Velho do Hemmingway. Ó homem, finja ao menos que pesca um tubarão. Claro que o Velho pescou um, o senhor não pescará nenhum mas ao menos no seu livro* O Tubarão *haverá um cheiro a tubarão, já que no* Delfim *não há nenhum delfim, embora um verdadeiro delfim, se arrastado por uma onda gigante...*

O Zoólogo vai disparado na ganga e Zé Cardoso interrompe eriçado:

— Chiça!, que o silêncio não é a língua materna do fabiano

A CHEGADA A MEVAGISSEY

No dia seguinte, o Pires, o Zoólogo e eu, ao volante do meu escangalhado «Cortina», seguimos para Mevagissey. Íamos todos ressacados da vinhaça do dia anterior. O Zoólogo, esparramado no banco de trás, dormia como um funcionário público. Zé Cardoso ia de cabeça pendente a meu lado, mas muito teso no banco porque os cintos de segurança não lhe facultavam grandes liberdades.

Ao atravessarmos um daqueles magníficos prados ingleses de Devon, o inventor do homo delphinus *abre um olho e regonga:*

— O campo é o mundo sem roupa.

E ninguém mais abriu a boca até chegarmos a Mevagissey. O Zoólogo acordou de supetão na altura em que, num parque de estacionamento junto do pequeno porto de mar, o arrumador me sargentizava directivas.

Saímos e logo ficamos de pupila atenta à vaga turística. Ali estávamos, na alminha mesmo da Cornualha. Ingleses de todos os formatos borboleteiam sobre as casas típicas, pousavam aqui e ali para retirar um pouco de pólen, e as máquinas fotográficas clicavam sem desfolegar. À esquerda e à direita letreiros: The Shark Fin Restaurant, The Sharkey Strip-Tease Club, The Shark Museum, The Shark Tea-Shop, *referências a* sharks *por todos os lados. O porto minúsculo rebentava de barcos pelas costuras.*

Tudo vigarice — rosnava o Zoólogo. — Assim se intruja o turista. Nunca nesta terra se pescou um tubarão, um Alopsias vulpinus, *por exemplo, ou um* Sphyma zygaena, *ou seja, desculpem o latinório, o tubarão-cabeça-de-martelo. Comer as papas na cabeça ao ignorante da cidade é facílimo. Olhem!*

Apontou-nos um letreiro onde se lia:

QUER TENTAR A PESCA AO TUBARÃO?
ALUGAM-SE BARCOS
COM TODO
O EQUIPAMENTO
SUPERVISÃO
POR ESPECIALISTAS

— Especialistas! — ri-se o Zoólogo. — Podem intitular-se de especialistas pescadores que não vão além do Hippoglossus vulgaris *ou do* Gadus aeglefinus?

O esqueleto gargalha-lhe todo e espera que lhe demos uma resposta. O vento é tão forte ali na costa cornualhense que o cabeludo do Zoólogo semelha um punhado de algas num aquário de águas agitadas por algum fluxo torrencial de origénio.

Zé Cardoso, que acordou agora, atira ao alvo:

— Este gajo tem o cabelo de tal maneira que ou lho cortam ou o melhor é darem-lhe um violino. Vamos ou não vamos pescar um tubarão?

— Sabe — filosofia o Zoólogo — os ingleses nunca gostam de ir além da própria experiência, mas não se importam de explorar essa inclinação no estrangeiro doidivanas, por exemplo, o português que se julga sempre capaz de tudo.

— Obrigado, patrãozinho — responde Zé Cardoso. — Já que vou escrever O Tubarão *concedo que não estará mal pescar um que não seja meramente simbólico. Mas já me contento com uma cavala!*

— Uma cavala! — exclama o Zoólogo. — Mas uma cavala não passa da isca que você precisa para apanhar um tubarão!

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.R.L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (Ao Areeiro)

Telefs. 718607 - 727654 - 727665 - 713057

Agente VOLKSWAGEN do Distrito de Lisboa

GRANDE CAMPANHA DE CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO DAS 21 AS 24 HORAS, ATE 30 DE JUNHO

FACILIDADES DE PAGAMENTO E CONCESSÕES ESPECIAIS DURANTE ESTE PERIODO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 159/71

Faz-se saber que no dia 20 de Julho de 1971, pelas 15.30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE 200.000 EXEMPLARES DE UMA BROCHURA ILUSTRADA ALUSIVA A ALFAMA», com a base de licitação de 475.000$ (Processo n.º 92/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 11.875$ e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7678, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 18 de Junho de 1971.

O Presidente.

Fernando Augusto Santos e Castro

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS

EDITAL

Joaquim António Pereira Baraona, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, faz público que até ao dia 10 de Julho próximo, ás 15 horas, se aceitam propostas para aluguer de 3 lojas (pórticos) n.os 14, 15 e 16, lado poente/sul da praça de toiros, junto ao Restaurante Guiso, destinadas a comércio, tendo para o efeito projecto aprovado pela C. M. de Cascais.

As propostas devem indicar a natureza do comércio e a oferta da renda anual.

As condições encontram-se patentes todos os dias úteis na Secretaria da Misericórdia, telefone 280971, durante as horas de expediente.

Cascais, 23 de Junho de 1971.

O Provedor

a) Joaquim António Pereira Baraona

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

— 'Tou mesmo a ver que isto é uma terra em que os peixes devem custar mais que os pescadores.

«O SENHOR ESCRITOR» E A LUTA COM O TUBARÃO

Ora seguimos nós já a seis milhas da costa, o Zé Cardoso todo amarrado com correias ao trono dos pescadores de cetáceos, o trono soldado ao convés, e o barco chalupando a velocidade moderada. Há um quarto de hora houvera um instante de alvoroço quando o «senhor escritor» fora projectado cinco centímetros para a frente e a linha andara veloz não sei quantos metros no carreto. Pires, instruído pelos gritos do cornualhudo experimentado que nos acompanha, puxa o animalóide largo e acastanhado, em forma de S, e o Zoólogo, ao vê-lo saltar fora de água gaivota-nos estridente:

— É um belo espécimen de Rhombus laevis, *não o* Rhombus Maximus, *para o que basta atentar nas manchas da pele.*

Mister Haddock, o nosso capitão, dá uma palmada nas costas de Pires, que improvisa uma máxima vetafísica:

— Vale mais um pêlo na cabeça que dois no pente!

O Zoólogo está delirante. Contempla o pequeno peixe e babuja:

— Ainda há quem diga que o homem é a obra-proma da criação! Mas quem o diz é o próprio homem! Porque não se solicita o depoimento deste Rhombus laevis? *Afinal, Mister Cardouzou Pirrêss, o senhor é um homem cheio de talento.*

— Meu caro Zoólogo — volve Pires, modesto como sempre. — O talento tem as suas limitações. A estupidez é que não.

É neste instante que o Zoólogo se vira para Mister Haddock e lhe observa carrancudo:

— Deixemo-nos de farsas! O senhor nem sequer preparou ainda o rubby-dubby!

O cornualho experimentado exibe um ar de consternação, e eu e Pires encolhemos os queixos interrogatimos os ombros e projectámos os queixos interrogativos para a frente. Rubby-dubby?

— Rubby-dubby — *explica logo o Zoólogo — é uma massa de peixe e sangue que se coloca num saco de rede suficientemente fina para que, depois de lançado à água, embora preso ao barco, deixe um rasto de sangue que atrairá os tubarões.*

Zé Cardoso torce-se todo na sua cadeira de electrocutado:

—Mas, ó professor, para que diabo está também para aí a colaborar no mito dos tubarões da Cornualha? O que eu quero é ir-me embora...

Mas já o atarantado Mister Haddock, num barco que começa a baloiçar em excesso com a força do vento, prepara a nojenta iguaria. Eu e o Zoólogo mal nos mantemos de pé, Pires, apesar de estar com vontade de se ver em terra firme, exibe o mesmo ar que o actor Pedro Armendariz no filme A Pérola, *a arrogância de quem se julga capaz de pescar todos os tubarões dos oceanos. No mesmo momento em que o* rubby-dubby *é atirado à água e o vento lhe projecta na bigodaça o maciço produto líquido do impacto, Zé Cardoso pragueja, e escarnarri-se:*

— Uma brisa destas é que eu queria em Lisboa. A quantidade de cabeças que nós veríamos a esvoaçar pelos Rossios. Tás a ver, ó Alexandre, a malta a correr atrás da cachola despendurada, sem mais aquela, da pescoceira!

Seguimos cóm pouco vapor mais duas milhas. Mevagissey é um ponto de passado que ficou entregue aos vivos que são, como dizia o Maurício, os mortos em férias. Zé Cardoso, em transe místico, pesca sucessivamente uma Raja clavata, *um enorme* Gadus merlangus, *um brilhantíssimo e gordo* Clupea harengus, *um ponteagudíssimo* Xiphias gladias *(que nem em Sesimbra), e um ameaçador* Pristis antiguaram. *A estes dois últimos a minha soberana ignorância pisciceptológica conseguiu atribuir-lhe os dois nomes por que são conhecidos da dona de casa alfacinha: um peixe-espada e lo enorme erque-se a mais res à cana e grita:*

Até que a grossíssima cana que salta das mãos do Zé Cardoso que dá semelhante berro que o vento se acalma durante um minuto bem medido. Um esqualoo enorme ergue-se a mais de quatro metros de altura, a bombordo, à distância de umas cento e cinquenta jardas.

Mister Haddock ajuda Pires à cana e grito:

— A shark! A real shark! A real blue shark!

Olho para o Zoólogo que, rápido, metendo a mão ao alforge, rapa de um binóculo:

—'Correcto, Haddock — ronquifera. — É um realíssimo Priornarce glauca.

O tubarão salta repetidas vezes. O Zoólogo não larga o binóculo e a baba que se lhe desembeiça empurrada pelo vento vai dejectar-se-me na cara. Mudo logo do ponto cardeal. Cardoso Pires aguenta a cana cerrando de tal forma a dentadura que esta range como as rodas das locomotivas da Linha do Vale do Tua. Haddock, rápido e habilíssimo faz girar o carreto que vai engolindo linha. Pires deculpica-se. Fico-lhe com medo porque nunca pensei que tivesse tanta força. Haddock entretanto escorrega no convés encharcado e prepara-se para arpoar a fera quando esta se aproximar da chalupa. Pires aguenta agora o monstro sòzinho. Está possuído de uma raiva louca, ensopado dos pés à cabeça, já que a água ao espadanar do esqualo, desembestada pelos ventos contrários, se associa às ondas que, às vezes, ressacam mais altas que a amurada.

— É um plagióstomo de respeito — saliva o Zoólogo que já meteu o binóculo no alforge. — Indiscutìvelmente o primeiro pescado em águas da Cornualha.

Estamos mergulhados numa nuvem goticular de água, o tubarão já nos salta apenas a vinte metros e o Cardoso Pires transformado num atlas de músculos numa sala de anatomia, parece ter os olhos a um palmo da cara. Haddock berra-me que prepare o martelo. Olho à volta. Vou, por fim, passar de espectador a protagonista. Para que raio servirá o monstruoso martelão que quase me desequilibra a carga de ossos? O Zoólogo vem em meu auxílio:

— Logo que Haddock arpoe o tubarão e o puxe para dentro do barco açape-lhe com isso entre os olhos.

Num esticão terrível em que os ossos do Zé Cardoso parecem descolatrar-se, o plagióstomo, como lhe chamou o professor, fica ao alcance do arpão de Haddock. Este mergulha-o rigoroso e com uma velocidade perfurante de bala dum-dum no corpanzil do realíssimo Priornarce glauca. *Uma tromba de água atira-me ao chão e o martelo vai bater nas canelas do Zoólogo que grita mais alto que o berro de triunfo simultâneo de Haddock e do «senhor escritor». Quando ao esforço bruto de ambos o tubarão começa a ser guindado para dentro do barco, eu, já de pé, mas em desequilíbrio, mando-lhe uma martelada ciclópica direita à sobrolhada, tão direita que o camartelo vai acertar no debrum da amurada arrancando-lhe enorme lasca.*

— Blast! — *pragueja Hadock.* — You are supposed to hit the shark's head, not the fucking bloody boat!

(Intraduzível)

Aguentar o monstro sózinho...

O Zoólogo, com uma iniciativa que lhe desconhecia, arranca-me o trambolho das unhas e desaba uma tal martelopinolada no toutiço que um espicho de sangue lhe irrompe ameaçador do tutano e me empasta dos pés à cabeça. Agora é tarde para mudar de ponto cardeal.

CARDOSO PIRES FOGE À TELEVISÃO INGLESA

A nossa chegada a Mevagissey foi de triunfo. Hardock aprestara-se a avisar as autoridades do porto pela rádio, e, mesmo antes de avistarmos o contorno nítido das docas, já umas dezenas de barcos vinham ao nosso encontro apitando com legítima histeria. O tubarão vinha meio rebocado. Haddock catrapinchava como um gorila e Cardoso Pires, tendo ido miscrar ao alforge do Zoólogo, rapara de lá uma garrafa inteirinha de whisky *que empinara na boca e já levava em meio.*

— A bebida já afogou muito mais gente que o mar — comenta o Zoólogo que vê, com pouca alegria, o nível da botelha descer. — Antes de pescar um tubarão nestas águas havia por aqui vastas teorias sobre o processo de se apanhar um. O seu mérito, Mister Cardouzou Pirrês, foi acabar com tdas as teorias...

— Da mesma forma que lhe vou acabar com a garrafa — gargoleja Zé Cardoso. — Sabe, ó Zoólogo, esta pesca ao tubarão parece uma coisa impossível.

— Foi uma coisa impossível — frisa o catedrático de Plymouth.

— Não — corrige o «senhor escritor» — foi uma coisa estúpida. Só um estúpido é que podia acreditar que se pudesse pescar por aqui um tubarão. Mevagissey tem florescido turìsticamente à custa dessa estupidez, aliás alheia. Não há dúvida que a maior prova da inteligência dos homens foi ter inventado a estupidez. Sabe, ó Zoólogo, se lermos demasiados livros os miolos ficam sem liberdade para se mexerem para lado nenhum.

E empinou outra vez a garrafa.

Já em terra, pesados os 432 quilos do tubarão, apalpado por pescadores velhinhos que, em voz baixa, exclamavam: «milagre!, milagre», José Cardoso Pires recusou-se a ser recebido pelo mayor, sobretudo a ficar o tempo suficiente para que chegasse uma carrinha de televisão da B. B. C., que, àquela hora, já partira de Southampton.

Coisa extraordinária: Zé Cardoso estava triste.

— Algum problema? — pergunto-lhe. — Sentes-te mal?

— Ouve, Alexandre, quero pirar-me daqui para fora. Afinal apanhar um tubarão é a coisa mais fácil deste mundo. Um português até os descobre onde, teòricamente, não os há. Desisto, afinal, do meu livro O Tubarão. *É esta a grande lição do Zoólogo. Se um sicrano não é génio só lhe resta uma alternativa: ser inteligível.*

A multidão empurra Zé Cardoso, quer vê-lo, e nós corremos para o parque de automóveis. Estamos pegajosos de água, lama, óleo, sangue e fezes do Priornarce glauca.

— Mas os teus animais são sempre simbólicos, ó Zé. O Zoólogo já te pôs os miolos a arder!

— Simbólico por simbólico, decidi mudar de bicho, e isto enquanto manobrava o Tubarão. Tenho a certeza que não conseguiria o mesmo com um dinossauro, por exemplo. Foi uma pena que Noé e a família humana e animal não tivessem perdido o barco.

Zé Cardoso suspira. Arranco com o Cortina. O Zoólogo toma apressadas notas.

— Criar o homem — filosofia «homo delphinus» — foi uma ideia original, mas pensando bem a criação do resto dos animais não passa duma tautologia.

— O que está rigorosamente certo se pensarmos no carneiro — atalho.

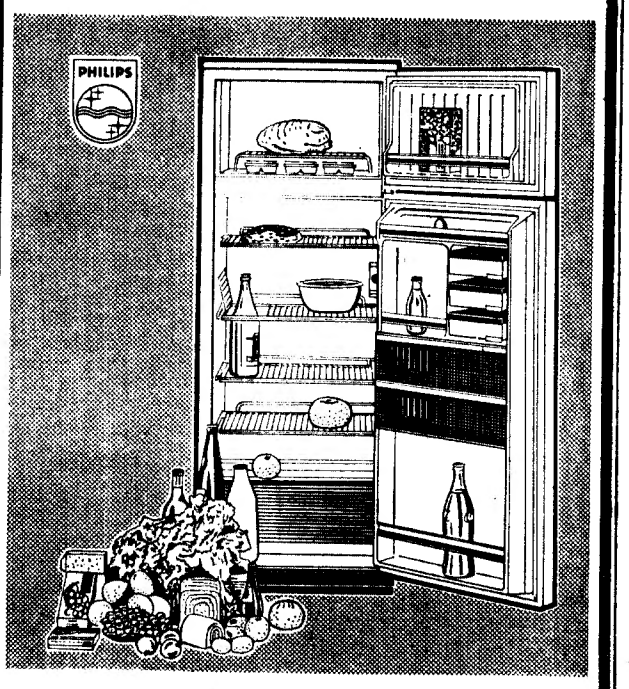
— Por associação de ideias: O meu próximo livro vai chamar-se O Dinossauro. O Dinossauro é o Carneiro em grande. *Os dois pólos da principal antinomia nacional são o Dinossauro e o Carneiro. Ora «les extrêmes se touchent...»*

— José Cardoso Pires dixit.

Mevagissey, a quem o «senhor escritor» entregou o primeiro tubarão não mitológico, após o que se raspou à francesa, é uma povoação de brinquedo, lá longe, no passado, no extremo do pé exausto de uma falésia.

Junho de 1971

no espaço desejado o frio apetecido



faça num só dia as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS

QUATRO DIAS NO PARAÍSO

RIO DE JANEIRO

Por CHIANCA DE GARGIA

Nome: Sizenando de Manfredo e Teles. Profissão: nenhuma. Vive do aluguer de apartamentos que a mãe, já viúva, lhe deixou como herança em Copacabana. Casado. Mas homem de vida nocturna. Bares, inferninhos, coisas assim. Dos que bebem e aguentam até de madrugada. Fumando cigarro após cigarro. Paquerando tudo que é garota prá frente. Enfim, cheio de sarros, e curtindo todos os baratos em voga. O pai um bigodudo lusitano (conforme retrato pintado por Malhoa) enriquecido, é claro, no comércio, levara-o várias vezes a Portugal (Porto, Viana do Castelo), Braga). Talvez por isso temos batido longos papos num ou noutro botequim discreto onde se pode falar sem ser aos gritos. Dizia-se ateu. Totalmente: — Sou materialista, e daí?

DOIS

Ora ontem, ao fim da tarde, vi-o saltar de um táxi na praça do Lido, carregando uma bolsa de viagem. Riu contente ao ver-me:

— Puxa, que sorte encontrar você. Vamos conversar.

Arrastou-me para um banco diante de um oceano ocasionalmente enfurecido.

— Você sabe de onde eu venho? Nem sequer imagina? O homem de repente muda, sabe? Acabo de passar quatro dias num curso de cristianização. Sim, não se admire. Eu estava cansado de ser quem era...

Puxei de um maço de cigarros, estendi-o para ele. — Obrigado — disse-me, deixei de fumar.

TRÊS

Falou tanto que nem num «Diário de Lisboa», de ponta a ponta, caberia o relato da sua aventura. Torna-se pois necessário, antes de o deixar expandir-se, resumir para os leitores o que consegui compreender dessa súbita conversão.

Existe no Brasil, criada recentemente, uma nova seita que parte do princípio de que Jesus Cristo é uma semente. Que pode desenvolver-se dentro de nós, tornando-se plantinha, arbusto, árvore, onde, com o tempo, hão-de nascer os frutos morais de uma nova humanidade. Jesus Cristo, seremos nós. Eis a teoria, variante de muitas outras, mais ou menos alfabetizadas.

Pertence, ao que parece, esta nova seita, a uma organização internacional. Ele, no entanto, julgava que fosse um novo apostolado católico. Verificou que não era:

— Esta agora tem uma qualidade, é rápida e eficaz. Como o acto bíblico do lavrador espalhando sementes ao acaso. A semente depois cresce por si própria. Tudo isto em quatro dias.

QUATRO

—Mas onde? Por todo o Brasil. Em mini-seminários. Nós chegamos, conduzidos em segredo. Então, de surpresa estávamos num casarão antigo, pintado por dentro em cores vivas e alegres. No meu caso, éramos trinta e três candidatos, que, de entrada, fomos fechados em pequenas e solitárias celas. Um leito, uma mesa, uma pia, e um vaso com flores. Aí ficámos por 24 horas.

— Fazendo o quê?

— Você sabe o que acontece a uma garrafa de vinho velho quando agitada? Sabe. O vinho enturvece, não é? Assim tinha sucedido connosco. O negócio era ficarmos em repouso concentrado até que essa espécie de sarro se transfigurasse dentro de nós. Só bebíamos água. Depois, na manhã seguinte levaram-nos a um auditório onde fomos recebidos entre cânticos...

— Por quem?

— Pelos clérigos da nossa seita. De batinas de um azul celeste. Então, durante três dias só de ali saíamos para comer, dormir, ou ir ao banheiro. Nós estávamos vestidos com umas tunicas brancas, amarradas na cintura por uma corda. Por debaixo, o corpo apenas. Os pés descalços.

CINCO

As primeiras palavras que ouvimos foram precisas:

— Vocês vão ser os santos do século XX.

Então, um outro clérigo, este envolto num manto dourado e verde, ergueu-se e disse:

— Eu sei, vocês sabem, todos sabemos que, como se diz em gíria, o herói já era. O mundo actual despreza os heróis. Não só os heróis como os mártires. Mas vocês irão juntar-se a cinquenta mil conjurados com que já contamos no Brasil, a fim de formarmos todos juntos, um novo São Jorge, invulnerável ás setas do inimigo.

Aí todos nós sentimos um friozinho correr-nos pela espinha.

SEIS

Passou-se então á leitura de longos pergaminhos. Vinham em rolos que iam sendo lidos derramando-se, de degrau em degrau, porque o clérigo maioral colocara-se no alto de um trono a que se subia sobre uma alcatifa vermelha como sangue.

Ilustração de Carlos Botelho

— Essas leituras não passavam de legendas, histórias, fábulas, e outros ensinamentos arrancados de livros sagrados e que serviam para que nós compreendêssemos que o homem a todo o momento abdica da sua verdadeira missão. A de se preparar para ser anjo.

Ora desde que nós entrámos por aquela porta, agora fechada a cadeado, estávamos ali para respeitar o chamado de Deus...

Esta lição durou cerca de três horas. Depois um outro clérigo, anunciou:

— Agora, vamos cantar.

Fomos então ensinados a cantar coisas assim:

— «Nas mesmas estradas / Eu sou teu irmão / Me dá tua alma / Te dou minha mão».

Cantámos, com letras místicas, até marchinhas de carnaval. Perdi a noção do tempo. Depois um outro clérigo, recoberto creio eu, por um manto de pele de coelho, falou assim:

— Agora, recordem vossos pecados e chorem. Quero ver lágrimas descendo em fio de vossos olhos. Pensem, e chorem Inundem a terra que estão pisando com o sal das vossas lágrimas. Pisem com os vossos pés descalços as lágrimas que correrem dos vossos olhos, como oceanos...

E todos choramos. Alguns mesmo, tiveram ataque de nervos. Rolaram no chão. Como se estivessem lavando a alma nas lágrimas de todos nós...

SETE

E Sizenando, fitando o sol descendo no horizonte:

— Já disse. Éramos trinta e três. De aí, na manhã seguinte fomos intimados a revelar desde a infancia, todos os nossos pecados, sacrilégios, tendências, desejos, obsessões, idealismos, sonhos, tudo que dentro de nós tornava impossível a purificação. Foi duro, sabe? Foram trinta e três homens, uns mais novos, outros mais velhos, arrancando das entranhas, como o dar á luz das mães, tudo que se esmagava amontoado no fundo das nossas consciências. Diante uns dos outros, ouvimos tudo de cada um de nós, crimes, vícios, abjecções, coisas irreveláveis, impiedades, actos de perfídia, injustiças, desejos de vingança, de violência e de morte...

— Pior que psicanálise de grupo?...

— Qual. Psicanálise de grupo é teatro, é sexo, é má-fé, é representação...

OITO

— Mas vocês aguentaram?

— Acabámos como farrapos, é certo. Com nojo uns dos outros.

— E eles?

— Eles? Depois de nos terem «por inteiro», então sorriam. «E um deles, displicentemente, desligou os microfones aparentemente invisíveis que tinham gravado nossos terríveis depoimentos. Sentiamo-nos como possuídos por um desagregação total...»

E eles riam. E nós começámos a rir, porque o riso é contagioso. E, para nos descontrair, ei-los contando pilhérias, coisas divertidas. Até anedota de português.

A noite, na última reunião, com todos os clérigos presentes, o mais velho falou assim:

— E agora, meus filhos, ao voltarem lá para fora, não esqueçam o nosso lema: **naturalidade, valentia, alegria.** Se somos homens é porque Deus, antes de sermos anjos, quis que nós vivêssemos na Terra. Vão embora, mas não se esqueçam que serão sempre vigiados. A nossa missão é lutar pela Redenção do Ser Humano...

NOVE

Ficou de olhos fixos, no bater das ondas.

— Hoje, ao voltar a Copacabana, aqui a seu lado, olhando o mar em ressaca, posso dizer convicto que nunca tinha vivido. Sózinho eu sei que não sou nada. Mas ao lado de Cristo, quero ser a maioria total.

— E agora?

— Agora vou para casa. Minha mulher vai estranhar...

— Porquê?

— Sabe, há semanas que eu repetia para ela essa frase que lhe disse agora. E que foi a chave para eu passar os quatro dias lá na serra...

— O negócio onde foi?

— Lá para os lados de Petrópolis. Mas já desabafei. Vou indo.

— Vai. Felicidades.

— Espera, venha você comigo. O meu encontro com Vanuza vai ser dureza. No fundo ela ri de mim. Há anos que eu sei disso. Venha comigo, vem?

DEZ

Fomos. Eu conhecia a casa, no sétimo andar de um dos primeiros edifícios de Copacabana, no tempo em que os apartamentos ainda eram amplos. Várias salas. Muitos quartos. Mobília antiga, do tempo dos pais ou dos avós. Móveis dourados. Coisas do tempo das artes decorativas. Espelhos. Poltronas. Lustres de cristal. Tudo numa confusão estilo 1920.

Bem. Ele meteu a chave na fechadura. Entrámos. Em nossa volta tudo vazio. Eram só paredes nuas. Tudo sumira. E numa folha de cartolina pregada numa porta estavam escritas a «bâton» estas palavras: **«Sizenando, vou embora para sempre. Você me encheu. E quanto ás suas teorias, meu chapa, eu não preciso que nenhum novo Jesus me queira ensinar a viver. O Cristo que está no céu me basta. Seja feliz, Vanuza.»**

LIVROS E CORRESPONDÊNCIA

Tenho aqui livros a quem devia ho[je] fazer reerência. Mas cadê espaço? Quero no entanto, neste finzinho de página citar o nome de José Manuel Cerqueira Torres, da rua do Sol a Santa Catarina. Enviou-me uma carta escrita com sangue. Carta admirável de juventude. Carta de um poeta rebelde, acompanhada de um poema. José Manuel que se considera um estudante, estuda acima de tudo, o comportamento humano. Acho bacana. É assim que se fazem os Balzacs, os Prousts, os Eças e os Camilos. Vá em frente. E quando quiser desabafar, volte a escrever.

Para envio de cartas:

Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908, Copacabana, G. B. Brasil.

ROMA

ROMA SEGUNDO FELLINI

Por MARIKA ABA

Como de costume, toda a gente aqui fala do novo filme que Fellini está a realizar. Como de costume, também, o homem de «8 1/2», que gosta que toda a gente diga que Fellini está a realizar um filme, reveste-se de mistério, mostrando-se ambíguo e reticente. Tem-se, porém, a certeza de que será qualquer coisa arrebatadora. Como sempre, aliás.

Trata-se, desta vez, de um tema que tem apaixonado poetas, pintores, filósofos, músicos e escritores de muitas e variadas nações: Fellini decidiu-se a dar-nos a sua versão de Roma, esta «velha e bela cortesã» como muitos, afectuosamente, a chamam que, há bem poucos dias, celebrou o seu 2727.º aniversário. «Ab urbe condita». Roma é mais do que uma cidade: é e sempre foi uma religião, uma filosofia, uma concepção de vida. Como será a «Roma» de Fellini?

«Pois não será um filme histórico, nem um estudo sociológico, a não ser nas recidade chamada Roma O que eu pretendo é contar a história de uma cidade, uma cidade chamada Roma. O é que esta urbe representa para os que nela nasceram: os romanos; para os que, como eu, vieram de outros pontos da Itália e, também, para os «stranieri», os estrangeiros, que chegam aos milhares e aqui se radicam, para sempre. Todos os que nela vivem se perguntam, uma vez por outra, o que é que Roma é, na verdade. «Claro, não me julgo capaz de dar uma resposta. Penso que esta cidade será sempre um enigma. Mas, seja como for, o filme dar-me-á a possibilidade de a «revisitar», através dos olhos do passado, do presente e, até, do futuro.

«A coisa começará por se querer saber o que é que a palavra Roma significa para um jovem que, como eu, é natural da província, nunca tendo saído do seu pequeno mundo. Na escola, na minha Rimini, Roma significava Julio César, os bilhetes postais de Castel Santagelo. Mussolini e gesticular, daquele balcão, em Piazza Venezia, «spaghetti tlla matriciana», regado a vinho de Frascati. Significava, também, gente importante em edifícios importantes, os ministérios, o Papa, os padres, as freiras... o Vaticano. «Roma é e foi muitas coisas. É um lugar esventrado, nos ultimos trinta anos, para se construir um metropolitano, coisa de que desistiu por se terem encontrado uns tantos ganchos de cabelo, antigos; significa corrupção e estranhos jogos, um paganismo infantil; quer dizer crueldade, «omertá», máfia e miséria. Mas também significa maravilhosos pores do sol, cores que em mais nenhuma outra parte existem, beleza, poesia e uma atmosfera que nos prende para sempre.»

UM ORÇAMENTO ELEVADO

Estamos sentados no camarim de Fellini na Cinecittá, onde o tráfego e a vida tumultuam, como na auto-estrada que envolve a cidade: camiões, Fiats 500, um Ferrari ou dois e, até, uma máquina produtora de «smog» artificial.

«Isto vai ser uma das oito partes do filme, perto do fim. Nesta sequência, o jovem da província que, depois de ter visto uma Roma idealizada, o esplendor barroco do Vaticano, a cruel e deformada virilidade do fascismo, as pretensões hollywoodescas de uma Cinecittá de outros tempos e a «dolce vita», se torna um realizador de meia idade, procura penetrar no segredo de Roma, através de uma reportagem da cidade, enquanto, ao mesmo tempo, alguns realizadores «hippies» fazem outro tanto, através da sua cruel e jovem objectividade. Quem vê melhor a cidade — o jovem ou o velho? Sabe-se lá... Eu, pelo menos, não sei».

Trata-se, portanto, e mais uma vez, de autobiografia, uma espécie de versão final dos «Vitellone», de «Dolce Vita» e de «8 1/2»?

Fellini tem uma das suas explosões temperamentais: «Claro que sim, o que é que você acha que um autor deve fazer? Falar de astronautas na Lua? De que é que eu poderia falar a não ser da minha experiência, das minhas angustias, das minhas alegrias, das minhas observações?»

O filme será realizado por uns três ou quatro períodos. Entre cada um deles, Fellini e o seu colaborador-argumentista, Bernardone Zappone, escreverão o «script», preparando as sequências seguintes, recorrendo, sempre, a novas equipas de trabalho. É um novo sistema, por isso perguntei a Fellini por que é que se tinha decidido a isso. Sorriu, maghoso: «É que nos ultimos anos sempre me vi atormentado pelos vários produtores para quem trabalhei, que queriam que fizesse tudo cada vez mais depressa. Eu trabalhava depressa e económicamente, mas nunca tanto como eles queriam. Pois agora sabem que parti com a ideia de levar um ano e meio, de maneira que, se acabar antes, todos se sentirão muito contentes. Entretanto, não os tenho á perna. «Um outro arreganho de dentes, antes de acrescentar: «Agora a sério, isto assim fica muito mais barato».

O filme é financiado por três empresas controladas pelo Estado e custará uns dois milhões de dólares o que, nos nossos dias, é considerado um orçamento elevado, mesmo para um filme de Fellini.

Já estão prontas duas sequências: a do jovem Fellini, recém-chegado da província, a visitar os bordéis romanos e a das emoções que lhe provoca a Igreja, com a sua inesquecível riqueza e o seu esplendor.

A UNIFICAÇÃO EUROPEIA

(Continuação da pág. central)

a terceiros países, especialmente os Estados Unidos.

Uma resposta possível está em que o mercado interno europeu criará, assim, uma importancia menor do que o mercado interno americano, tal como hoje existe. Pode, entretanto, imaginar-se que os americanos se não sintam satisfeitos e peçam que a Europa percorra uma nova etapa na redução das suas taxas exteriores.

Se se tivesse de tratar de uma redução unilateral, sem contrapartida, a Europa nenhuma razão teria para a aceitar, e podemos estar certos, se considerarmos o precedente do «Kennedy Round», em que os interesses europeus foram bem defendidos, que aquela se recusará. Mas porque não há-de a Europa aceitar uma redução equilibrada das protecções, uma evolução que poderia, por fim, e com certo numero de excepções, levar a uma abolição das taxas aduaneiras sobre os produtos industriais?

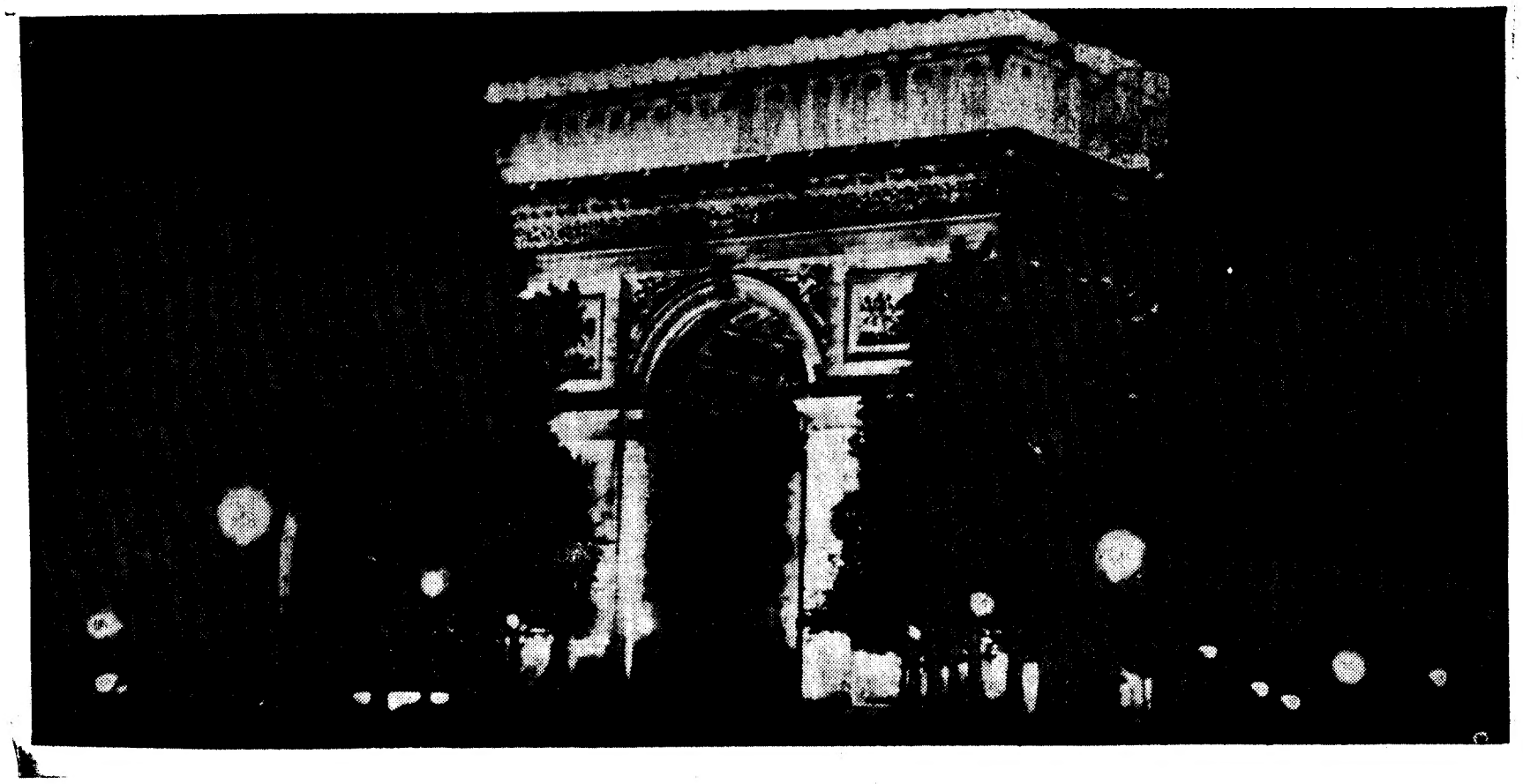
Porque motivo contrair um complexo de inferioridade e pensar que um tal desenvolvimento poderia pôr a Europa na dependência da América? A verdade parece-me estar, em vez disso, em que serão os Estados Unidos a sentir dificuldade em se comprometerem nesta via, se julgarmos pelo reforço do espírito proteccionista que ali se percebe, mesmo nos meios que pareciam, até agora, partidários do livre-cambio, especialmente os sindicatos operários.

As taxas aduaneiras europeias são, sensivelmente, mais baixas do que as americanas. Não são elas que garantem a coesão da Comunidade mas, isso sim, as instituições e as políticas comuns. Nada temos a temer dum movimento para o livre-cambio, á escala mundial, dos produtos manufacturados.

A entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Europeia porá fim á divisão da Europa, não apenas á divisão entre o continente e a Inglaterra como também á que existia no interior dos Seis, dadas as diferentes atitudes assumidas perante o alargamento da Comunidade.

Tendo a Inglaterra aceitado o Tratado de Roma e todas as decisões que foram surgindo, num momento em que a Comunidade, tal como foi definida, há quinze anos, se pode dizer concluída e consolidada nos seus elementos essenciais, uma recusa poderia conduzir, senão ao desmantelamento da Europa, pelo menos á paralisia das suas instituições; nenhum dos nossos parceiros actuais aceitaria tal decisão, que consideraria contrária ao espírito do tratado.

A adesão da Inglaterra á Comunidade não dá, é certo, a garantia de que a unificação da Europa se concretizará. Mas torna-a possível e fornece o quadro no interior do qual é posível trabalhar-se naquele sentido.



UM PONTAPÉ NO «VENTRE DE PARIS»

PARIS

Por JONATHAN C. RANDAL

Paris está muito perto de ceder mais um dos seus tão típicos locais aos tecnocratas e aos interesses imobiliários, que, nos últimos anos, têm destruído tantos e tão belos recantos desta encantadora cidade.

Depois das enormidades cometidas nos «Champs Elysées», transformados numa espécie de auto-estrada iluminada a néon», depois da profanação de grande parte da margem esquerda e de Montparnasse, por feios e altos prédios de apartamentos, depois da proliferação de parques subterrâneos de estacionamento, em que tantas árvores foram sacrificadas, chegou a vez das Halles.

Celebradas por Zola em «O ventre de Paris», as Halles albergaram, durante séculos, o mercado abastecedor, antes de tudo isto, menos os açougues, ter sido forçado a abalar, em 1969, para os arredores.

São perto de 50 hectares, onde, a partir do centro das velhas Halles, se foi estabelecendo um urbanismo espontâneo, com os seus encantos e os seus atractivos.

A vizinhança confundiu os tecnocratas que estavam convencidos de que tudo morreria mal os milhares de trabalhadores do mercado fossem forçados a partir.

No entanto, à volta das Halles, no rés-do-chão onde se podia comprar de tudo, foram-se estabelecendo livrarias, lojas de antiguidades, «boutiques» e, inevitàvelmente, — «sex shops», que até se podem considerar ingénuas se as compararmos com as de Nova York ou Copenhague. São perto de 120 a 150 estabelecimentos — metade dos que existiam nos bons tempos das Halles — a fazer, ainda, bom negócio.

Muitos dos 3.000 quartos dos seus hoteis baratos, que funcionavam em «full time», nas 24 horas do dia para a farándula da prostituição, foram, agora, alugados, ao mês, para fins menos controversos.

A maior modificação verificou-se no próprio coração das Halles, nos pavilhões de ferro. Segundo Império, construídos por Victor Baltard, sob as ordens do barão Haussmann. Seis deles, com os seus ferros e vidros — até parecem catedrais — foram transformados em amplos centros culturais, para alegria dos parisienses, decididos a salvar tão raros exemplares de arquitectura dos meados do século XIX.

SACRIFICAR AOS TECNOCRATAS

Em 1969, os pavilhões foram visitados por uns três milhões de franceses, que aí foram ver desde as marionetas belgas, o teatro experimental japonês ou os golfinhos amestrados, a filmes sobre a obra de Picasso.

Existem, também, uma pista de esqui, um rinque de patinagem, instalado no antigo pavilhão do peixe, e as gigantescas «Nanas» da escultora Niki de St. Phalles, umas senhoras muito grandes, que encantam as crianças de todas as idades.

Paris conseguiu, assim, aquilo em cuja construção as outras cidades despendem milhões — um centro cultural no coração da cidade — sem ter de ir à algibeira dos contribuintes.

No entanto, este espectáculo cheio de vida contrariou os planos dos tecnocratas, pondo os moradores em conflito com quantos só pensam em lucros materiais. É que se pensava e continua a pensar em «fazer qualquer coisa» de um local que, supunha-se, se transformaria num deserto depois de os mercados terem abalado para longe.

Um grande centro comercial, um novo hotel, prédios de escritórios, uma estação do metropolitano, um centro cultural: tais foram as sugestões apresentadas à Câmara de Paris, para se imprimir novo ritmo ao coração da cidade.

Mas ninguém, responsável, se mostrou interessado em ouvir os moradores, a maior parte dos quais pretende manter-se num bairro espontâneamente rejuvenescido. De modo que a gente do sítio falhou, não conseguindo evitar que, no próximo dia 1 de Julho, os «bulldozers» metam o focinho aos velhos pavilhões. O máximo que se conseguiu foi atrasar as demolições, ao afirmar-se que o custo total das obras, deitar abaixo e erguer de novo, custará 80 milhões de francos ao Zé Pagante.

A verdade, porém, é que tanto os vereadores como o presidente da Câmara, Marcel Diebolt, se não preocupam com os interesses da gente do sítio. Nem o Ministério da Cultura, de onde um funcionário responsável nos disse, pelo telefone: «É mais importante dispor de uma estação de metropolitano do que salvar os pavilhões».

Ninguém contesta a utilidade de uma tal estação, mas compreende-se muito mal a necessidade de a construir debaixo dos seis pavilhões do improvisado centro cultural.

CONTAR COM A INÉRCIA

Típica desta decisão de destruir os pavilhões é a atitude de Christian de la Malene, antigo ministro gaullista e deputado, administrador da Sociedade para o Desenvolvimento das Halles, de cujo capital a cidade detém 51%.

De la Malene, que é, de facto, uma espécie de ministro das Finanças de Paris, afirmou, recentemente, numa conferência de Imprensa, que «consideramos esta operação renovadora como um teste que nos permitirá evitar os males que afligem o coração das cidades americanas».

Ele e os seus amigos tiveram, no entanto de ceder um pedaço. Nos projectos originais pretendia-se demolir uns 40 hectares e desalojar 19 000 pessoas, mas a oposição local conseguiu reduzir a destruição para qualquer coisa como 16 hectares, afectando-se, apenas, uns 3000 moradores.

Parece que tanto o edil-mor como o Governo contavam com a inércia ou o cansaço das gentes para poderem levar a sua a cabo. Mas os apaixonados pelas Halles mostram-se decididos a prosseguir na luta.

Jean Suchy, que se gaba de possuir 17 «canudos» universitários, e é homem sem papas na língua, lançou um apelo aos estrangeiros, pedindo que lhe escrevam para o n.º 113 do Boulevard St. Michel, na esperança de que as cartas vindas do estrangeiro consigam deter aquilo a que chama uma desmiolada ditadura tecnocrática».

«De Gaulle tinha razão ao denunciar os franceses como uma nação de carneiros «afirma Suchy» o nosso unico apoio só pode vir «lá de fora».

ÍNDIOS AMERICANOS: UM DUPLO PREJUÍZO

WASHINGTON

Por WILLIAM GREIDER

O «bussing», que vem a ser o transporte, em autocarro, de estudantes brancos ou negros, para os levar dos «ghettos» respectivos a uma escola racialmente mista, constitui, nos Estados Unidos, um instrumento do anti-segregacionismo. Tal instrumento, que aparece, cada vez mais, perante os juízes americanos, provocou muito menos controvérsias ao ser aplicado a uma outra minoria étnica e isto dá já bastante tempo: trata-se aqui dos índios.

Consideramos o caso da escola índia de Intermountain. Terminada a II Guerra Mundial, deu-se início à desmobilização, pelo que o Governo decidiu encerrar o hospital de Bushnell, na cidadezinha de Brigham, no Utah Mas como isso significaria um prejuízo de 14 milhões de dólares para a comunidade, descobriu-se uma solução: transformar o hospital em escola oficial para os índios. E não faltavam reservas onde ir buscar a população estudantil.

A 600 quilómetros do local encontrava-se a vasta reserva dos navajos, instalada na fronteira entre o Arizona e o Novo México.

O Governo começou, assim, a transportar as crianças para a escola. Estas saem da reserva, geralmente de autocarro, para aquela cidade, ao Norte de Utah, onde ficam internadas durante o ano escolar, só regressando a casa pelas férias. São perto de 1600 alunos da «reserva» a frequentar a escola índia de Intermountain.

ISOLAMENTO RACIAL

Este estabelecimento não é único e não constitui, sequer, um caso limite: as crianças que vivem isoladas, no Alasca, são enviadas, de avião, para uma escola no Oregon, a 2400 quilómetros. Pode dizer-se que há nisto um progresso pois que as crianças, até há pouco tempo, eram transportadas para Oklahoma, que fica 1500 quilómetros mais afastada.

Esta situação existe há anos. Intermountain constitui um caso típico na medida em que o Governo Federal, quando se vê perante um forte que se tornou obsoleto, em qualquer ponto do Oeste, faz dele uma escola para índios. Que diferença existe em mandar as crianças para locais que ficam a 100 ou a 1000 quilómetros?

Um espírito mal intencionado poderia achar divertido comparar a política aplicada às crianças índias e aquela que os tribunais e os poderes públicos preconizam para a educação dos outros jovens americanos. Com efeito, aqueles são de opinião que o isolamento racial significa um obstáculo insuperável no caso de uma criança negra, cuja segregação seja deliberada.

Tudo indica que as crianças índias sofrem um duplo prejuízo. Perdem as vantagens sociais e culturais que poderiam colher frequentando uma escola no seu próprio meio e, entretanto, não são postas em contacto com os garotos das outras raças, brancos ou negros.

O caso foi posto perante os tribunais: um estudante de Intermountain, de 21 anos de idade, é de opinião que o Governo não tem o direito de transportar as crianças navajas, ao longo de enormes distâncias, com o fim de as educar.

Os índios, em geral, preferem afastar-se dos problemas postos pela dessegregação. Sentir-se-iam encantados se conseguissem viver à parte, mas como iguais. No processo de Intermountain, pede-se ao Governo que cumpra as suas obrigações legais para com a tribo navaja, dando às crianças índias escolas decentes — nas reservas onde vivem os pais.